

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

**ALFREDO FERNANDO AIRES DE LOS SANTOS**

**MEMÓRIAS DA CULTURA JAPONESA NO RIO GRANDE DO SUL (1970-1980):  
LEMBRANÇAS DOS SENSEIS DE KARATE-DO SHOTOKAN**

**Porto Alegre, 2017.**

**ALFREDO FERNANDO AIRES DE LOS SANTOS**

**MEMÓRIAS DA CULTURA JAPONESA NO RIO GRANDE DO SUL (1970-1980):  
LEMBRANÇAS DOS SENSEIS DE KARATE-DO SHOTOKAN**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Profa. Dra. Janice Zarpellon Mazo

**Porto Alegre, 2017.**

### CIP - Catalogação na Publicação

Aires de los Santos, Alfredo Fernando  
MEMÓRIAS DA CULTURA JAPONESA NO RIO GRANDE DO SUL  
(1970-1980): LEMBRANÇAS DOS SENSEIS DE KARATE-DO  
SHOTOKAN / Alfredo Fernando Aires de los Santos. --  
2017.  
114 f.  
Orientadora: Janice Mazo.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-  
Graduação em Ciências do Movimento Humano,  
Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Karate-do. 2. Cultura Japonesa. 3. História do  
Esporte. I. Mazo, Janice, orient. II. Título.

**ALFREDO FERNANDO AIRES DE LOS SANTOS**

**MEMÓRIAS DA CULTURA JAPONESA NO RIO GRANDE DO SUL (1970-1980):  
LEMBRANÇAS DOS SENSEIS DE KARATE-DO SHOTOKAN**

Conceito Final:

Aprovado em ..... de..... de.....

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti - UFRGS

---

Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser - UFRGS

---

Prof. Dr. Kazuo Kawano Nagamine - FAMERP

---

Orientadora – Profa. Dra. Janice Zarpellon Mazo - UFRGS

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este estudo a Adelaide e minha filha Hannah, minha família, que sempre me apoiaram nesta jornada.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que me acompanharam neste processo de elaboração dessa dissertação de mestrado.

Gostaria de fazer um agradecimento especial a Professora Dra. Janice Zapellon Mazo por ter aceitado me orientar nesta dissertação, pelo conhecimento transferido a mim neste processo e principalmente pela paciência e atenção que sempre me deu.

Gostaria de agradecer aos Professores Elisandro Schultz Wittizorecki, Alberto Monteiro, Rogério da Cunha Voser, Carlos Adelar Abaide Balbinotti e Kazuo Kawano Nagamine pelas orientações para a realização deste estudo.

Agradeço aos meus colegas do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física - Nehme, pelo auxílio em diferentes momentos e por compartilhar seus saberes comigo.

Aos entrevistados que participaram deste estudo que colaboraram para o processo de validação de conteúdo, muito obrigado por aceitarem meu convite. As contribuições de vocês foram essenciais para tornar possível este estudo.

Gostaria de agradecer aos Senseis da Federação Sul-Rio Grandense de Karate-do Tradicional e da JKA- RS pelo incentivo e pelo convívio diário. Agradeço também aos meus alunos, por me darem a oportunidade de ensiná-los Karate-do desde cedo e torná-lo parte de suas vidas.

Agradeço também ao meu *Sensei* Mitsuo Inoue, ao *Sensei* Yasutaka Tanaka, ao *Sensei* Yoshizo Machida, ao *Sensei* Yasuyuki Sasaki (in memoriam), ao *Sensei* Kazuo Nagamine e ao *Sensei* Luiz Tasuke Watanabe pelos seus ensinamentos e pela atenção que sempre me deram.

## RESUMO

O Karate-do, quando visualizado enquanto uma prática esportiva, é um fenômeno sociocultural sustentado por uma base histórica, dotado de sentidos e significados. Tal prática de luta suscita representações de identidades culturais nos grupos de praticantes. As identidades culturais são construções históricas inseridas em determinado contexto social que, no decorrer das transformações do tempo e do espaço, são também modificadas, negociadas, reconstruídas. Como criação cultural e social, a identidade cultural não é inerente ao sujeito, não nasce com ele, mas é produzida em uma relação de interdependência com o diferente e com o semelhante. O presente estudo tem como objetivo investigar as memórias da cultura japonesa no Rio Grande do Sul nas décadas de 1970 e 1980, a partir das lembranças dos senseis de Karatê Shotokan. A escolha para esse recorte temporal refere-se à década de chegada do Sensei Tasuke Watanabe ao Rio Grande do Sul, o responsável pela introdução do estilo Shotokan no Estado e encerra com o afastamento do referido sensei do estado do Rio Grande do Sul. A presente pesquisa utilizou-se do método qualitativo para obtenção e análise das informações. As entrevistas foram escolhidas como fonte de coleta de informações por constituírem-se em uma estratégia que permite o estabelecimento de um vínculo melhor e de maior profundidade com o entrevistado. Por intermédio das fontes analisadas foi possível entender o contexto do recorte temporal apresentado e pudemos observar que houve por intermédio da prática do karate-do a transferência de elementos da cultura japonesa nos seus participantes e também pudemos verificar que não houve problemas de aceitação dos elementos da Cultura Japonesa dentro da Cultura Sul Rio Grandense por causa da grande miscigenação que existe no Rio Grande do Sul pela sua colonização europeia.

**PALAVRAS CHAVE:** Karate-do; Cultura Japonesa; História do esporte.

## **ABSTRACT**

Karate-do, when visualized as a sports practice, is a sociocultural phenomenon sustained by a historical basis, endowed with meanings and meanings. Such a practice of struggle raises representations of cultural identities in groups of practitioners. Cultural identities are historical constructions inserted in a certain social context that, in the course of the transformations of time and space, are also modified, negotiated, reconstructed. As cultural and social creation, cultural identity is not inherent in the subject, not born with it, but is produced in a relation of interdependence with the different and with the like. The present study aims to investigate the memories of Japanese culture in Rio Grande do Sul in the 1970s and 1980s, from the memories of Shotokan karate senseis. The choice for this temporal cut refers to the decade of the arrival of Sensei Tasuke Watanabe to Rio Grande do Sul, responsible for the introduction of the Shotokan style in the State and ends with the removal of the aforementioned sensei from the state of Rio Grande do Sul. Qualitative method for obtaining and analyzing the information. The interviews were chosen as a source of information gathering because they constitute a strategy that allows the establishment of a better and deeper bond with the interviewee. Through the analyzed sources it was possible to understand the context of the presented temporal cut and we could observe that through the karate-do practice the transfer of elements of the Japanese culture in its participants and also we could verify that there were no problems of acceptance of the elements of the Japanese Culture within the South Rio Grande Culture because of the great miscegenation that exists in Rio Grande do Sul for its European colonization.

**KEY WORDS:** Karate-do; Japanese culture; History of sport.

## RESUMEN

El Karate-do, cuando se ve como una práctica deportiva, es un fenómeno sociocultural sostenido por una base histórica, dotado de sentidos y significados. Tal práctica de lucha suscita representaciones de identidades culturales en los grupos de practicantes. Las identidades culturales son construcciones históricas insertadas en determinado contexto social que, en el transcurso de las transformaciones del tiempo y del espacio, son también modificadas, negociadas, reconstruidas. Como creación cultural y social, la identidad cultural no es inherente al sujeto, no nace con él, sino que se produce en una relación de interdependencia con lo diferente y con lo semejante. El presente estudio tiene como objetivo investigar las memorias de la cultura japonesa en Rio Grande del Sur en las décadas de 1970 y 1980, a partir de los recuerdos de los senseis de Karate Shotokan. La elección para ese recorte temporal se refiere a la década de llegada del Sensei Tasuke Watanabe a Rio Grande del Sur, el responsable por la introducción del estilo Shotokan en el Estado y cierra con el alejamiento del referido sensei del estado de Rio Grande del Sur. Se utilizó el método cualitativo para la obtención y el análisis de la información. Las entrevistas fueron elegidas como fuente de recolección de informaciones por constituirse en una estrategia que permite el establecimiento de un vínculo mejor y de mayor profundidad con el entrevistado. Por intermedio de las fuentes analizadas fue posible entender el contexto del recorte temporal presentado y pudimos observar que hubo por medio de la práctica del karate-do la transferencia de elementos de la cultura japonesa en sus participantes y también pudimos verificar que no hubo problemas de aceptación de los elementos de la cultura japonesa Cultura Japonesa dentro de la Cultura Sur Río Grandense a causa del gran mestizaje que existe en el Río Grande del Sur por su colonización europea.

**PALABRAS CLAVE:** Karate-do; Cultura Japonesa; História del Deporte.

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1- Funakoshi (sentado 2º da esquerda, na 2ª fila) .....	21
Figura 2– Primeiro grupo de faixas pretas do Mestre Funakoshi .....	26
Figura 3– Primeiro grupo de faixas pretas nos Estados Unidos de América .....	38
Figura 4– Treinamento na comunidade de Okinawa - SP .....	40
Figura 5– Primeiro grupo de faixas pretas no Brasil nos anos 60 .....	41
Figura 6– Ugo Arrigoni, Alfredo Aires e Yasutaka Tanaka.....	42
Figura 7– Ugo Arrigoni o nº 24 competindo em luta no mundial em Tóquio no Japão em 1977.....	44
Figura 8- I Campeonato Panamericano 1973 (Brasil) .....	45
Figura 9- Campeonato Carioca, Campeão, Ugo Arrigoni. ....	45
Figura 10– Ugo Arrigoni. ....	46
Figura 11–Senseis Machida, Okuda, Tanaka (Campeão Mundial), Sasaki.....	49
Figura 12–Entrega do diploma de 8º. Dan de Karatê-Do JKA para o mestre Yasuyuki Sasaki .....	51
Figura 13 Masatoshi Nakayama na Bahia em 1975. ....	52
Figura 14– Machida Sensei e seus filhos.....	53
Figura 15– Comissão Técnica da JKA do Brasil.....	54
Figura 16– IV Brasileiro que aconteceu no Rio de Janeiro.....	58
Figura 17–V Brasileiro que aconteceu em Salvador na Bahia .....	59
Figura 18–Luta do Mundial com o inglês William Higgings.....	60
Figura 19–Atletas da seleção brasileira de karate de 1972.....	61
Figura 20– Fotografia da sala de recepção da sua academia na rua dos Andradas. ....	62

## SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO .....</b>	<b>12</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>16</b>
<b>3. PELOS CAMINHOS DA HISTÓRIA DO KARATE .....</b>	<b>18</b>
3.1 KARATE-DO .....	20
3.2 O KARATE-DO VAI PARA O JAPÃO .....	21
3.3 O KARATE-DO NO RIO GRANDE DO SUL .....	55
3.4 SENSEIS/TREINADORES.....	64
<b>4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>67</b>
4.1 INTRODUÇÃO DOS ELEMENTOS INTEGRANTES DA CULTURA JAPONESA NA DOCTRINA DO KARATE-DO NA PRÁTICA COTIDIANA DOS DOJO .....	68
4.2 A RELAÇÃO DOS ELEMENTOS DA CULTURA JAPONESA COM A CULTURA SUL RIO GRANDENSE ATRAVÉS DA PERSPECTIVA DOS SENSEI.....	86
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>104</b>
<b>GLOSSÁRIO .....</b>	<b>109</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA .....</b>	<b>111</b>
<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>113</b>
<b>APÊNDICE C – DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE .....</b>	<b>115</b>

## PREFÁCIO

O Karate-do faz parte da minha vida desde os anos 1970, hoje é difícil me definir como pessoa sem pensar no karate-do, esta arte tem me acompanhado em quase todas as etapas da minha vida, primeiro como um simples praticante em minha infância, logo como um competidor e por último como Sensei.

Nasci no Uruguai na cidade de Montevideu e por ter chegado ao Brasil muito jovem a minha educação formal na época ficou inconclusa, lembro que minha única meta era ser um bom karateca e para isso estudava tudo o que fosse referente a arte e o esporte que o karate-do representava na época, este estudo fez despertar em mim curiosidade e alguns questionamentos começaram a surgir na minha mente, ao mesmo tempo meu sensei, japonês, orientava que o karate-do não estava no discurso teórico e sim no conteúdo que a sua prática nos proporcionava. Sinceramente não conseguia vislumbrar nenhum conteúdo que a prática pudesse me passar a não ser muito cansaço por causa dos treinamentos extenuantes que participava.

Vim a entender esta mensagem no decorrer dos anos longe de meu país e das minhas raízes culturais que por causa da minha juventude não tinha percebido que essas raízes existiam, sim a idade, os questionamentos dos meus alunos acrescentaram na minha vida uma capacidade que até agora não tinha exercitado, a reflexão. Pensar nos questionamentos realizados pelos meus alunos, além dos meus próprios questionamentos fez crescer a necessidade de ter que explicar da melhor forma possível o que fazia.

Iniciei um processo de estudo individual, num primeiro momento fui procurar nas referências do Japão, por indicação do meu próprio sensei e por pesquisas tinha realizado pessoalmente, tudo o que lia me levava a entender a prática de uma forma que os japoneses a sentem, porém se eu fosse a seguir esse entendimento da arte do karate-do não poderia entender todo o que tinha praticado e estudado até o momento e também não poderia explicá-lo para os meus alunos, depois de muita reflexão uma luz apareceu no meu caminho e me fez pensar na minha cultura num primeiro momento, entrei numa fase de reflexão e estudo e comparação de culturas que num primeiro momento era visualização de três culturas diferentes, a minha a do país que sempre tinha estudado e a do Brasil.

Refletir sobre isso mudou minha forma de pensar e a primeira constatação que tive foi que por não dominar a língua portuguesa não conseguia me expressar corretamente e minha intenção era melhorar isso, a primeira decisão que tomei foi a de voltar a estudar e retomar

algo que estava inconcluso na minha vida por causa da minha vinda para o Brasil. O curso que escolhi foi o de Educação Física por ter uma afinidade que era a prática de um esporte que também era considerado uma arte como o karate-do.

Terminei a minha licenciatura plena em 3 anos e posso garantir que em quase todas as disciplinas que cursei encontrei elementos que podiam ser relacionados com o karate-do, seja em formas de treinamentos, em teorias pedagógicas e outras, em resumo, sabia que logo me tornaria um profissional de educação física porém como professor de karate-do a minha visão e percepção do que tinha nas minhas mãos tinha aumentado consideravelmente.

Perceber que tinha profissionais em quase todas as áreas da Educação Física com as mesmas necessidades que as minhas e isso me fez refletir novamente sobre como estavam sendo ensinadas as disciplinas chamadas de essencialmente práticas por ser oriundas de um país onde a língua as vezes é um empecilho para o aprendizado como o karate-do e outras, novamente a minha reflexão levou-me a pensar nos valores socioculturais que o karate-do transmite na sua prática. Pequenas passagens ou observações que nossos mestres nos fazem ou faziam na época da nossa formação, eram e são valores socioculturais que estão não só arraigados a prática e sim a convivência com estas pessoas que ensinam a arte de uma forma simples.

Entender isso depois de muitos anos de prática e estudo para mim hoje faz toda a diferença, sei que se conseguir falar numa aula de aquilo que estiver sentindo me sentirei muito bem e tenho certeza que quem receber esse ensinamento também.

A partir desta reflexão justifico o estudo sobre como foi difundida a cultura japonesa pelos Senseis de karate-do no Estado do Rio Grande do Sul nas décadas de 1970 e 1980.

## 1. INTRODUÇÃO

O Japão constitui sem dúvida alguma um mundo diferente quanto à estrutura social, religiosa, mental, e como soma de tudo isso, cultural. Por essas circunstâncias, o enfrentamento doutrinal tem se apresentado através do tempo como uma constante histórica. Isso ocorreu por meio de contatos pacíficos e comerciais e outras vezes em confrontações agressivas e dominantes. Esse intercâmbio origina a miscelânea cultural sob a qual tem se estruturado o curso das civilizações.

Nascidas no Japão, as ondas culturais se trasladam, invadem as culturas vizinhas e voltam carregadas delas. Com isso, as ideias se misturam e as civilizações se desenvolvem com esse impulso. Assim, como uma pequena onda dentro desse intercâmbio cultural, as artes marciais tem seguido esse fluxo para o ocidente. Ao chegar, tem se confrontado com uma característica da cultura ocidental: sua esportivização. A forma esportiva implantada é uma versão transformada da arte marcial que foi trazida do Japão, sua concepção se torna variada e passa a formar parte de um contexto universal de atividades físicas, conservando, no entanto, dentro delas certa personalidade própria diferenciadora.

Na América, a industrialização desordenada e ambiciosa gerou sentimentos de ansiedade, descontrole, insegurança e a crescente violência urbana, em que valores socioculturais e filosóficos estão pouco presentes no universo de aprendizagem do ser humano. Há muito tempo a prática da arte marcial é para o ser humano algo que está representado, às vezes, no imaginário e, às vezes, na realidade. Isto tem tornado o ensino das artes marciais algo místico, o que na nossa época atual não facilita o aprendizado e sim o surgimento de uma ampla gama de interpretações que não levam ao aluno em direção ao estudo e a prática da arte marcial como defesa pessoal e para a melhoria do caráter dos seus praticantes que seria a ideia original e sim o afastam dela.

A introdução das artes marciais no ocidente foi realizada por intermédio de filmes que representavam essencialmente uma forma de luta, muitas vezes de uma maneira fantasiosa. Nesses filmes não existia uma representação da realidade das artes marciais e sim um produto elaborado para ser vendido e disseminado no ocidente. Alguns poucos seriados demonstraram a relação entre cultura, filosofia e técnica, que dentro do meu ponto de vista como praticante e como professor de karate-do são fundamentais para o desenvolvimento das artes marciais.

O Karate-do, quando visualizado enquanto uma prática esportiva, é um fenômeno

sociocultural sustentado por uma base histórica, dotado de sentidos e significados, dessa forma, influenciando nas identidades culturais dos grupos nos quais ele ocorre (OLIVEIRA NETO, 2010). As identidades culturais são construções históricas inseridas em determinado contexto social e que, no decorrer das transformações do tempo e do espaço, são também modificadas, negociadas, reconstruídas. Como criação cultural e social, a identidade cultural não é inerente ao sujeito, não nasce com ele, mas é produzida em uma relação de interdependência com o diferente e com o semelhante (CUCHE, 1999; WEBER, 2006; SILVA, 2012).

Hoje passamos por um período de extremo controle cultural, autores como Stuart Hall (1997) nos mostram que estamos vivendo sob a centralidade da cultura. A partir disso, nosso vínculo com as coisas e artefatos culturais modifica totalmente e também o ensino de uma arte marcial como o Karate-do não fica livre a este controle cultural produzido por estes artefatos. De acordo com Pesavento (2004, p. 15) “trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construído pelos homens para explicar o mundo”. No nosso pensar ocidental esses significados, os seus valores e apropriações são construídos em uma relação de interdependência com outros grupos, com outras realidades, com os diferentes e mutáveis contextos em que se inserem, visto que para nós, mente e corpo são visualizados como duas esferas separadas, fato este que no oriente não acontece, lá mente e corpo são um só.

Nesta pesquisa, centrei meus estudos em uma arte marcial em específico, o Karate-do, principalmente na figura do professor Guichin Funakoshi, o responsável por iniciar a transferência dessa arte marcial das ilhas de Okinawa, onde se originou a arte, até a ilha principal do Japão, realizando a primeira introdução do Karate-do em outra cultura. Após foi abordada a introdução do karate-do na América porque acredito que seja importante perceber através desta abordagem inicial como as diferenças culturais entre Oriente e Ocidente influenciaram e influenciam o processo pedagógico atual do Karate-do ensinado no ocidente, principalmente no que é referente aos valores socioculturais e filosóficos do Karate-do os quais acredito serem valores de resgate social aos envolvidos neste processo de aprendizagem.

A partir disso, o presente estudo tem como objetivo investigar as memórias da cultura japonesa no Rio Grande do Sul nas décadas de 1970 e 1980, a partir das lembranças dos senseis de Karatê Shotokan. A escolha do recorte temporal refere-se à década de chegada do Sensei Tasuke Watanabe ao Rio Grande do Sul, responsável pela introdução do estilo Shotokan no Estado, até o período de seu afastamento do estado do Rio Grande do Sul.

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente dissertação de mestrado utilizou-se do método qualitativo para obtenção e análise das informações. Esse método foi escolhido por abordar contextos mais abrangentes que permitem analisar as experiências dos indivíduos sejam elas biográficas ou práticas profissionais e do cotidiano (FLICK, 2009). Segundo Negrine (2010) a partir dessa análise são descritas, interpretadas e discutidas as informações recolhidas no decorrer do processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada.

As entrevistas foram escolhidas como fonte de coleta de informações por constituírem-se como uma estratégia que permitiu o estabelecimento de um vínculo melhor e de maior profundidade com o entrevistado através das perguntas que constavam no roteiro de entrevista (NEGRINE, 2010). A opção pela realização de entrevistas semiestruturadas veio do fato de que por mais que ela seja conduzida mediante um roteiro, o entrevistador tem liberdade para acrescentar novas questões que ele acredite que venham a enriquecer o estudo (MARTINS; THEÓPHILO, 2009; FLICK, 2009).

Foram coletadas informações em fontes impressas e imagéticas, bem como foram produzidas fontes orais. Nesta etapa, o pesquisador realizou o primeiro contato com os participantes, esclareceu os objetivos do estudo e também questionou ao Sensei sobre seu interesse em participar da pesquisa. Após foi realizado o agendamento da entrevista, e posteriormente a realização da mesma. Nessa ocasião foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que o treinador registrasse o seu consentimento em participar do estudo. Foi explicado que no qual constava o tema e o objetivo geral da pesquisa na qual ele se insere e como seria sua participação. Ainda foi esclarecido que os participantes poderiam optar por não participar (se assim o desejarem), ou (no caso de participarem) não querer que seus dados fossem utilizados no estudo. Por fim, foi acordado com os participantes o respeito aos critérios de confidencialidade e privacidade, mantendo suas identidades em sigilo e utilizando apenas as informações que os treinadores concordaram em expor.

Cabe salientar que a aplicação da entrevista foi realizada de forma individual, sempre pelo mesmo entrevistador, e foi gravada para que não se percam dados importantes. Após a gravação da entrevista (feita através de gravador digital de áudio), a mesma passou por uma transcrição e análise de depoimento oral. Tendo sido concluídas as transcrições, as mesmas foram encaminhadas, via correio eletrônico, para os entrevistados. Assim, os mesmos puderam avaliar o conteúdo transcrito, aprovando-o, refutando-o, ou aprovando-o com correções. Conforme foi acordado com os participantes, foram respeitados os critérios de

confidencialidade e privacidade, mantendo suas identidades em sigilo e utilizando apenas as informações que os treinadores concordarem em expor.

Depois de realizada a entrevista, o Sensei foi indagado se possui algum registro que, de alguma forma, pudesse trazer informações sobre a maneira que conduz suas aulas. Em caso de o Sensei possuir tais registros, foi solicitado se haveria a possibilidade de disponibiliza-los para a realização do estudo. Assim, esperava-se que as fontes documentais pudessem contribuir diretamente para elucidar as questões da pesquisa.

Com relação a análise dos dados, o material obtido através da realização das entrevistas e fontes documentais foi submetido ao processo de análise de conteúdo, que consiste em explorar o conjunto de opiniões e representações sobre o tema que está sendo investigado (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2010). De acordo com Bardin (2011) e Bacellar (2008) esse método é feito através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens que visam obter indicadores que possibilitam inferências que auxiliam a compreender o contexto de elaboração, o significado de suas expressões e as intenções de seu autor(es). Inicialmente, as informações coletadas foram organizadas e categorizadas de acordo com os objetivos do estudo e com a fundamentação teórica, no entanto, esperava-se que no decorrer desse processo pudessem emergir categorias nativas ao estudo que ajudariam a categorizar as informações de forma mais objetiva como sugere Bardin (2011).

As categorias utilizadas neste estudo foram categorias semânticas, por centrarem-se nos temas dos textos analisados, ou seja, “no que é dito no texto” (BAUER, 2013; MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2010). Após essa etapa os materiais foram analisados profundamente de modo a produzir as devidas interpretações de modo que foi estabelecido um diálogo entre os objetivos da investigação, realizando uma comparação entre os dados encontrados, buscando diferenças e semelhanças para cada categoria presente no estudo (FLICK, 2009; MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2010).

### 3. PELOS CAMINHOS DA HISTÓRIA DO KARATE

Este estudo está inserido no campo de investigação da História do Esporte, campo que vem se consolidando, desde 1960, como espaço interdisciplinar que aproxima teorias, metodologias e pesquisadores, tanto na Educação Física quanto de outras áreas do conhecimento como Antropologia, a História, a Psicologia e a Sociologia (MELO; FORTES, 2010). Vamplew (2012, p.6) afirma que “a história do esporte pode ser considerada como a memória esportiva de uma nação”. O esporte constituiu-se em um fenômeno histórico-cultural.

A cultura integra-se nos diferentes mecanismos sociais que perpassam pelo universo simbólico-espacial do agente, o corpo tem um papel determinante como filtro e percepção cultural, seja através dos sentidos, ou compreendida como experiências. Na formação do universo cultural têm-se diferentes níveis de compreensão, seja nas formas de integrar-se aos outros, nas diferentes formas de aprendizado ou na influência do meio ambiente. O termo cultura empregada como sinônimo de civilização, através da tradição iluminista, é interpretado por seus elementos individuais, o chamado agente sociais e/ou históricos, neste sentido que Elias (1984) aponta para uma idéia de civilização representada por um coletivo que define certas normas, mas que, inserido nesta teia de significados, o ser humano procura na sua formação cultural características múltiplas de relacionamento no pensar e agir.

O esporte é um elemento integrante da cultura e da sociedade moderna, ao tempo que constitui para o indivíduo um meio que contribui para a sua formação cultural e a interação social. Ele também não é um fenômeno separado em nossa sociedade, pelo contrário, se encontra intimamente ligado a muitos aspectos da vida cotidiana e socioeconômica. Seguidamente se tomam decisões que afetam o terreno esportivo, pela parte dos governos, por motivos políticos e ou econômicos, neste sentido condiciona e é condicionado por múltiplos fatores de natureza diversa: social, cultural, política, econômica, etc, pelo qual estudar o comportamento de um sujeito em situação desportiva é importante tomar em consideração estas mutuas e recíprocas influências.

Segundo Sasaki (1995), cada cultura oriental tem implantado um forte traço no estilo individual que ela adotou e, recentemente, cada estilo de karate-do vem sendo submetido a severo e contínuo teste de combate real. Por causa deste processo de seleção natural, aquelas formas de karate-do que sobreviveram ao teste de combate contêm as essências das técnicas efetivas. Podemos notar que Funakoshi ao começar a difundir a sua arte foi muito cuidadoso ao escolher para que tipo de pessoa iria ensinar, sempre se preocupou que seus conhecimentos

fossem transmitidos para pessoas da aristocracia e de classes mais abastadas que tivessem um nível educacional elevado. Desta forma poderiam entender a consistência do Karate-do e seus valores filosóficos e socioculturais, desta maneira procurou formar um grupo de pessoas que tivessem pleno discernimento de aquilo que estavam praticando.

Com o passar dos anos este método de ensino só funcionava com seus alunos japoneses, pois a forma de aprendizado no Japão é fundamentada na repetição e através desta repetição consegue-se chegar ao entendimento ou “insight” de aquilo que o Mestre está tentando ensinar. A relação entre mestre e discípulo pertence às relações elementares da vida e ultrapassa muito os limites da matéria que ensina, ele se limita a breves indicações e não espera que o aluno faça perguntas. Observa tranqüilamente suas ações, sem esperar independência ou iniciativa própria, aguardando com paciência o crescimento e a maturação. Os dois dispõem de tempo: “o mestre não pressiona, o discípulo não se precipita”. (Herrigel, 1995, p. 51).

A arte é estimulada a surgir no homem através da técnica que, em si, ainda não é arte: "A técnica é transformada em arte por quem a emprega" (Funakoshi, citado em Sasaki, 1995, p. 91). Toda a concepção de aprendizagem, acima destacada, faz parte da maneira pela qual pode-se fazer de uma técnica uma arte através do homem. Da mesma forma que foi difundida a arte do karate-do por Funakoshi no Japão, os primeiros mestres Japoneses que introduziram o karate-do na América, imitaram seu mestre na forma de difundir a arte e utilizaram uma metodologia estritamente japonesa para ensinar seus alunos. A primeira barreira cultural enfrentada por eles foi a linguagem, não saber a língua local não permitia uma explicação mais ampla do significado da arte do karate-do para seus alunos que diferentemente dos seus alunos japoneses, perguntavam a cada momento para que servia tal golpe ou movimento, perguntas estas não esperadas pelos mestres japoneses.

No Brasil não foi diferente a introdução da prática de luta. Os primeiros mestres não vieram a ensinar karate-do como representantes do estilo Shotokan, mas sim vieram para trabalhar em fazendas de cultivo de café e como tinham treinado karate-do, terminaram se tornando mestres de karate-do. Um dos principais mestres em difundir esta arte foi Yasutaka Tanaka, que ministra aulas ainda nos dias de hoje no estado do Rio de Janeiro, inicialmente trabalhou no estado de São Paulo e logo se transferiu para o Rio de Janeiro. Este mestre formou a maioria dos grandes mestres atuais que também foram os antigos campeões e entre eles a pessoa que introduziu o karate-do no estado Sul Riograndense o Luiz Tasuke Watanabe que alguns anos antes de se tornar campeão mundial trouxe o karate-do Shotokan para o estado do Rio Grande do Sul.

### 3.1 KARATE-DO

Segundo uma antiga anedota, o imperador Napoleão ficou surpreso e admirado ao ouvir falar de um país do leste da Ásia que, embora pequeno, era independente e não possuía armas. Localizado no sul do Japão, esse país, anteriormente chamado de Reino dos Ryukyus e hoje conhecido como prefeitura de Okinawa, foi o berço do karate-do. No passado, o karate-do era sempre escondido dos estranhos e mantido em segredo absoluto, é por isso que não existem registros escritos que possam nos fornecer informações precisas, a origem foi deduzida por lendas antigas que foram transmitidas oralmente (FUNAKOSHI, 1975). Acreditamos que o karate-do popularizou-se nas ilhas porque existiam segundo Funakoshi (1975) dois decretos proibindo por lei o uso das armas, um deles promulgado a aproximadamente cinco séculos e outro mais ou menos duzentos anos mais tarde.

Ninguém sabe exatamente quando o karate-do apareceu pela primeira vez no Ryukyu, porém a tradição oral nos conta que existem algumas teorias que explicam como haveria surgido o karate nas ilhas, na primeira delas que faz mais de duzentos anos um mestre chamado Sakugawa de Shuri teria voltado da China onde haveria praticado uma forma de *kenpo* que mais tarde foi conhecido como Karate Sakugawa. A outra teoria sustem que o Rei Sho Hashi de Okinawa depois que reunificou os três reinos ao final do século XIV observou que o governo civil era a chave para a construção de uma sólida nação, neste momento ele propugnou a abolição das espadas e lanças e em contrapartida concentrou-se nas melhorias da administração civil e o comércio. A história oral também nos conta que quando o Ryukyu foi conquistado por Satsuma no ano 14º de *Keicho* (1609) foram confiscadas todas as armas das ilhas Ryukyu, estimulando provavelmente a criação de técnicas de mãos vazias.

Segundo Nishiyama (1975), o significado literal da palavra Karate-do, é “o caminho das mãos vazias”. Isto se refere simplesmente ao fato que o karate-do se originou como um sistema de defesa própria que recorria ao emprego efetivo do corpo de seu praticante. Este sistema possuía as técnicas de bloquear e golpear com as mãos, pés ou cotovelos. A arte moderna do karate-do foi desenvolvida a partir da organização e racionalização mais metódica da técnica. E as três linhas do karate-do atual, como atividade física, como esporte e como defesa pessoal, estão embasadas no uso de estas mesmas técnicas fundamentais.

O karate-do tem sua história mais antiga datada de centenas de anos, mas somente com o recente estudo científico das técnicas que foram transmitidas através das gerações anteriores, que elaborou-se princípios para tornar a utilização do corpo mais eficiente durante

sua realização. O treinamento embasado nestes princípios e o conhecimento do funcionamento dos músculos e as articulações e a relação vital entre o movimento e o equilíbrio, permite que o estudante moderno de karate-do esteja preparado, tanto físico como psicologicamente, para defender-se com êxito de qualquer possível atacante.

Como atividade física é quase incomparável. Por ter um dinamismo elevado e fazer emprego equilibrado de um grande número de músculos do corpo, proporciona um exercício geral excelente e desenvolve a coordenação e a agilidade. O karate-do como esporte tem uma história relativamente breve. Com a criação de regras de competição, agora é possível realizar encontros reais, como em outros esportes de competição. Devido à rapidez e variedade de suas técnicas e a coordenação que requer em frações de segundo, muitas pessoas tem demonstrado interesse pelo karate-do de competição.

### 3.2 O KARATE-DO VAI PARA O JAPÃO

Funakoshi foi pedagogo, poeta e calígrafo, acredita-se que foi o primeiro que introduziu esta arte no Japão a convite do Ministério de Educação, no momento em que foi convidado para realizar uma série de apresentações no ano de 1917 no Butokukan em Kyoto que é o Centro Oficial das artes marciais japonesas. Voltou para Okinawa onde era um dos professores mais famosos e em 1922 foi novamente selecionado para viajar novamente ao Japão por causa da Primeira Apresentação Atlética Nacional patrocinada pelo Ministério da Educação. No mesmo dia de sua demonstração ele foi procurado por membros da família Sho, descendentes diretos de Shotai, o último Rei de Okinawa, e foi solicitado a estender sua visita ao Japão para dar mais demonstrações. Inspirado por aqueles pedidos Funakoshi concordou em ficar por algumas semanas. E foi nestas poucas semanas que o curso do karate foi alterado para sempre.



Figura 1- Funakoshi (sentado 2º da esquerda, na 2ª fila) e os alunos posam para uma fotografia em comemoração à demonstração de seu karatê para o Príncipe Herdeiro no Castelo de Shuri no dia 6 de março de 1921. Fonte: livro *Rentan Goshin Karate Jutsu* (de 1926), de Funakoshi Gichin, p.9.

Primeiro veio um pedido de Jigoro Kano, o famoso fundador do judô, para demonstrar karate no Kodokan, o quartel-general do judô. Para auxiliá-lo na demonstração, Funakoshi teve o auxílio de Shinkin Gima, um estudante da Universidade Tokyo Shoka Daigaku, que tinha atingido um alto grau de habilidade no karate enquanto ainda morava em Okinawa. Numa demonstração privada para Kano e membros selecionados do Kodokan, Funakoshi demonstrou o kata (forma de luta imaginária), Kanku Dai, e Gima demonstrou Naihanchi (que é agora conhecido pelos japoneses como Tekki). Kano ficou tão impressionado com a demonstração, a inteligência e sinceridade do pequeno homem, que entusiasticamente implorou a Funakoshi para que este ficasse no Japão um pouco mais para ensiná-lo as bases do karate. Funakoshi realmente ensinou a Kano alguns dos mais básicos bloqueios, socos, golpes e chutes, e Kano mais tarde incorporou alguns deles no kata avançado do judô (FUNAKOSHI, 1975).

Sentindo a humildade de Funakoshi, Kano tratou-o como um colega e introduziu-o a

muitos japoneses influentes, sempre frisando as virtudes de Funakoshi como mestre de uma maravilhosa e importante arte marcial. Kano sabia que Funakoshi possuía a capacidade física e intelectual para fazer o karate crescer e florescer no Japão, e fez tudo o que podia para encorajar Funakoshi a dedicar-se a estes objetivos. Kano agiu como mentor psicológico de Funakoshi, aconselhando-o quando ele estava deprimido, e alegrando seu espírito quando ele estava com saudades de casa. Anos mais tarde, após a morte de Kano, Funakoshi iria sempre parar quando passava pelo Kodokan, e oferecer uma prece ou, se a cavalo ou num bonde, tirar o chapéu. Muitos de seus alunos, que o acompanhavam em suas viagens, ficavam perplexos com isto, e habitualmente perguntavam porque ele estava rezando pelo judô. “Eu não estou rezando pelo judô”, Funakoshi sempre dizia a eles, “eu estou oferecendo uma oração e respeito ao espírito de Jigoro Kano. Sem ele, eu não estaria aqui hoje”.

Em 1922, a tradição marcial ocupava um grande segmento do atletismo japonês. Já em 1895 o governo havia estabelecido o Dai Nippon Butokukai (Associação das Virtudes Marciais do Grande Japão) em Kyoto. Em 1899, o Botokuden (Salão das Virtudes Marciais) era construído em Kyoto próximo do Templo Heian, e um grupo selecionado dos melhores mestres eram pagos para ensinar lá. Em 1911 o Dai Nippon Butokukai Bujutsu Semmon Gakko (Escola Especial de Artes Marciais da Associação das Virtudes Marciais do Grande Japão) era estabelecida no Botokuden, e mestres de vários estilos de todas as partes do Japão regularmente ensinavam e davam palestras lá. Também em 1911 o Ministério da Educação tornou para alunos de escolas intermediárias a escolha de judô ou kendo como uma disciplina obrigatória. Então, ao tempo da primeira Apresentação Atlética Nacional, virtualmente todos os membros das classes altas eram levados por um dever a comparecer e aplaudir as habilidades dos demais jovens.

A participação de tantas pessoas influentes acabou sendo o fator principal e determinante da direção e alcance da vida de Gichin Funakoshi daquele momento até sua morte. A demonstração na Apresentação Atlética Nacional, junto com as introduções de Kano, logo levaram a pedidos oficiais da Academia Militar para o ensino do karatê, da Associação de Promotores de Tokyo e da Sociedade para Pesquisa em Educação Física para o Segundo Grau. A palavra associação representa uma coletividade de pessoas que se reúnem por objetivos em comum (BOUDON, 1990). Desta forma, a expressão “associação esportiva”, é compreendida como um agrupamento de indivíduos que se reúne em torno de uma ou mais praticas esportivas, assim como o Karate-do. Contudo cabe ressaltar a interação social, o lazer, a construção de representações, também fazem parte dos objetivos

conscientes ou inconscientes do grupo. A participação em uma associação é voluntária, mas muitas vezes, depende da aprovação do grupo. Importa ressaltar, que algumas associações não possuíam um espaço físico próprio, especialmente nos primeiros anos de atividade. Salientamos também que os termos clube e sociedade estão inseridos no conceito de associativismo.

Enquanto que desejoso de demonstrar e ensinar a estes grupos, Funakoshi estava ainda debatendo-se com as saudades de casa, preocupado com sua família e sentindo-se culpado por ter deixado suas responsabilidades.

Finalmente, o famoso pintor Hoan Kosugi, presidente do Clube Tabata Popular, uma associação de artistas, pediu a Funakoshi que ensinasse karate aos membros do clube. Após uma lição, um dia, ele implorou a Funakoshi que considerasse a importância do treinamento do karate para todas aquelas pessoas que ele estava ensinando, e que ele examinasse cuidadosamente se poderia, em sua consciência, negar a todas aquelas pessoas os benefícios de sua instrução. Após corresponder-se com sua esposa, quando ela deu a ele sua bênção, Gichin Funakoshi decidiu ficar no Japão e completar aquilo que ele agora via como seu destino divino: ensinar karate ao povo japonês. Toda sua vida até aquele ponto, ele acreditava, tinha sido uma preparação para esta grande missão.

Enquanto que os japoneses em geral eram relutantes em abraçar qualquer coisa de origem de Okinawa, eles eram mais que desejosos de buscar qualquer coisa que fosse feita pelas classes altas. Enquanto que o karate, em termos de popularidade, não foi muito popular com o povo, ele floresceu como uma moda nas classes mais altas. As representações são determinadas pelos interesses do grupo que as utiliza e produzidas historicamente. “Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade” (PESAVENTO, 2004, P.39). Os grupos se representam por associações esportivas e produziam representações a partir delas. Através de um conjunto de símbolos os sujeitos e as associações eram identificados interna e externamente.

Segundo Chartier (2000, p.23), a noção de representação é a “pedra angular” nos estudos culturais, pois a partir dela os grupos sociais podem ser classificados, diferenciados e reconhecidos simbolicamente.

Em junho de 1922 o *Tokyo Nichi-nichi Shimbun*<sup>1</sup> introduziu o karate ao público japonês

---

<sup>1</sup> The *Tokyo Nichi Nichi Shimbun* foi o primeiro jornal publicado em Tóquio. Foi fundado por Jono Denpei, um escritor de ficção popular; Nishida Densuke, ex-funcionária da biblioteca; E Ochiai Ikujiro, um *artista ukiyo-e*. O jornal diário lançado em 29 de março de 1872 - ano marcado pelo grande desenvolvimento das comunicações no Japão: abertura de vias férreas, inauguração do serviço telegráfico entre Tóquio e Osaka, estabelecimento do serviço postal nacional e grande parte dos jornais fundados em todo o país. Funcionou até 1943, quando as edições de Tóquio e Osaka se uniram em um diário denominado *Mainichi Shimbun*.

com um título, "Karate - a misteriosa arte marcial produzida pelo ódio". Este artigo, o primeiro produzido no Japão a respeito de karate, enfatizava os aspectos aterradores e sensacionalistas da arte. O karate de Funakoshi, o artigo enfatizava, era uma arte insidiosa que poderia matar um homem pelo esmagamento de seus órgãos internos sem danificar sua pele ou músculos. Entretanto, o artigo também trazia uma declaração de Funakoshi, que dizia:

"Essencialmente, o objetivo principal do karate é a defesa. O movimento inicial tem sido há tempo estritamente proibido, e é dito que não há movimento inicial no karate. Esta arte marcial é para cultivar uma mente modesta, que não deve ser inutilmente levada pelo espírito marcial. Mais que isso, ele não requer armas. Então eu penso que é a mais apropriada arte de defesa pessoal. É ainda muito eficaz no treinamento do corpo, uma vez que os órgãos são movidos de maneira coordenada. Pela minha observação, não há dúvida que ajuda as pessoas a viver mais".

Em menos de nove meses, o karate se tornou à coqueluche da *intelligentsia*. Em 1922 ele estabeleceu o primeiro clube de karate japonês formal no Meisei Juku, um dormitório e escola para os recém chegados alunos de Okinawa no bairro Suidobata de Tokyo. Para sustentar-se, ele limpava o dormitório durante o dia, cuidava dos jardins e gramados, e ensinava karate numa sala de palestras a noite. Jogando-se completamente nesta missão, ele escreveu o primeiro livro de karate, intitulado Ryukyu Kempo: Karate. Publicado por Bukyosha em 1922, o livro continha introduções escritas por personalidades como o Príncipe Hisamasa, ex-governador de Okinawa; o almirante Rokuro Yashiro; o vice-almirante Chosei Ogasawara; Príncipe Shimpei Goto; contra-almirante Norikazu Kanna; professor Norihiro Tono e jornalista Bakumonto Sueyoshi do Okinawa Times. Este projeto foi realizado grandemente com o estímulo de Hoan Kosugi, que concordou em desenhar o livro se Funakoshi o escrevesse.

Um best-seller imediato, de acordo com padrões de livro-texto, o livro continha capítulos intitulados "O que é o karate", "O valor do karate", "Treinamento e Ensino do karate", "A organização do karate", "Kata e fundamentos", e um apêndice contendo "Precauções na prática".

Na introdução Funakoshi marcou seus ideais de karate para o povo japonês. Nela, ele falou das "sementes da destruição" que "escondem-se profundamente dentro das sombras da

natureza humana”. Ele lamentou o declínio da forma física dos homens jovens no Japão e sugeriu que o karate era a arte que iria aumentar o nível de saúde, força e vitalidade dos jovens da nação. Ele manifestou-se contra a complacência e disse que a “espada e a caneta são tão inseparáveis como duas rodas de uma carreta... Um homem deve unir ambos os campos se quiser ser considerado um homem de sucesso”.

O sucesso inicial deste livro foi reduzido, por algum tempo, pela destruição das placas do livro no Grande Terremoto de Kanto em 1º de Setembro de 1923. Seguindo-se à devastação do terremoto, o livro não foi impresso novamente até 1926, quando foi reeditado por Kobundo como *Rentan Goshin Karate-jutsu (Fortalecendo a Vontade e a Defesa Pessoal através das Técnicas de Karate)*.

Muitos dos melhores pupilos de Funakoshi foram perdidos no terremoto, também, e ele foi forçado a empregar-se no Banco Daiichi Sogo em Kyobashi, fazendo cópias de documentos. Uma vez que à distância até o Meisei Juku era grande, Funakoshi foi convidado a mudar seu dojo ao dojo de kendo de Hakudo Nakayama, o grande professor de kendo e fundador do moderno *Iaido*<sup>2</sup>.

A significação da oferta de Nakayama não pode ser subestimada, pois na forma de ver japonesa, o dojo é "o local onde o caminho é estudado", e é um local sagrado, não para ser usado para nenhum outro objetivo, e para ser tratado com seriedade. Para um grande sensei de kendo, encarar outra arte com tanto respeito que o levasse a permitir sua prática em seu dojo, era impensável. Então, mesmo com a devastação do terremoto, Funakoshi (através da generosidade de Hakudo Nakayama) conseguiu manter vivo o interesse pelo karate.

Com 56 anos, quando a maioria dos homens está pensando em aposentar-se, ele inscreveu-se e foi qualificado para o Concurso para Atletas de Tokyo e recebeu permissão para dar uma demonstração formal de karate no Salão Jicho ("Salão do Autogoverno") em Ueno, Tokyo, em 1924. Com a propaganda que cercou o evento, mais uma vez o karatê estava a caminho da popularidade.

Durante os anos 20 e início dos anos 30, Funakoshi continuou a ensinar no dojo de kendo de Nakayama, e o número de alunos ativos cresceu sempre, até que sua fama conseguiu que ele fosse convidado a demonstrar karate na residência Imperial no salão Sainei-Kan na área do palácio. Anos mais tarde, Funakoshi relembriaria esta demonstração de

---

<sup>2</sup> O Iaido é a arte de desembainhar, cortar, perfurar e defender, com a espada japonesa, numa grande diversidade de situações, contra um ou mais oponentes. Enquanto sentado, em pé ou em andamento e sendo atacado por todos os lados, o esgrimista deve antecipar, defender e retaliar. O Iai focaliza o ataque e a defesa em termos como a distância, o centro do golpe e o empunhar da espada. Em unidade com os mesmos deve seguir o espírito de interceptação do ataque do adversário, de forma harmoniosa, e a sua consequente derrota psicológica. Esta é a verdadeira defesa pessoal. Fonte: [http://cbkendo.com.br/?page\\_id=140](http://cbkendo.com.br/?page_id=140)

20 de março de 1928, com ternura, como sendo um dos pontos mais altos de sua vida. Era incrível e impensável (para Funakoshi talvez mais que para outros) que um “estrangeiro” (até os dias de hoje os okinawanos se consideram estrangeiros no Japão) recebesse um convite pessoal da Agência da Residência Imperial para colocar os pés na área do palácio - muito menos fazer uma demonstração para a família real. Mas a história da demonstração de Funakoshi com 15 alunos espalhou-se depressa, e o karate foi mais uma vez beneficiado com um grande impulso, através da família real.

Entre 1920 e 1928 o karate estava crescendo firmemente, primeiramente através de universidades e colégios, mas também através da instrução de grupos de empregados em empresas como a Loja de Departamentos de Tokyo e a Companhia da Estrada de Ferro, as Lojas de Departamentos de Matsuzakaya, e outras.

Em 1924, Funakoshi recebeu o pedido do professor Shinyo Kasuya do Departamento de Língua Germânica e Literatura da Universidade de Keio para ensinar um grupo de alunos da universidade. Funakoshi foi rápido em aceitar o convite, e o clube foi rapidamente organizado numa base formal com a sanção da universidade. O clube Keio foi o primeiro clube de karate colegiado no Japão, e continua ativo até hoje.

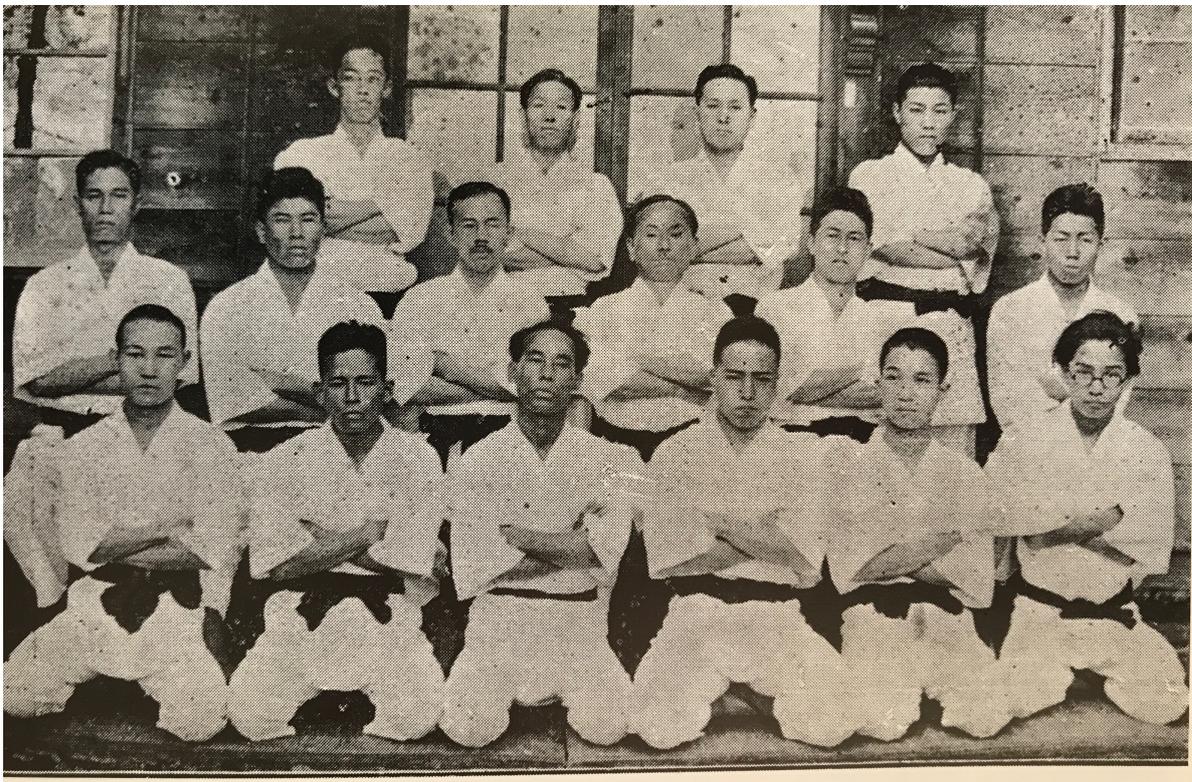


Figura 2– Primeiro grupo de faixas pretas do Mestre Funakoshi (sentado na fileira central, 4º da esquerda para direita), sentado a sua direita o professor Kasuya Masahiro da Universidade de Keio. Fonte: livro *Rentan Goshin Karate Jutsu* (de 1926), de Funakoshi Gichin, p.9.

Em 1925, alunos de vários outros colégios começaram a vir até Funakoshi para instrução, e eles gradualmente organizaram clubes em seus campus no curso dos anos seguintes. Em 1926 o Clube de Karate da Universidade de Tokyo foi oficialmente formado, seguido no início dos anos 30 por clubes em Takushoku, Chuo, Shodai (agora chamado Universidade Hitotsubashi), Gakushuin, Hosei, Nihon, Meiji, e outros, até hoje existem mais de 200 clubes de karate colegiados no Japão.

Não apenas a popularização do karate no nível das universidades ajudou a divulgar a arte no Japão, mas mais tarde exerceu uma grande influência na internacionalização do karate Shotokan nos anos 60. O crescimento do karate de Funakoshi continuou durante os anos 30, e sua popularidade gerou muitos outros ryu (escolas ou estilos).

Os quatro estilos originais, entretanto - Shotokan, Goju, Wado e Shito -compõem e continuam a compor a maior parte do karate japonês. Diferentemente de hoje, havia muito pouco desentendimento entre os líderes das várias escolas no Japão. Era perfeitamente aceitável, eles acreditavam, que diferentes mestres ensinassem de formas diferentes, afinal, eles todos estavam esforçando-se pelo mesmo ideal - aperfeiçoamento do caráter humano através do karate-do.

Parcialmente em função da crescente popularidade do karate no Japão, foi durante o período de 1930-1935 que o karate de Funakoshi passou por suas maiores mudanças. Masatoshi Nakayama, o maior mestre que aquele período produziu, mais tarde relembra:

As pessoas em minha geração deviam estudar artes marciais começando com o primário, e continuando até a formatura do segundo grau. O Karate não era ensinado nas escolas naquela época, então todos nós tínhamos estudado judô ou kendo. Eu comecei a treinar kendo no primário, por exemplo, e meus amigos também haviam praticado por um longo tempo. Mas judô e kendo estavam centrados no combate - jogar um oponente ou mesmo abater um oponente com a espada. Então a idéia de combate estava profundamente colocada em nós, e nós realmente precisávamos do aspecto combativo que faltava no karate. Mestre Funakoshi entendeu isto, e começou a mudar os seus métodos de ensino para satisfazer as necessidades da nossa geração mais jovem. Nós precisávamos mais que apenas kata todo o tempo, e ele percebeu que as coisas precisariam mudar se ele quisesse atrair gente jovem e ver sua arte crescer. Então ele escolheu técnicas do kata e começou a ensinar gohon kumite (pugilismo de cinco etapas) baseado nas técnicas individuais do kata. A coisa mais significativa sobre isto é que esta foi à primeira vez que o karate foi ensinado de outra forma que não a aplicação de movimento de kata

para a autodefesa, e todo o sistema do kumite (pugilismo) desenvolveu-se num único período de cinco anos. Durante meus primeiros cinco anos no colégio, o treinamento de karate foi dividido nos três aspectos principais que nós conhecemos hoje -kihon (treino básico) kata e kumite, (HASSEL, 1983).

Em novembro de 1936, a União Colegiada de Karate de Todo o Japão foi formada e Nakayama uniu-se a Funakoshi em uma demonstração no Centro Cívico de Tokyo. Pela primeira vez o público foi capaz de ver como um estudante de karate progredia do pugilismo de cinco etapas para o de uma etapa, o semilivre e o livre pugilismo.

Em 1935 os homens do karate de todo o Japão juntaram forças para fazer uma homenagem a Funakoshi por seu incansável trabalho na introdução do karate no Japão: eles formaram um comitê que solicitava fundos para a construção do primeiro dojo de karate do mundo.

A construção no prédio em Zoshigaya, distrito de Toshima, começou em meados de 1938, e foi completada no início de 1939. Foi assim que Gichin Funakoshi, com 71 anos, curvou-se e entrou no primeiro dojo de karate em 29 de janeiro de 1939. Como um tributo a ele, da parte dos alunos de karate de todo o Japão, uma placa foi colocada sobre a porta, inscrita com caracteres "Shoto-kan", (a sala de Shoto). Seus alunos haviam usado o nome com o qual ele havia assinado sua poesia para honrar para sempre o homem e seu espírito.

Foi em 1935 e 1936 que Funakoshi reconheceu sua posição como um líder incontestado do movimento do karate no Japão. No que foi para ele um passo corajoso e revolucionário, ele sugeriu, primeiro em artigos no jornal e mais tarde em seu livro, Karate-do Kyohan, que o karate havia realmente se tornado uma arte marcial puramente japonesa, e deveria receber o mesmo respeito prestado ao kendo, judô e outras artes marciais japonesas "puras".

Nesta moderna era da nomenclatura e da conversa duvidosa, é difícil entender a audácia arrebatadora que foi preciso para que o Japão, em 1936, primeiro sugerisse que algo tão estrangeiro como o karate devesse ser considerado japonês, e em seguida propusesse que os caracteres que haviam representado o karate como chinês, em todos os documentos históricos, fossem alterados para caracteres diferentes, representando algo inteiramente diferente.

O que Funakoshi disse, de fato, foi que, em função de que muitas das técnicas haviam sido introduzidas em Okinawa por mercadores e pescadores chineses, os nativos de Okinawa haviam usado a oportunidade de chamar a arte de chinesa. Até 1900, era altamente "moda" em Okinawa ter qualquer coisa ou fazer qualquer coisa que fosse associada com os chineses. Então, o caractere habitualmente usado para kara queria dizer "Tang" e referia-se à dinastia

Tang da China. Mas, como dizia Funakoshi, a arte era claramente de Okinawa em sua natureza, e havia agora se tornado claramente japonesa em sua natureza. Ele, então, escolheu outro caractere para kara, um que é também pronunciado ku, e que é oriundo da tradição Zen.

No sentido Zen, kara quer dizer "vazio" ou "tornar alguém vazio". Citando máximas do Prajnaparamita sutra Budista, o Hannya Shingyo, como o shiki-soku-ze-ku (“forma é vazio”) e o ku-soku-zeshiki (“vazio é forma”), Funakoshi mostrou que ku (também pronunciado kara), representava a própria verdade. Isto, ele acreditava, representava mais corretamente a natureza verdadeira do karate-do como um método de desenvolver perfeição no caráter humano, e ele propôs ao Grupo de Pesquisa de Karate da Universidade Keio que a arte fosse rebatizada Dai Nippon Kempo Karate-do (Método de Punhos de Mãos Vazias do Grande Japão), com kara escrito como “vazia” ao invés de “chinesa”.

Por meses após seu artigo inicial, cartas e artigos foram trocados entre professores descontentes e jornais e revistas. Alguns dos mestres em Okinawa estavam tão chocados e ofendidos que nunca perdoaram Funakoshi pelo que eles consideravam uma traição, mas muitos deles acabaram aceitando a idéia ao cabo de dois anos.

A despeito do problema temporário, Funakoshi publicou Karate-do Kyohan em 1936 com os novos caracteres em lugar dos antigos, e sua vontade prevaleceu. Deste momento em diante, as “técnicas de mãos chinesas” tornaram-se karate-do, “o caminho das mãos vazias”.

Em 1940, com o Japão engajado na guerra em várias frentes, o dojo de Funakoshi estava repleto de jovens desejosos que treinavam muito. Clubes universitários proliferavam, e o tempo do velho homem era totalmente tomado com o ensino do karate.

Seguindo-se ao ataque japonês em Pearl Harbor em 1941, o dojo de Funakoshi estava tão cheio de alunos que eles frequentemente espalhavam-se pela rua e pelos jardins da vizinhança. Com a guerra no Pacífico se alongando, entretanto, mais e mais jovens eram chamados a servir nas forças armadas, e alguns dos mais promissores alunos de karate foram perdidos em batalha. Na primavera de 1945, o filho de Funakoshi, Gigo<sup>3</sup> (Yoshitaka), contraiu tuberculose e foi hospitalizado. Com seu filho gravemente doente e incapacitado de ajudar-lhe (Gigo era um homem de karate brilhante) e o país sobre extrema pressão das bombas americanas, Funakoshi mudou-se para a casa do filho mais velho em Koishikawa.

Enquanto lá vivendo, a primeira de duas grandes tragédias abateu-se sobre Funakoshi.

---

<sup>3</sup> *Funakoshi Gigo/Yoshitaka*) foi um mestre de Karate. Era o terceiro filho do mestre Gichin Funakoshi, criador do estilo Shotokan. Praticava, além do karate de seu pai, outra arte marcial japonesa, o kendo. Mas ao lado de seu pai que deixou as maiores contribuições, modificando sobremaneira o estilo, a tal ponto que se tornou bastante diverso daquele que era sua raiz: dos estilos Shuri-te e Shorin-ryu herdou as técnicas lineares, pelo que priorizou o treino de posturas mais baixas.

O seu dojo tão caro, o monumento vivo dedicado a ele por seus alunos e admiradores, foi completamente destruído num ataque aéreo. Logo após, Gigo, o prometido jovem mestre do karate, que foi destinado a levar adiante a tradição e o trabalho de seu pai, morre.

Vendo tudo pelo qual ele trabalhara em ruínas, Funakoshi realiza então um renovado esforço para trazer sua esposa para o Japão para ficar com ele. Por todos os muitos anos que ele passou em Tóquio, ela permaneceu em Okinawa, cuidando dos idosos e criando os filhos. Agora, com os filhos grandes e Okinawa sob ataque, ela finalmente concorda em unir-se a seu marido, e eles reúnem-se em Oita em Kyushu. Permanecendo no país onde eles podiam levar suas vidas numa terra assolada pela guerra, eles viveram juntos até 1947. No outono daquele ano, a esposa de Funakoshi falece.

Encorajado por seu filho a retornar a Kyoto, Funakoshi carrega com ele as cinzas da esposa na longa jornada de trem, e para sua surpresa, seus antigos alunos reúnem-se em cada uma das paradas para expressar seu respeito e condolências.

Funakoshi embarca num projeto de reconstrução do karate em 1947. Como será visto mais tarde, isto levará ao estabelecimento do Nihon Karate Kyokai (Associação Japonesa de Karate) em maio de 1949.

Em maio de 1949, os alunos de Funakoshi - os clubes universitários, os clubes dos Velhos Rapazes, e os dojo privados em todo o Japão - organizaram-se oficialmente na forma de Nihon Karate Kyokai (Japan Karate Association, comumente chamada de JKA), e nomearam Funakoshi como seu Chefe Instrutor Emérito.

Virtualmente todos os instrutores veteranos haviam retornado de fora do país após a guerra, e eles não tinham capital para investir na construção de um dojo. O JKA funcionou sem um dojo, de fato, até 1955. Durante o período 1949-1955, a organização usou as instalações de vários clubes universitários para treinamento.

Em 1954, Masatomo Takagi, mais tarde Vice-Presidente do JKA, estava se lamentando para seu antigo colega de universidade sobre o desejo que todos tinham de construir outro dojo em tributo ao Mestre Funakoshi. Seu amigo era o irmão mais moço de um homem que possuía um grande pedaço de terra na seção Yotsuya de Tóquio. O amigo de Takagi disse a ele que seu irmão era um cineasta que estava interessado nas qualidades artísticas do budo, e que também estava considerando construir um estúdio de cinema em Yotsuya.

Várias conversas mais tarde, o irmão mais velho concorda em incluir um dojo completo em seus planos de construção para Yotsuya. Aberto em abril de 1955, o dojo de Yotsuya tornou-se a casa permanente do JKA até o princípio dos anos 70, quando um grande dojo foi aberto em Ebisu.

Organizacionalmente, o JKA foi estruturado ao longo de linhas regionais e em 1959 ganhou reconhecimento oficial do Ministério da Educação como a organização oficial de karate do Japão. Primeiramente, era composto dos Velhos Rapazes e clubes universitários das universidades de Hosei, Keio, Takushoku e Waseda. Das três regiões principais, a Região Kanto (Tóquio) era administrada diretamente pelo staff do escritório principal, enquanto que a Região de Hokkaido (ilha do norte), dirigida por Minoru Miyata, e a Região Kansai (Osaka, Kobe e Kyoto), dirigida por Osamu Ozawa, eram administradas pelos clubes dos Velhos Rapazes oriundos de universidades nas respectivas áreas.

O JKA foi originalmente organizado por um número de influentes (e na maior das vezes, ricos) elementos. O primeiro presidente do JKA, Kichinosuke Saigo, era um rico político com grande influência. Entretanto, estes homens não possuíam nem tempo, nem inclinação para administrar os problemas de uma organização tão grande e florescente, e o Corpo Diretivo imediatamente contratou um staff de tempo integral assalariado para administrar a organização.

Com o Japão ainda não totalmente recuperado da guerra, era relativamente fácil encontrar pessoas desempregadas e extraordinariamente talentosas, que possuíam habilidades administrativas e conhecimento de karate. Masatomo Takagi, um gerente de negócios muito talentoso, e quinto dan (faixa preta quinto grau) em karate foi contratado como Secretário Geral. Masatoshi Nakayama foi apontado Instrutor Chefe para conduzir os treinamentos diários na sede principal; Kimio Itoh foi apontado Diretor Administrativo; Hidetaka Nishiyama, uma lenda em seu próprio tempo em karate colegiado, foi apontado Chefe do Comitê de Instrução.

A primeira vista, parece que uma organização com professores e administradores tão qualificados seria bem sucedida, e muito além de qualquer expectativa, e o foi de certa forma, mas não sem severas dificuldades, cujas consequências acabaram por determinar o caminho da internacionalização do karate. É central no entendimento do que aconteceu ao JKA e à exportação do karate para o resto do mundo, a clara percepção da rígida estrutura de classes do Japão anterior a II Guerra Mundial. Ancestrais e riqueza contribuíam para a posição de um homem dentro das linhas de classe. Instituições japonesas, especialmente colégios e universidades, eram formatados de acordo. Até mesmo hoje a riqueza e posição de uma família determinam, em grande parte, que universidade as crianças irão, e as chances de sucesso do formando são grandemente influenciadas pelo colégio que ele frequentou. Com a exceção da Universidade Gakushuin Daigaku, que era originalmente para aristocratas, os "Três Grandes" colégios, em termos de prestígio social e político, eram Keio, Waseda e

Hosei. Formandos destas universidades vinham de famílias ricas e influentes, e não encontravam dificuldade em achar colocação em grandes companhias e instituições. Estes três, juntamente com Takushoku, também representavam o melhor colegiado de karate no Japão.

Takushoku, entretanto, não era parte do "establishment" dos colégios. : Comumente chamado Takudai, ele foi estabelecido antes da Segunda Guerra com o objetivo expresso de produzir administradores treinados para o trabalho além-mar. Takushoku literalmente quer dizer "cultivação e colonização". Os japoneses sentiram que estavam construindo um império em terra estrangeira e precisariam administradores treinados para supervisionar os negócios nas colônias. Os homens de Takudai, então, formavam-se tipicamente em economia, importação e exportação e lei internacional. Os tipos de trabalho disponíveis para formandos de Takudai não eram considerados de prestígio pela velha linha de graduados universitários, e consciência de classe era evidente na JKA, entre o alto escalão de Velhos Rapazes, mais os "baixa classe" homens de Takudai. Esta tensão inevitavelmente se manifestou em disputas acerca de práticas de negócios, de filosofia e métodos de treinamento.

O problema de divisão de classes entre administradores era complicado pelo fato de que o staff de origem Takudai, como Takagi e Nakayama, estava sendo pago para ensinar karate.

Em abril de 1955, quando o JKA abriu seu primeiro dojo comercial numa sala de pré-exibição do Centro de Cinema de Kataoka, uma forte campanha foi lançada para o recrutamento de novos alunos. Muitos dos mestres da velha guarda, líder entre eles Isao Obata de Keio, sentiram que era absolutamente imoral para um homem aceitar dinheiro para ensinar a arte. Mesmo aqueles que não negavam a um homem o direito de ser pago, demonstraram grande oposição ao conceito de colocar o karate no mercado como um produto de consumo. Quando o aluno está pagando o instrutor, eles acreditavam, o instrutor não pode ensinar tão bem como poderia se dinheiro não estivesse envolvido.

Havia, sem dúvida, muitos outros fatores envolvidos, e um deles era a diferença de opinião sobre métodos de instrução, mas é certo que estes dois fatores - divisão ocasionada por sistema de classes e disputas irreconciliáveis acerca da relação apropriada entre professor e aluno - contribuíram em grande medida para a saída dos grupos de Velhos Rapazes da JKA.

Os Velhos Rapazes Hosei foram os primeiros a ir, seguidos pelos grupos Obata e Keio. Sem as limitações dos conservadores Velhos Rapazes das universidades mais importantes, os homens Takudai estavam agora livres para buscar o desenvolvimento do karate a sua maneira, e não é surpreendente que eles tenham escolhido a internacionalização do karate

com tanto vigor; afinal de contas, o seu ensino universitário os tinha especificamente preparado para conduzir negócios no exterior.

E o principal elemento que eles selecionaram para implementar o movimento no exterior foi o karate "esporte".

Enquanto que não exclusivamente o domínio dos homens Takudai, o karate esporte desenvolveu-se primeiramente sob sua supervisão e seguindo as suas linhas de raciocínio. A racional era simplesmente de que a melhor maneira para uma arte como o karate ganhar atenção e ser aceita internacionalmente era sob o formato de um esporte. Isto, deve se acrescentar, nada fez para melhorar a imagem deste grupo aos olhos dos Velhos Rapazes, a maior parte deles ferventemente ligada ao conceito de karate-do como uma arte marcial pessoal que poderia apenas ser denegrida pelo esporte.

A idéia de tornar o karate um esporte com regras para competição não era nova, ou única. Desde 1936 clubes universitários haviam conduzido kokangeiko ("trocas de cortesias e prática"), nas quais eles testavam suas técnicas contra outros tendo como base o estilo livre. Sem normas formais ou supervisão, entretanto, estas sessões de "trocas de treinamento" eram, mais que qualquer outra coisa, lutas de punhos usando as técnicas do karate. Um termo menos educado, mas igualmente correto, seria "banhos de sangue".

Muitos dos Velhos Rapazes taticamente recusavam-se a reconhecer a existência destes acontecimentos, primeiro porque eles desaprovavam luta-livre por esporte, e segundo porque eles julgavam estas ações como em direta oposição aos princípios básicos do karate como Funakoshi o ensinou.

Os diretores do JKA e outros em outros estilos começaram a trazer a luta livre para um plano mais público, fazendo experimentos, debatendo e, finalmente, encorajando. Em torno de 1950 virtualmente todos os maiores estilos de karate no Japão estavam praticando algum tipo de pugilismo livre. O problema de desenvolver um conjunto de regras era o maior obstáculo a ser vencido.

Mas os homens da JKA eram incansáveis na busca do que sabiam ser o elemento chave na internacionalização e popularização do karate. As regras de competição da JKA, composta de 3 capítulos e 16 artigos, foram completadas em agosto de 1956. Todos os clubes universitários e filiais de dojo imediatamente começaram a preparar competições, com o objetivo de desenvolver as habilidades dos participantes e também treinar juizes. Toda esta agitação e atividade culminou no primeiro Campeonato de Karate-do de todo o Japão em junho de 1957. O Ginásio Metropolitano de Tóquio, a maior arena em seu gênero no Japão naquela época, estava lotada de espectadores, e a imagem do karate, aos olhos do público,

bem como aos olhos de seus praticantes, foi para sempre mudada. O último sonho do pequeno professor de Okinawa - ver o karate aceito em todo o mundo - estava prestes a se tornar realidade.

Ao mesmo tempo em que trabalhavam em criar um conjunto de regras eficaz, os incansáveis homens da JKA instituíram um programa de treinamento de instrutores incrivelmente rígido para o desenvolvimento de instrutores para trabalhar no exterior.

Apenas "a nata" dos jovens homens do karate foram admitidos no programa, e apenas após graduarem-se com honra na universidade e terem conquistado o grau de segundo dan de faixa preta. Por um ano inteiro eles viveriam em um dormitório e estudariam karate da manhã à noite. Não estudariam apenas o aspecto físico, mas preparariam-se academicamente para seu trabalho com cursos em psicologia, física, anatomia, administração, história e filosofia da educação física e esportes, e uma variedade de outros aspectos técnicos. Quando terminado o treinamento (que também requeria a obtenção do grau de terceiro dan e a apresentação de uma dissertação que contribuísse com algo novo e significativo com relação aos métodos de ensino do karate), eles eram levados a um estágio, como professores, por mais um ano. O resultado deste aprendizado tão difícil foi à produção de uma dúzia, mais ou menos, de homens com o mais alto nível de proficiência imaginável.

Com uma dedicação quase fanática, estes homens e alguns outros instrutores de alto nível lançaram sua campanha mundial de difusão do karate.

Com um visionário do crescimento futuro do karate, Gichin Funakoshi não tinha par. Ele percebia claramente que o mundo estava pronto para sua arte, e gastou a última década de sua vida preparando-se para exportar o karate para o resto do mundo. Durante o período 1945-1954 ele testemunhou um crescente interesse internacional pela arte.

Em 1948, Readers Digest (seleções) publicou um artigo mencionando os homens do karate do Japão, como também o fez a revista Mademoiselle. A companhia de radiodifusão nacional da Itália foi ao Japão e filmou um especial sobre a arte, e ambos os graduados do programa de treinamento especial da SAC (Comando Aéreo Estratégico - Estados Unidos) e homens de negócios japoneses com interesses no exterior, começaram a espalhar a novidade rapidamente.

Ao mesmo tempo, Funakoshi supervisionava a produção de dois filmes cujo objetivo era apresentar o karate ao resto do mundo. O primeiro, Hien Karate-uchi, era essencialmente uma biografia de Masatoshi Nakayama, e foi mostrado em cinemas lotados em toda a Ásia. O outro, Karate-Do, foi distribuído no mundo todo em 16 mm com narração em inglês. Karate-Do, cuja lançamento foi em 1954, é ainda produzido em videocassete e distribuído

popularmente em todo o mundo. O próprio Funakoshi aparece neste documentário e as técnicas de karate são demonstradas por quase todos os japoneses que formavam a primeira geração de protegidos de Funakoshi.

Em dezembro de 1954, a primeira exportação formal do karate para a Ásia, fora do Japão, ocorreu na Tailândia. O governo Thai, ouvindo muitas histórias sobre o karate, emitiu um convite aos instrutores para demonstrar a arte na feira anual de exportação de Bangkok. Funakoshi mandou Masatoshi Nakayama e Teruyuki Okazaki como delegados do programa de intercâmbio, para demonstrar karate e aprender a arte milenar do boxe Thai. Originalmente planejado para duas semanas, o tour alongou-se para mais de dois meses. Durante esta visita, Nakayama e Okazaki estabeleceram um sistema de treinamento rudimentar para delegacias de polícia em várias cidades da Tailândia, e prepararam o terreno para vários outros intercâmbios entre os dois países, principalmente sob a forma de troca de técnicas para o uso do pessoal relacionado à polícia.

Na época de sua morte, em 1957, Funakoshi havia visto a finalização do primeiro programa de treinamento de instrutores. Naquele ano, a Universidade do Leste nas Filipinas emitiu um pedido oficial para um instrutor que ensinasse karate como parte do currículo acadêmico regular. Takayuki Mikami, um dos apenas três graduados do programa de treinamento, recebeu a tarefa, e permaneceu nas Filipinas por dois anos, ensinando karate em tempo integral. Em 1958, Hirokazu Kanazawa, colega de Mikami, aceitou um convite do Havaí, e o karate Shotokan começou a florescer internacionalmente sob os auspícios da JKA.

Desta forma a difusão do karate inicia-se primeiro pela Ásia e depois América e o resto do mundo. Em 1953 a Força Aérea dos Estados Unidos levou o karate para os Estados Unidos, de fato, a primeira introdução formal do karate nos Estados Unidos foi arranjada pelo Comando Aéreo Estratégico (SAC).

Começando em 1948, a Força Aérea dos Estados Unidos arranjou para uma série de demonstrações de artes marciais em suas bases em Tachikawa, Kisarazu, Tokorozawa e Yokosuka no Japão. De 1948 a 1951 alguns dos maiores expoentes do karate, do kendo e do judô do Japão fizeram demonstrações duas vezes por semana nas bases aéreas. As demonstrações de karate eram, na maior parte das vezes, lideradas por Isao Obata e Masatoshi Nakayama. O interesse americano era tão grande que muitos aviadores começaram a buscar instrução, e em breve clubes de karate e judô foram estabelecidos nas bases.

O interesse americano pelo karate não era de forma alguma limitado ao karate de

Gichin Funakoshi. Muitos americanos em serviço começaram a treinar entusiasticamente outros estilos, e este interesse deu ímpeto aos japoneses para se organizarem mais cuidadosamente.

Entretanto, foram os homens da JKA que oficialmente organizaram e dirigiram o programa de treinamento físico em artes marciais para o pessoal da SAC. A teoria por trás deste programa era que devido as situações de stress, físico e mental, e acreditava-se que as artes marciais, com sua forte disciplina física e mental, ajudaria os pilotos nestas circunstâncias.

Assim foi que 23 aviadores americanos chegaram ao *Kodokan*<sup>4</sup> em 1951 para um programa intensivo de 8 semanas em judô, karate, aikido e taiho-jutsu (técnicas de restrição). Este programa foi bem sucedido além da expectativa, e continuou por 15 anos, com centenas de americanos participando, muitos deles retornando ao Japão várias vezes para melhorar suas habilidades e mergulhar mais profundamente nas artes.

Em torno de 1953, era claro para a Força Aérea que o programa era um sucesso e eles então decidiram expandir o conceito do programa para bases selecionadas nos Estados Unidos. Em junho daquele ano, a SAC patrocina um tour pelos Estados Unidos que dura 6 meses. Incluído no grupo do tour estavam 10 dos mais altos graduados homens do judô do Japão, e três dos maiores nomes da JKA (Isao Obata, Toshio Kamata e Hidetaka Nishiyama). Através do tour, o grupo visitaria cada base aérea por aproximadamente 4 dias. Um ou dois destes dias era dedicado a demonstrações e ensinamento, e os outros dias eram usados para visitar cidades próximas e dar demonstrações para o público civil.

Masatoshi Nakayama imediatamente reconheceu que o karate não poderia ser ensinado aos americanos da mesma forma que era ensinado aos japoneses. Antes de 1951, o método de treinamento havia sido relativamente simples, ele baseava-se no ensinamento e prática do kata. Os alunos imitavam os instrutores, e eram deixados para encontrar um *insight* por conta própria. Mas os americanos eram diferentes, (HASSEL, 1983).

Em primeiro lugar, eles eram diferentes em tamanho, e o que funcionava para um homem pequeno podia não funcionar para um homem maior. Em segundo lugar, os americanos mostravam um traço irritante não pensado pelos japoneses : os americanos sempre queriam saber porque. Por que eu devo parar de pé assim? Por que eu devo mover os

---

<sup>4</sup> Em 1882, o mestre Kano fundou o Instituto Kodokan. O termo Kodokan se decompõe em ko (palestra, estudo, método), do (caminho ou via) e kan (Instituto). Assim, significa "um lugar para estudar o caminho", o que explica muito bem a intenção do fundador da arte. Além de tornar o ensino da arte marcial como um esporte, Jigoro Kano desenvolveu uma linha filosófica baseada no conceito ippon-shobu (luta pelo ponto perfeito) e um código moral. Assim, ele pretendeu que a prática do Judô fortalecesse o físico, a mente e o espírito de forma integrada. Fonte: [http://www.cbj.com.br/historia\\_do\\_judo/](http://www.cbj.com.br/historia_do_judo/)

quadris? Por que isto e não aquilo?

Como um resultado da inquisição americana, Nakayama e seus assistentes jogaram-se num intenso estudo de kinesiologia, anatomia, psicologia e física. Eles prepararam-se para aprender os princípios científicos por trás dos movimentos corporais, para estarem mais preparados para responder as inteligentes perguntas dos inquisitivos americanos.

De acordo com Masatoshi Nakayama, o programa da SAC e o estudo que ele originou por parte dos japoneses é o ponto focal na história do karate na América. De certa forma, aqueles intensos esforços deram frutos. Mais e mais americanos envolveram-se com o karate, e muitos deles foram capazes de progredir num ritmo mais rápido que os japoneses que foram treinados da forma tradicional. Por outro lado, a ênfase na análise científica colocou em perigo as tradições ancestrais e os valores intrínsecos da arte. Até mesmo hoje, o julgamento final sobre este aspecto ainda não foi feito. Isto é, nós ainda não sabemos se os preceitos tradicionais da cortesia, sinceridade, esforço, etiqueta e autocontrole podem sobreviver na atmosfera analítica e racional da América, (HASSEL, 1983).

Encorajada pelo prematuro interesse dos americanos no Japão durante a ocupação, e fomentada pela gigantesca recepção dada aos grupos dos Tours em 1953, a JKA passou a preparar instrutores para o estabelecimento da filial na América. Em maio de 1961, Teruyuki Okazaki, reverenciado por muitos como possivelmente o melhor homem técnico do karate chegou a Filadélfia como o primeiro instrutor oficial da JKA nos Estados Unidos. Mas, ainda que com tanto zelo e conhecimento, o pessoal da JKA encontrou dificuldades que não esperava em sua tentativa de transplantar o karate-do para a América.



Figura 3– Primeiro grupo de faixas pretas nos Estados Unidos de América com o Mestre Masatoshi Nakayama, da esquerda para direita, Kenichi Haramoto, Rajiro Mori, Teruyuki Okazaki, Hidetaka Nishiyama.

Fonte: <http://www.jkakarate.com/legends.html>

No que Okazaki mais tarde descreveu como "julgamento ingênuo", o quartel-general da JKA deu a ele seis meses para estabelecer sua organização e retornar ao Japão. O problema com este plano é que Okazaki não falava uma palavra de inglês. Depois daquele difícil tempo do início, Okazaki supervisionou o desenvolvimento da Associação de Karate da Costa Leste, no que iria tornar-se uma das maiores e mais afluentes organizações de karate dos Estados Unidos, primeiramente em afiliação com a Federação Americana de Karate Amador (AAKF) de Hidetaka Nishiyama e depois de forma independente, como a Federação Internacional de Karate Shotokan (ISKF). Como Okazaki que desenvolveu seu pequeno clube na Filadélfia em uma organização internacional com afiliados nos Estados Unidos e em vários países da América central e sul-américa.

A introdução do karate-do no Brasil foi um pouco diferente do que foi nos Estados Unidos, aqui chegou com os imigrantes, aproximadamente 250 mil japoneses, entre 1908 e o final de 1970, (SAKURAI, 2014). Esses primeiros imigrantes vinham das províncias do norte da ilha de Shikoku e Hokkaido, famílias inteiras eram enviadas para tentar uma nova vida no Brasil. Podemos dizer que aqui se criou um pequeno Japão, reproduzindo a diversidade cultural e linguística existente na terra natal dos imigrantes, (SAKURAI, 2014).

Os Japoneses vieram ao Brasil de forma experimental a partir de 1908 em viagens pagas pelos fazendeiros de café. Existia um tratado de comércio entre Brasil e Japão assinado desde 1895, (SAKURAI, 2014) e era necessário para as duas partes ativa-lo para desenvolver a economia entre os dois países o que fez que uma estrutura maior fosse criada para a regulamentação destas atividades econômicas, como agencias que faziam a contratação das famílias e decidiam onde seria o local de instalação das mesmas, foi necessário a criação de uma instituição chamada *Banco da América do Sul*<sup>5</sup> para depositar os ganhos dos imigrantes e possíveis transferências de dinheiro para os familiares que tinham ficado na terra natal.

No ano de 1956 um estudante de Economia da Universidade de Waseda, Mitsuzuke Harada, é enviado pelo banco onde trabalha para assumir um cargo no Banco América do Sul no Brasil, e é aí que Harada a pedido de Funakoshi, funda o "Brasil Shotokan Karate Dojo". Neste mesmo ano Harada recebe a sua graduação de 5º Dan assinada pelo próprio Gichin Funakoshi.

Em 1963 é convidado a ensinar karate na França, segue-se depois a Bélgica e Inglaterra, onde Harada fixa residência em 1966 e funda o " Karate-Do Shotokai da Inglaterra", (CLAIRE, 2017).

Neste cenário outros japoneses seguindo o exemplo de Harada, outros Mestres de karate chegam ao Brasil e fundam suas academias: Juichi Sagara, em São Paulo; Yasutaka Tanaka, Sadamu Uriu, no Rio de Janeiro, estes três primeiros eram oriundos da Universidade Takudai, Higashino em Brasília e Eisuku Oishi na Bahia.

---

<sup>5</sup> O Banco América do Sul foi fundado em 1940 para atender aos imigrantes japoneses no Brasil. Na sua origem, está a Bratac, companhia de imigração criada para viabilizar a vinda de trabalhadores do Japão para o País. Em 1998, o banco foi adquirido pelo Sudameris e, cinco anos depois, pelo Real, que organizou o rico acervo que conta uma parte importante da história econômica da imigração japonesa.  
Fonte: <http://link.estadao.com.br/blogs/renato-cruz/a-historia-economica-da-colonia-japonesa/>



Figura 4– Treinamento na comunidade de Okinawa - SP (Seki, Tetsuma Higashino, Benedito Nelson, praticante do México, Sagara, dois praticantes e por ultimo Sasaki).

Fonte: [http://www.beneditonelson.com.br/karate\\_hkk.html](http://www.beneditonelson.com.br/karate_hkk.html)

Os primeiros faixas pretas formarem-se no Brasil pela Shotokan foram: Lirton Monassa, Milton Osaka, Hiroyassu Inoki (irmão de Sagara), Benedito Nelson Augusto Santos (que já era faixa preta pela Goju-ryu), Fernando Pessoa, Yasuyuki Sasaki, Ailton M. Menezes, Oswaldo Duncan, Raimundo Bastos, Márcio Bievenutti, Claudio Trigo, William Felipe e Júlio Takuo Arai. Nomes que ajudaram a construir a história do Karate no Brasil. Posteriormente vieram do Japão: Takeuchi (RJ), Taketo Okuda (SP) e Yoshizo Machida (BA)



Figure 5– Primeiro grupo de faixas pretas no Brasil nos anos 60 com o Mestre Hidetaka Nishiyama (terceiro da esquerda para direita, Sadamu Uriu do lado esquerdo do mestre Nishiyama e do lado direito do mestre, Hiroyassu Inoki e Lirton Monassa (1º faixa preta do Brasil), na segunda fileira de esquerda para direita na segunda colocação o ex-Ministro Manoel Tubino e na 4ª colocação o Mestre Yasutaka Tanaka .

Fonte: acervo do Kobukan Clube de Artes Marciais.

No ano de 1962 no Rio de Janeiro o Karate-do era desconhecido pelo povo carioca, poucas pessoas tinham praticado o tinham conhecimento desta arte marcial entre elas, o Professor de Educação Física Lirton dos Reis Monassa, no mesmo ano o mestre Tanaka fundou com prof. Lirton dos Reis Monassa, a *Kobukan*<sup>6</sup>, no Ginásio Brasileiro de Cultura Física, no mesmo local conhece o professor de Judô Almerídio Brandão, conhecido como marujo. Os dois conheciam a luta e sua filosofia, foi com a ajuda destes dois professores que o Mestre Tanaka divulgou e popularizou o karate-do. Pouco tempo depois o Professor de Educação Física Lirton dos Reis Monassa tornou-se o primeiro faixa preta brasileiro, (ARRIGONI), 2013.

O mestre Tanaka neste dojo formou seus principais discípulos que foram uma referência para o karate-do do Brasil e do Mundo, dentre eles podemos citar: Luiz Tasuke Watanabe, Ugo Arrigoni, Ronaldo Carlos, Flávio Costa, Victor Hugo e Denilson Caribe.

O mestre Tanaka foi o precursor do Karate como esporte no Brasil e um grande formador de atletas e cidadãos.

<sup>6</sup> Kobukan que significa a “Casa das Lutas”, foi o dojo formado pelo Mestre Tanaka.

Hoje o Mestre Tanaka representa a ITKF (International Traditional Karate Federation) no Brasil, instituição formada pelo Mestre Hidetaka Nishiyama, já falecido. Mestre Tanaka é 10º dan e presidente de honra da CBKT (Confederação Brasileira de Karate Tradicional), hoje com mais de 80 anos ele ministra cursos por todo o Brasil e vem uma vez por ano ao Rio Grande do Sul. Ele ministra suas aulas diariamente na sua academia, a Kobukan, no Rio de Janeiro.



Figura 6– Ugo Arrigoni, Alfredo Aires e Yasutaka Tanaka, após treinamento ministrado pelo Sensei Tanaka na Escola de Artes Marciais Arrigoni no dia 20/04/2013 no Rio de Janeiro.

Fonte: acervo pessoal Alfredo Aires.

Dos nomes citados posso falar mais de dois em específico que são Senseis que serviram para minha formação como carateca, eles são Ugo Arrigoni e Luiz Tasuke Watanabe, nesta ordem.

Ugo Arrigoni foi um dos primeiros alunos do mestre Tanaka, iniciou desde os 14 anos a prática de karate-do, mesmo antes de ter idade para praticar karate, na época vigorava uma lei que proibia a menores de dezoito anos praticar Karate, como seus dois irmãos mais velhos

praticavam o pai o levou para ter contato com o Karate, porém como existia a proibição, o pai o inscreveu na Kobukan como praticante de defesa pessoal, (ARRIGONI), 2013.

A sua trajetória dentro do karate foi excelente, com apenas quatro meses de pratica ele foi convidado a fazer o exame de faixa pelos mestres Yasutaka Tanaka e Lirton Monassa e pasmem, tão bom era o nível dele que no mesmo dia avançou da faixa branca para a faixa verde, ou seja no mesmo dia fez quatro exames de graduação e os aprovou todos.

Seu primeiro Campeonato Carioca o disputou como faixa verde, recém tinha completado dezoito anos e fazia três anos e meio que era faixa verde, na ocasião sagrou-se campeão em *Kata*<sup>7</sup> e *Kumite*<sup>8</sup>, com a vitória foi convidado a participar do Campeonato de faixa roxa e marrom, também venceu em Kata e Kumite, conquistou desta forma como prêmio a faixa marrom.

Em 1970 com a graduação de faixa marrom disputa o Festival de Karate da Guanabara, o GB 70, realizado no *Mourisco*<sup>9</sup>, neste campeonato participaram *Hiroyassu Inoki*<sup>10</sup> e *Lirton Monassa*<sup>11</sup>. Ugo foi vice-campeão em Kata, Inoki foi campeão e Lirton o terceiro colocado. Lirton Monassa venceu o Kumite.

Com dezenove anos ele é convocado para representar o Brasil no Campeonato Mundial em Paris, na França, em 1972, foi o membro mais novo da delegação brasileira e do evento, fico em 5º lugar no ranking mundial.

A sua carreira esportiva foi bem proveitosa, ele disputou três campeonatos mundiais, onde foi vice-campeão num deles, Copa Anuar Sadat, na cidade de Alexandria no Egito, onde foram convidados os melhores atletas de cada continente.

---

<sup>7</sup> **Kata** é uma sequência de movimentos — técnicas de ataque e defesa — cujo feito é proporcionar ao praticante o aprendizado mais aprofundado da arte e, simultaneamente, experiência de luta também é conhecido por "balé da morte". Antes do advento do karate moderno, e da criação de métodos mais básicos e simplificados de transmissão do conhecimento, a arte marcial era ensinada somente pela prática ostensiva de *kata*. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Katas\\_do\\_carat%C3%AA](https://pt.wikipedia.org/wiki/Katas_do_carat%C3%AA)

<sup>8</sup> **Kumite** (encontro de mãos) é nas modalidades modernas das artes marciais japonesas um dos componentes de treinamento e de competição, é a luta, o combate. No Karate conjuntamente com o *kihon* e o *kata* forma a tríade básica de sua didática. É classificado conforme a finalidade pedagógica. Nem sempre foi parte das aulas porque os mestres consideravam arriscado praticá-lo sem necessidade real de luta. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Kumite>

<sup>9</sup> Em 1952, foi aberto o Túnel do Pasmado sob o Morro do Pasmado no bairro de Botafogo. Para sua construção, teve que ser demolido o Pavilhão Mourisco. Após a construção do túnel, foi construída, no local, a sede de esportes olímpicos do Botafogo de Futebol e Regatas, também conhecida como sede do Mourisco. Fonte: [https://pt.wikibooks.org/wiki/A\\_cidade\\_do\\_Rio\\_de\\_Janeiro\\_no\\_s%C3%A9culo\\_XX/Segunda\\_metade\\_do\\_s%C3%A9culo\\_XX#cite\\_note-5](https://pt.wikibooks.org/wiki/A_cidade_do_Rio_de_Janeiro_no_s%C3%A9culo_XX/Segunda_metade_do_s%C3%A9culo_XX#cite_note-5)

<sup>10</sup> Natural de Yokohama, onde nascera em 18 de setembro de 1940, sensei Inoki chegou ao Brasil há 60 anos, em 1956. Ele foi aluno dos mestres japoneses Sakagami, Nakayama, Nishiyama e Asai, e no Brasil formou faixas-pretas como Muniz Sodré e Paulo Góes.

<sup>11</sup> Professor de Educação Física, 1º faixa preta do Estado do Rio de Janeiro e fundador do Dojo Kobukan.



Figura 7– Ugo Arrigoni o nº 24 competindo em luta no mundial em Tóquio no Japão em 1977.

Fonte: acervo do Kobukan Clube de Artes Marciais.

Também participou de quatro campeonatos pan-americanos sagrando-se Campeão por equipes em três (1974, 1978 e 1985) e vice-Campeão em 1973.

Participou de um Sul-americano, 1981, sagrando-se vice-Campeão por equipe, (ARRIGONI), 2013.



Figura 8- I Campeonato Panamericano 1973 (Brasil) \* Vice-campeões, Paulo Goes, Dalmar Caribe, Dorival Caribe, Antonio Aderne, Yasuyuki Sasaki, Luiz Tasuke Watanabe, Ugo Arrigoni e Fernando Athaide, Técnico: Yoshizo Machida.

Fonte: <http://karatejka.blogspot.com.br/p/equipas-do-brasil.html>

No Brasil foi tricampeão brasileiro consecutivo e lutando pela Kobukan, Ugo foi campeão carioca por dezessete anos seguidos.

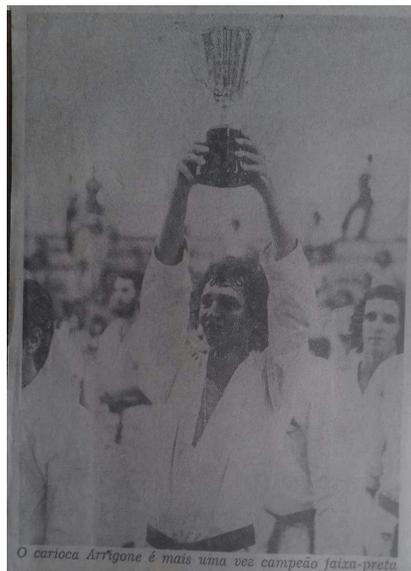


Figura 9- Campeonato Carioca, Campeão, Ugo Arrigoni. Fonte: <http://karatejka.blogspot.com.br/p/equipas-do-brasil.html>

Além de seus treinamentos no dojo com o Mestre Tanaka e a seleção brasileira, ele foi buscar conhecimento na origem do karate-do, o Japão, onde ele esteve por diversas vezes treinando e aprendendo. Na primeira vez, em 1975, ficou quase um ano treinando no dojo do Mestre Masatoshi Nakayama, instrutor chefe do karate jka, o *Hoitsugan*<sup>12</sup>, (ARRIGONI), 2013.



Figura 10– Ugo Arrigoni o terceiro da esquerda para direita, do lado dos Mestres Masatoshi Nakayama e Minoru Kawawada no Hoitsugan em Tóquio no Japão em 1975. Fonte: acervo pessoal Ugo Arrigoni.

A sua formação acadêmica cresceu em paralelo com a sua evolução de atleta e Karateca, Ugo se graduou em Educação Física na Universidade Gama Filho e se especializou em Treinamento Desportivo de Alto Rendimento, ele também foi Professor da Universidade Gama Filho, Universidade Católica de Petrópolis e da Escola Naval. Atualmente dedica-se à ministrar aulas nas sedes da sua escola no Rio de Janeiro: Escola de Artes Marciais Arrigoni.

Ao escrever um pouco da historia do karate de São Paulo, busco primeiro as minhas

<sup>12</sup> Em 1972, Nakayama Masatoshi Shihan escolheu o nome do primeiro lugar em que ele ficou quando estudava na China para o nome de seu dojo pessoal: Hoitsugan. O nome se traduz como "o lugar onde pessoas com objetivos semelhantes praticam e estudam juntos". Um dos desejos de Nakayama Shihan era desenvolver e expandir o karate em todo o mundo como forma de promover amizades e melhorar as relações internacionais. Fonte: <http://www.hoitsugandojo.com/history.html>

referencias como Karateca, professor de Educação física e cidadão deste país que me acolheu nos anos 80.

Lembro muito claramente que lá pelos anos 70 comprei um livro chamado Zen em Movimento, escrito pelo CW. Nicol, neste livro o autor conta sua historia relacionada ao karate durante sua estadia no Japão, onde ele tinha se transformado em um praticante de tempo integral de karate-do e um dos seus sempais encarregado de cuidar do desenvolvimento dele no antigo dojo da JKA em *Yotsuya*<sup>13</sup>, era nada menos que o Sensei Taketo Okuda, as historias relatadas pelo autor do livro despertaram um interesse muito grande em mim e a ideia de um dia ir visitar ele e treinar com ele sempre esteve entre minhas prioridades.

Um dia fiquei sabendo que um colega antigo de dojo estava treinando com ele em São Paulo, entrei em contato com ele e me informei de tudo o que precisava para ir a São Paulo e fui no dojo *Butokukan*<sup>14</sup>, a primeira impressão de ver este sensei me absorveu, eu com vinte e quatro anos na época, idealizava um karate como tinha lido no livro escrito pelo Nicol.

Imediatamente me troquei e fiz a aula que tinham me indicado que era para faixas pretas, chamou minha atenção a metodologia aplicada, nesse dia treinamos Kata, foram os 26 katas oficiais da JKA, sem parar. Ao terminar a aula perguntei a secretaria quais os horários e dias e ela me falou que as aulas aconteciam de segunda a sexta-feira das 17:00h às 21:00, me lembro que participei de todas as aulas do mês fevereiro de 1985, foram 4 horas de treino diário que me ensinaram muito e ao mesmo tempo tive a oportunidade de conhecer praticantes como Carlos Rocha que era o sempai do dojo naquela época e também o Gerson de Almeida, ambos hoje professores que tem seus próprios dojos e também trabalhamos juntos no desenvolvimento da JKA do Brasil, outra praticante que conheci também e nos identificamos muito foi o Seiguen Imanaga, amigos do caminho do karate (DO).

Retornei para o Rio Grande do Sul ao finalizar o mês e marquei com o Sensei Okuda para voltar em Setembro de 1985, depois Fevereiro e Setembro de 1986, todas as ocasiões fiquei um mês treinando e mantendo a mesma carga de treinamento todos os dias.

Okuda Sensei não ensinava por intermédio de seu discurso teórico, era muito pouco o que ele explicava, os ensinamentos deles vinham por intermeio da sua presença física no momento da pratica do karate, essa era a forma que eu o sentia naquele momento da minha vida, ele ensinava com a atitude.

Finalizada minha prática com este mestre foi necessário algum tempo de reflexão e

---

<sup>13</sup> Bairro de Tóquio, Japão.

<sup>14</sup> Butokukan significa: local onde a moral e a virtude são adquiridas através da prática do karate.

conversações com o meu Mestre Mitsuo Inoue, sobre a forma como o Okuda Sensei enxergava o karate, acredito pelo que eu tenho vivido dentro de esta prática que ele estava muito na frente dos mestres da época, minha opinião, meu mestre concordava com esse pensamento.

Em 1987 fui convidado a participar do que seria o início dos trabalhos científicos relacionados ao karate-do, o Sensei Yasuyuki Sasaki organiza a 1ª Clínica de Karate no *Cepeusp*<sup>15</sup>, a abordagem apresentada pelo Sasaki Sensei foi inédita para mim, até agora meu conhecimento tinha sido embasado na prática do karate, o Sensei apresentou uma equipe de trabalho formada por Professores como o Prof. Dr. Go Tani e o Prof. Dr. Luzimar R. Teixeira, entre outros, todos desenvolveram assuntos relacionados ao karate nas suas respectivas áreas de atuação, na ocasião pude visualizar e entender alguns aspectos relacionados ao Budo e ter a percepção que Budo também era saúde e um estilo de vida como estava sendo apresentado nesta Clínica.

Dentro de essa linha de pensamento continuei minhas práticas e iniciei a ler artigos que fossem relacionados ou correlacionados com o karate para poder entender e assimilar a parte teórica que até o momento tinha entrado na minha prática de uma forma muito lenta, posso afirmar que neste momento decidi que tinha que retomar meus estudos e também decidi qual o curso que iria fazer, Educação Física, e o Sasaki sensei nesse momento tornou-se meu mentor na área.

É importante destacar que o Sasaki Sensei faz parte do processo inicial da introdução do Karate no Brasil e em São Paulo, tendo participado como atleta e como técnico em muitas competições, Regionais, Nacionais e Internacionais, porém a linha de trabalho dele foi sempre o entendimento do Budo e seus significados, por causa disso ele leu e traduziu muitas obras dos pensadores do passado no Japão e que em sua grande maioria foram lutadores que deixaram escrito seus pensamentos ao se tornar professores. Como Educador Físico ele não se preocupou em formar somente atletas, ele estava mais preocupado em formar profissionais dignos que se alinhassem com os preceitos do karate.

A pesar de ter conhecido ele em 1987 e de ter contatos nos cursos que ele ministrava a minha participação nos trabalhos que ele desenvolvia na Confederação Brasileira de Karate-do Tradicional era distante, em 1996 sou convidado pela Confederação Brasileira de Karate-do Tradicional a assumir o cargo de Diretor Técnico da Federação Sul Riograndense de Karate-do Tradicional e a partir de ali iniciei a ter um contato mais estreito com os mestres Sasaki, Machida, Inoki, Tanaka e Watanabe, nesta ordem.

---

<sup>15</sup> Centro de Práticas Esportivas da Usp.

Logo mais a frente em 1997 Sasaki Sensei e Machida Sensei por saber da minha formação no karate JKA, me convidam a fazer parte da Diretoria da JKA do Brasil, cargo que mantenho até os dias de hoje.



Figura 11– Sentados de esquerda para direita: Senseis Machida, Okuda, Tanaka (Campeão Mundial), Sasaki, Em pé: Senseis Osvaldo Messias, Carlos Rocha, Fuscald, Marques, Kazuo Nagamine, Julio Arai, Pedro Okuyama. Fonte: <http://associacaoaraponguensedekarate.blogspot.com.br/2013/10/fotos-historicas-do-karate-brasileiro.html>

Trabalhando junto com ele pela JKA do Brasil foram mais de 20 anos organizando Cursos onde trazíamos mestres do Japão para ministrar no Brasil, Campeonatos Brasileiros e Estaduais, Sul-Americanos e levando comitivas para Campeonatos Mundiais. Participando de Cursos de especialização no Japão onde varias vezes estivemos juntos, a orientação dele sempre foi essencial para mim, ele não me ensinou somente com a prática, me explicou o processo de ensino do karate-do, a medida que ia avançando nos estudos meus questionamentos aumentavam, se questionado sempre estive a disposição para esclarecer os pontos que eu tinha duvida, me ensinou um karate-do que estava relacionado com a vida.

Lamentavelmente no dia 4 de agosto de 2017 ele veio a falecer após dois anos lutando com um câncer no estomago, até o ultimo momento manteve-se firme. Conversando com ele um mês antes na cerimônia de entrega do 8º Dan, senti que ele mantinha-se firme nas suas convicções e o mais importante, senti que o Karate-do que ele tinha treinado e ensinado

durante toda a vida e ele eram uma coisa só, fiquei feliz ao sentir isso.



Figura 12– No dia 03/06/2017 às 19:30hs, no Nippon Country Club, cidade de Arujá, aconteceu a cerimônia de entrega do diploma de 8º. Dan de Karatê-Do JKA para o mestre Yasuyuki Sasaki, com a presença de mais de 135 pessoas entre atletas, professores e convidados. Foi uma cerimônia cheia de emoção pelo fato que poucos professores atingem o 8º Grau e também pela enfermidade que acomete o Prof. Yasuyuki Sasaki. Na mesma data o Prof. Sasaki vinha de uma quimioterapia e radioterapia, mas mesmo debilitado veio a cerimônia e demonstrou o verdadeiro espírito de luta. Fonte: <https://www.nipponcountryclub.com.br/single-post/2017/06/08/T%C3%ADtulo-in%C3%A9dito-no-Karat%C3%AA-brasileiro>

Entre os Senseis que tenho a oportunidade de conviver até o presente momento e que também faz muito tempo que aprendo e trabalho com ele é o Sensei Yoshizo Machida, engenheiro de formação veio contratado como funcionário da Jamic, empresa de colonização do governo japonês, e foi parar no meio da mata amazônica, num lugarejo a 100 km de Tomé-Açu, no Pará. O trabalho era duro, pois seu serviço era construir estradas junto com os trabalhadores braçais. Mas isso não era problema e nem o fato de não ter energia elétrica. O

problema é que não tinha onde praticar seu esporte predileto. Agüentou um ano e depois pediu demissão, foi chamado a atenção pelos seus superiores. “Eu estava determinado a vencer, mas eu queria vencer lutando karate”, (SATO) 2014, conta. Foi morar em Belém, capital do Pará, onde abriu uma academia de karate.

Sem alunos e sem dinheiro, chegou a viver alguns meses só com água e farinha. “Eu limpava a academia, que era também a minha casa, lavava o banheiro e arrumava o tatame, para ficar esperando algum eventual interessado”, (SATO) 2014. Embora acreditasse que um dia daria certo, não agüentou mais e resolveu ir para São Paulo, Juichi Sagara (irmão do Antonio Inoki, ex-lutador profissional e senador do Japão), tinha uma academia de karate. Morando no local, ajudava Sagara como instrutor, mas, por ser estrangeiro, não podia competir. A sua sorte começou a mudar, quando, em 1970, um campeonato foi realizado em Brasília, onde se permitiu a participação de estrangeiros. Sensei Machida venceu na categoria kata e kumite, e ganhou admiradores imediatamente. Vieram vários convites e ele aceitou ir para Salvador, para trabalhar numa academia de karate. Durante os 10 anos que ele permaneceu na capital baiana, viajou por todo o Nordeste ensinando karate, e a sua academia se tornou a maior do Brasil, com mais de mil alunos. Naquele período, ele foi técnico da seleção brasileira nos Jogos Pan-Americanos (Figura 9) e se casou com a baiana Ana Cláudia, com quem teve seus quatro filhos.



Figura 13 Foto tirada durante a visita de Masatoshi Nakayama à Bahia em 1975. Ajoelhados de esquerda para direita: Raimundo Veiga, Vilobaldo Pedreira, Denilson Caribé, Masatoshi Nakayama, Yoshizo Machida, Ivo Rangel e Antonio Aderne. Fonte: cortesia de Raimundo Veiga e Isaias de Brito.

Machida Sensei pretendia continuar morando na Bahia, quando um ex-aluno de sua extinta academia de Belém procurou-o pedindo para voltar para Pará e reabrir sua academia.

O karateca brincou dizendo que só voltaria se ganhasse uma fazenda. Esse ex-aluno havia feito uma bela carreira, e para sua surpresa, arrumou uma fazenda para a família Machida. “A propriedade tinha 75 hectares, era muito grande, e não podia recusá-la, pois um dos meus sonhos quando estava deixando o Japão era ter uma fazenda no Brasil”. Morando no Pará, tentou administrar a academia e a fazenda ao mesmo tempo. Pegou todo o dinheiro que havia ganhado na Bahia e plantou cacau e mamão, e chegou a ter 15 funcionários. Entretanto, a fazenda não deu certo e ele canalizou sua atenção na academia.

No Pará, seus filhos cresciam. Lyoto, o terceiro filho, foi campeão pan-americano de Karate em 2001, bicampeão brasileiro de sumô, ganhou faixa preta de jiu-jitsu e se formou em educação física. Foi para o Japão e treinou durante três anos na academia de Antonio Inoki, além de ter praticado muay thai na Tailândia. Com esse vasto currículo e físico (1,88 m e 95kg), Lyoto começou a competir no MMA, no Japão.

Machida sensei afirma que foi contra a decisão de Lyoto disputar MMA. “Havia poucas regras naquele esporte, por isso era muito violento e o juiz não interferia na luta”, lembra. “Depois, com o tempo, as regras foram criadas e se tornou um esporte de verdade”. Lyoto Machida, foi campeão dos meio-pesados da UFC em 2009. Lyoto reside nos Estados Unidos, onde vive com a esposa e seus dois filhos.

Tirando o caçula que é jornalista e trabalha na TV Globo de Brasília, os demais continuaram treinando e competindo, sendo que o mais velho, Take, dirige sua academia, agora com dois prédios de três andares e mais de 1.500 alunos, Chinzô a mais de três anos dirige a Academia Machida em Los Angeles, nos Estados Unidos.



Figura 14– Machida Sensei e seus filhos, de esquerda para direita: Lyoto, Take, Machida sensei e Chinzo. Fonte:<http://www.culturajaponesa.com.br/index.php/a-incrivel-vida-de-yoshizo-pai-do-lyoto-machida-da-ufc>.

Machida recorda que sempre ensinou a seus filhos que se deve fazer tudo da maneira correta, e que, com a dedicação, tudo vai acabar dando certo. “Eu sempre falo que é para treinar para melhorar e não para ganhar medalhas”.

Uma frase em japonês, cunhada por um nobre samurai no século XVIII, é o que sempre norteou esse imigrante japonês naturalizado brasileiro, e é essa frase que define a essência de Yoshizo Machida: Naseba naru, nasaneba naranu nanigotomo. Frase que diz: “Tudo pode ser realizado se desejarmos profundamente, mesmo aquilo que é considerado impossível”.

Conheci o Machida Sensei em 1993 na cidade de Cuiabá, MT, porém o início do trabalho institucional acontece em 1998 por ocasião de um Curso realizado pela Federação Sul Riograndense de Karate-do Tradicional em Porto Alegre no antigo Centro Gaúcho de Esportes, lugar onde dava aula. A partir dessa data até os dias de hoje tenho trabalhado em conjunto com ele, primeiro como um estado filiado na Confederação Brasileira de Karate do Tradicional e também como um estado representante do estilo JKA, assim como diretor da JKA do Brasil desde sua fundação até os dias de hoje.

Desde o início a sua didática, educação e simpatia deixaram marcas em mim que incorpore no meu dia a dia e procuro passar para meus alunos na aula do dojo. Por outro lado

ele é o mestre Japonês que mais entendeu a filosofia e estilo de vida do Brasil sem deixar de lado a cultura do país natal, o que faz dele uma pessoa com uma flexibilidade mental fora do comum para um Japonês, isso chama a atenção a todas as pessoas que o conhecem.

Hoje a mais de 20 anos da data que o conheci ele continua me surpreendendo com o seu conhecimento e simplicidade de expor o karate que ele ensina.



Figura 15– Comissão Técnica da JKA do Brasil durante os treinamentos que precederam o Sul-americano JKA que aconteceu em Belém do Pará nos dias 18 e 19/09/2010, de esquerda para direita: Senseis, Sasaki, Arrigoni, Aires, Machida e Nagamine. Fonte: <http://karatejka.blogspot.com.br/2010/09/>

### 3.3 O KARATE-DO NO RIO GRANDE DO SUL

O karate foi introduzido no Rio Grande Do Sul no final dos anos 60 e início dos anos 70, existe a possibilidade que esteja ligada ao estabelecimento dos imigrantes japoneses que vieram para aqui. Esta participação pôde ser evidenciada, através do trabalho de mestres de variados estilos que atuaram em academias e associações de diferentes cidades do estado, desenvolvendo esta arte marcial (LEDUR, FROSI, 2012).

Existe pouca informação que detalhe naquela época uma representação cultural japonesa sobre o karate. O que conhecemos como bagagem cultural japonesa está ligada a forma de ensinar destes mestres que imigraram para o Brasil e Rio Grande do Sul e que ajudaram muito para desenvolver a imaginação de aquelas pessoas que fazem parte do universo do Karate.

Podemos observar, neste campo, há uma forte representação acerca dos professores ou *sensei*<sup>16</sup> como são tratados nos locais de treinamento ou *dojo*.

A tarefa dos *senseis* esta vinculada a propagar pelos seus ensinamentos, valores e aspectos do caráter que contribuem para a formação de crianças e jovens, esta forma de ensinar é utilizada também com os adultos, a aula, como é organizada no *dojo* leva a criar situações de luta onde os adultos são levados a respeitar as regras do *dojo* e melhorar suas capacidades de decisão e reação o que colabora para melhorar os valores de respeito e a autoconfiança.

Percebe-se que a prática do *Karate-do* vem imbuída de um vasto conteúdo de valores que são fomentados no *dojo*, que associados a anos de prática ininterrupta, irão refletir não só nas capacidades físicas, como também mentais (RAGLIN, 1990; DANIELS; THORNTON, 1992). Então, nesta perspectiva, o ápice a ser atingido com o *Karate-do* é formar um *karateca*<sup>17</sup>, ou seja, aquele que além de ser um lutador, tenha tido seu caráter aperfeiçoado pela prática tornando-se uma pessoa proveitosa para a sociedade (INOUE, 2011).

No Rio Grande do Sul, o estilo de *Karate-do* Shotokan se desenvolveu pela atuação marcante de um mestre, também imigrante japonês, que conquistou espaço na capital Porto Alegre. Na década de 1970, Luiz Tasuke Watanabe difundiu o esporte em diversos *dojo* (local de treinamento) da cidade. Os ensinamentos de Watanabe foram transmitidos a dezenas de alunos, que também tiveram a oportunidade de participar das primeiras competições de *Karate* no estado.

O estudo de Oliveira e Frosi (2005) mostrou que o estilo Shotokan, que começou a ser difundido mais de três décadas atrás conquistou no início do século XXI o primeiro lugar em número de praticantes no estado. Talvez, a representação atual do estilo Shotokan construída no Rio Grande do Sul possa ser explicitada pelas primeiras iniciativas de Watanabe e seus alunos na propagação da prática do *Karate*.

A historia dele é singular nasce no Japão, chega no Brasil nos anos 50 com oito anos, na sua chegada no Brasil depois de quatro meses de viagem chegam no porto de Santos em São Paulo e de ali foram para a fronteira entre o Mato Grosso e o Paraguai para se juntar a uma colônia onde viviam aproximadamente 100 famílias japonesas.

Watanabe, seus pais e oito irmãos trabalharam durante quatro anos em uma fazenda, desmatando e plantando café sem ganhar nenhum salário ou moradia. Contavam apenas com a alimentação, e como não tinham meio de transporte, todos os deslocamentos eram feitos caminhando. Os vizinhos mais próximos situavam-se aproximadamente a 10 quilômetros de distância no meio do mato. As dificuldades daquele período foram lembradas por ele:

---

<sup>16</sup> Palavra oriunda da língua japonesa, usada para **tratar com respeito um professor ou um mestre**.

<sup>17</sup> Praticante de *karate-do*.

“Tínhamos que desmatar! Então, isto durante quatro anos, e quando terminava recebíamos a “carta alforria”. Estávamos livres. Desde então, meu pai comprou uma chácara” (WATANABE, 2014).

Durante a viagem para a América ele viu no navio varias pessoas fazendo movimentos que depois de algum tempo identificou como um dos exercícios utilizados no karate onde uma pessoa luta contra vários oponentes, esse tipo de luta é chamada de Kata. Uma vez durante a viagem ele lembra que o pai dele tinha comentado com ele que aquilo era uma dança de Okinawa, como ele assistia com frequência a prática da para afirmar que a partir do que ele enxergava começou a entender o que era Karate.

Ele vive na fazenda ate os dezoito anos quando se apresenta para servir o exercito e vai morar no Rio de Janeiro, nesta cidade por intermédio da indicação do Irmão maior ele começa a treinar karate com os Senseis Hiroyassu Inoki, Lirton Monassa e Yasutaka Tanaka na academia Kobukan.

Após esta época de aprendizado e treinamentos árduos um colega do Tanaka Sensei da faculdade Takushoku do Japão que era professor de judô em Porto Alegre, *Teruo Obata*<sup>8</sup>, faz um convite por causa da proximidade dos dois, solicitou que indicasse alguém para ministrar aulas de karate na academia dele em Porto Alegre.

A partir deste convite Watanabe foi indicado para Porto Alegre, chegando na cidade inicia a dar aulas no dia 03 de março de 1970 na academia Tóquio do Obata sensei na rua Osvaldo Aranha em frente a escola de medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Após o inicio das atividades na Tóquio outros lugares solicitam que tenha aulas lá também, o Clube Rui Barbosa, Instituto Porto-Alegrense de Judo e o 18º regimento de infantaria no Bairro Partenon em Porto Alegre.

---

<sup>8</sup> Teruo Obata Sensei foi o introdutor do Judo no Rio Grande do Sul no inicio dos anos 60.



Figura 16– Matéria de Jornal do dia 03/12/72, antes da participação do IV Brasileiro que aconteceu no Rio de Janeiro. Nas fotos da matéria aparecem o Prof. Carlos Mazzitelli e o Prof. Luiz Biazus juntamente com Watanabe sensei. Fonte: Arquivo pessoal do prof. Carlos Mazzitelli.

Concomitantemente, Watanabe começou a ministrar aulas em outras academias e seu grupo foi crescendo e se espalhando pela capital gaúcha e pelo estado do Rio Grande do Sul, e relembra que: “Eu fiz parte de pequeno grupo de raiz, mas naquele tempo eu mesmo não tinha a mínima ideia de organização”, (WATANABE, 2014).

Na época, em 1970 foi realizado o primeiro Campeonato Oficial de Karate nas dependências da Associação Círculo Social Israelita pela iniciativa do Departamento de Karate da Federação Gaúcha de Pugilismo da qual o Watanabe Sensei era o Diretor Técnico. Na referida competição, os *karate-ka*, Luis Biazus, Gilberto Pinos Alves, Flaubert da Silveira, Carlos Alberto Marques e João Marcelo Braggio, conquistaram o título representando o Tóquio Esporte Clube, local onde Watanabe lecionava.

Watanabe sensei era muito jovem quando fixou residência e inicio suas aulas no Rio Grande do Sul, tinha 22 anos. Dois anos depois, sagrou-se o primeiro brasileiro Campeão do Mundo de Karate-do, no Campeonato Mundial de 1972 em Paris, organizado pela World Union of Karate-do Federations (WUKO). Este fato modificaria sua vida pessoal e sua projeção no karate que vinha desenvolvendo ate o momento.

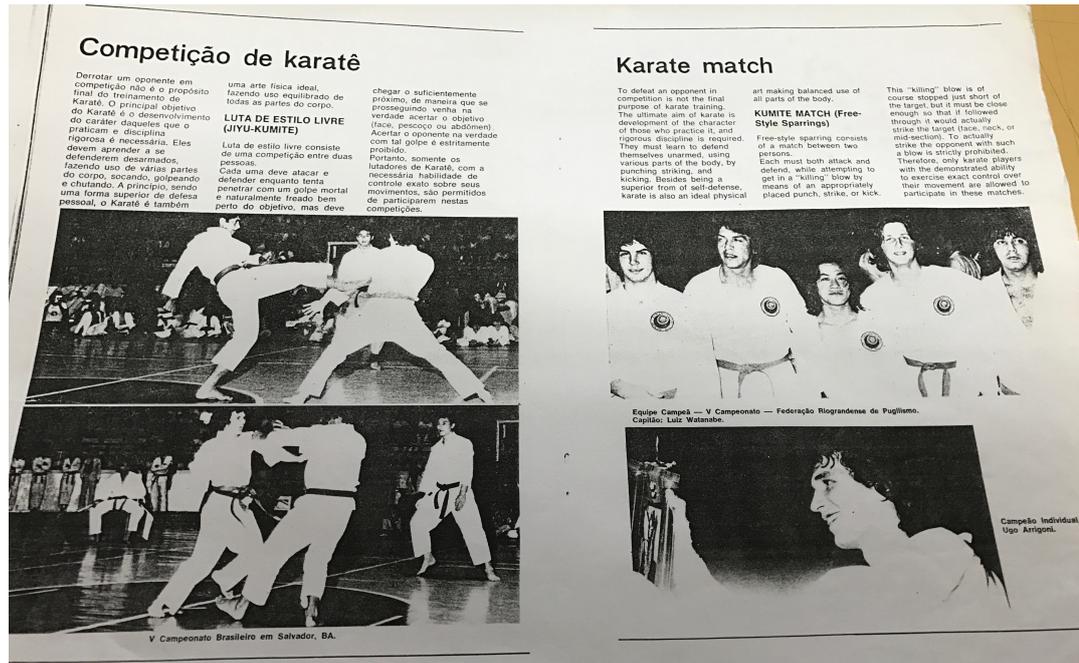


Figura 17– Matéria de Jornal, na participação do V Brasileiro que aconteceu em Salvador na Bahia onde o Rio Grande do Sul é Campeão por equipes. Nas fotos da matéria aparecem o Prof. Carlos Mazzitelli juntamente com Watanabe sensei. Fonte: Arquivo pessoal do prof. Carlos Mazzitelli.

No mundial de 1972 foi campeão e venceu quase todas as suas lutas por *ippon*<sup>19</sup>, ele conta que tinha quatro atletas participando das competições individuais, Dorival Caribé, Ugo Arrigoni, Paulo Góes e ele. Ele conta que não passava pela cabeça dele ser campeão mundial, na verdade ele tinha interesse de participar do campeonato para conhecer e tirar fotos com aqueles que eram os ídolos dele na época, os mestres *Masatoshi Nakayama*<sup>20</sup> e *Hirokazu Kanazawa*<sup>21</sup>. Porém a medida que seus colegas foram perdendo o foco da competição foi mudando, principalmente quando viu seu colega Dorival Caribé sair da competição na semi-final. Watanabe conta que ao ver seus companheiros saindo, ele começou a ver o título como algo tangível, ele acreditava que podia lutar para vingar o amigo.

<sup>19</sup> *Ippon* é um termo utilizado em competições de [artes marciais japonesas](#), como [karatê](#) e [judô](#), representa a aplicação de um golpe "perfeito", em que o oponente não tenha tempo hábil para se defender.

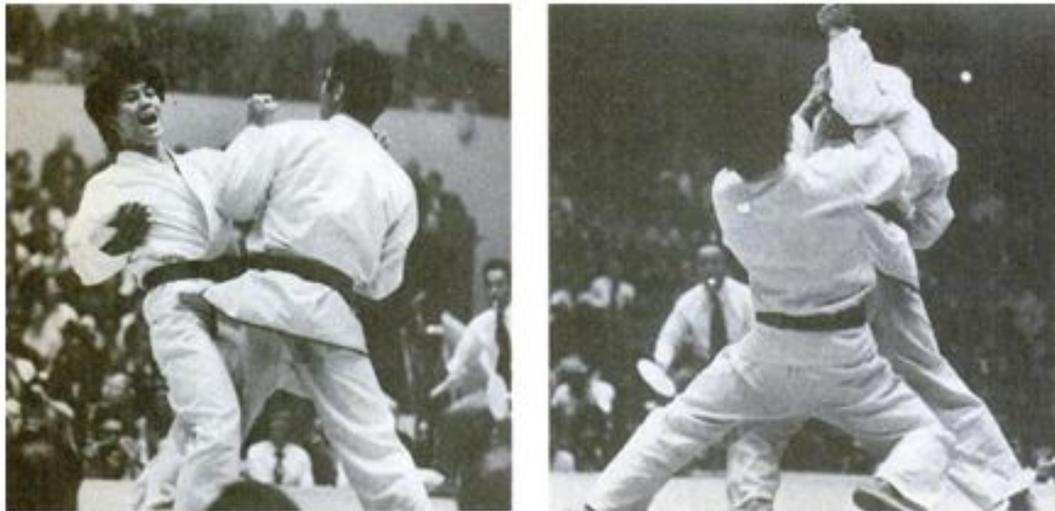
<sup>20</sup> Masatoshi Nakayama, Japão, [13 de abril de 1913–15 de abril de 1987](#), foi um dos mestres mais influentes da história do Karate [Shotokan](#). Em 1932 inicia o treino de Karate na universidade de Takushoku.

Tendo estudado directamente sob a tutela de [Gichin Funakoshi](#) e do seu filho Gigo, funda em 1949 a Japan Karate Association, dando início à maior operação de expansão do Karate para lá das fronteiras do Japão. Fonte: <https://www.jka.or.jp/en/about-jka/profiles/master-nakayama-masatoshi-1913-1987/>

<sup>21</sup> Hirokazu Kanazawa é um dos mais conhecidos e respeitados mestres de karate tradicionais de todos os tempos. Ele é o primeiro karateka a ter conquistado o notório Campeonato do Japão de Karate em 1957.

Embora treinado em Judo em seus primeiros anos, Kanazawa treinou karate, enquanto estudava na Universidade Takushoku sob o diretor de JKA, sensei Matsatoshi Nakayama. Kanazawa também é um dos poucos karateka restantes que teve o privilégio de estudar com o mestre Gichin Funakoshi.

Em 1978, Kanazawa Sensei criou a SKIF (Federação Internacional Shotokan Karatedo). A SKIF é agora a maior Associação de Karate Shotokan do mundo sob um único instrutor principal, tendo vários milhões de membros em mais de 130 países. Fonte: <http://www.skifworld.com/soke-kanazawa.php>



ASURPRISED KARATE WORLD watched Luis Tasuke Watanabe (left in both photos), an unknown Japanese immigrant from Brazil, walk off with the title at the 1972 World Karate Championships in Paris. But the eight men who fought him were probably a little less surprised at the results. Here, William Higgins of Britain takes his lumps from the diminutive champ.

Figura 18– Matéria de Jornal, na participação da última luta do Mundial com o inglês William Higgins, onde Watanabe sagra-se Campeão Mundial. Fonte: <http://www.efdeportes.com/efd178/campeonato-mundial-do-karate-shotokan-de-1972.htm>.

A final foi disputada contra O'Higgins da Inglaterra, aluno do sensei *Keinosuke Enoeda*<sup>2</sup>. Após a vitória, Watanabe menciona que não fazia ideia do que significava ser campeão mundial, ele que foi ao campeonato para tirar fotos com figuras reconhecidas, encontrou-se cercado por muitas pessoas buscando-o para ter uma foto com ele.

Após ganhar o mundial, volta para Porto Alegre e as autoridades locais aguardavam no aeroporto para uma homenagem, ele relata que após essa homenagem ele já não sabia mais se Porto Alegre era Alegre ou um inferno. Antes disto, na chegada no Rio de Janeiro, os mais diversos meios da mídia o aguardavam para realizar entrevistas, ele recorda que não sabia o que dizer, não falava bem português foi somente com a ajuda do “marujo” Almerídio Brandão

<sup>2</sup> Keinosuke Enoeda nasceu em Kyushu, uma ilha no sul do Japão, em 4 de julho de 1935. Um atleta forte e natural, inicialmente tomou beisebol, kendo e judô, assim como muitos de seus contemporâneos - estes são os esportes populares em Japão naquele momento. Ele se mostrou particularmente adepto do Judo e, aos 16 anos, chegou ao 2º Dan. No entanto, como é frequente o caminho, o destino o guiou a uma demonstração por dois melhores expoentes do karate da famosa Universidade de Takushoku, ele ficou tão impressionado ele, que, então, ele decidiu canalizar sua energia para Karate.

Ele se matriculou na Universidade Takashoku, se juntou à seção de Karate, e dentro de dois anos foi o orgulhoso titular da Shodan. Dois outros dois anos o encontraram Capitão do clube.

Um de seus professores foi o grande Mestre, Funakoshi Gichin, cuja instrução e conselho foram uma fonte de grande inspiração para ele.

Graduou-se com uma licenciatura em economia antes de se juntar à aula de instrutores da JKA, a que assistiu durante três anos, durante o qual seu principal instrutor foi Sensei Nakayama.

Depois de alcançar seu objetivo de se tornar o Campeão da JKA, o Sensei começou a receber convites para instruir em vários países - Indonésia, África do Sul, Havaí - e eventualmente se juntou ao seu amigo, Hirokazu Kanazawa, para instruir na Inglaterra. Então, em 1965, Sensei Enoeda encontrou-se em um lugar chamado Liverpool, onde passaria um tempo considerável.

Ele estava instruindo a tempo inteiro no Liverpool Five Triangle Dojo, e a qualidade da instrução e o espírito que ele engendrou logo trariam o sucesso da competição do clube. Fonte: <https://www.kugb.org/kugb-instructor-sensei-epitaphs.php>

Pinheiro de Barros, Professor de judô da Gama Filho e de Manoel Tubino que lhe davam instruções sobre o que falar e como se portar que conseguiu cumprir com tantos compromissos.



Figura 19– Matéria de Jornal, mostra todos os atletas da seleção brasileira de karate. Em pé, da esquerda para direita temos: o karateca Paulão, o técnico Tanaka, dirigente, Watanabe com a taça, dirigente e Dorival Caribé. Agachado, da esquerda para direita os karatecas são Fernando Soares, Ugo Arrigoni e Denílson Caribé. Fonte: <http://www.efdeportes.com/efd178/campeonato-mundial-do-karate-shotokan-de-1972.htm>

O fato de ser campeão mundial começou a pesar no seu dia a dia, a família foi a primeira em sentir isso, com duas filhas pequenas ele quase não as via por causa dos compromissos agendados por causa do título, outro lugar onde isso aconteceu também foi nos lugares onde dava aula, nesse momento ele agradece ao Professor Luis Biazus que assumiu o seu lugar quando ele tinha um compromisso e não podia comparecer para dar aula.



Figura 20– Fotografia da sala de recepção da sua academia na rua dos Andradas. Fonte: Arquivo pessoal do Watanabe sensei.

Por ser instrutor de karate nos quartéis, foi convidado a fazer a abertura das Olimpíadas do Exército onde foi homenageado pelo Presidente Médici. Também em Porto Alegre foi homenageado e recebeu o título de Cidadão Porto Alegrense das mãos do prefeito Thompson Flores. Ele comenta que com a ajuda do irmão o cenário começa a mudar, abre uma academia própria e o local é chamado de Shotokan Karate Clube, ficava na Rua dos Andradas, devido a fama obtida depois da conquista do título mundial a academia tinha fila de espera para inscrição. Algum tempo depois mudou-se para Av. João Pessoa 1048 onde permaneceu até 1980, ano em que deixou o estado (Oliveira; Frosi, 2005).

Outro momento de destaque é que no ano da chegada de Watanabe sensei em Porto Alegre a Federação Rio-Grandense de Pugilismo (FRGP), funda um departamento especial de karate junto a FRGP, e Watanabe era então diretor técnico do departamento (FROSI, 2012).

Ele relata que após um ano e com tantos compromissos ele entra em depressão e as vezes tomava algumas atitudes que o prejudicavam por estar insatisfeito, além do mais por trabalhar para o exército, era cobrado e exigiam dele ser um modelo para os demais. Nesse momento da sua vida foi essencial a colaboração do Tanaka Sensei que o Watanabe sensei o tem como um irmão, são mais de cinquenta anos treinando, trabalhando e convivendo juntos,

graças a ele conseguiu superar esse momento. Ele conta que também nesse momento ele não tinha ideia de como organizar ou estruturar uma federação de karate, ele finaliza dizendo, que ele apenas sabia “chutar e socar”.

Naquele momento ele trabalhava no exército, ele possuía diversas funções e compromissos e por causa disso mudou-se para Brasília cidade onde tinha sido designado. Ao sair de Porto Alegre solicita ao sensei Yasuyuki Sasaki supervisionar o estado. Quando ele vai embora dois alunos auxiliam ele nesse momento de transição, foram os professores Luiz Biazus e Flaubert Garcia da Silveira. No entanto Watanabe sensei passa trinta anos longe de Porto Alegre, voltando no ano de 2011 para ministrar um curso na capital convidado pela Federação Sul-Riograndense de Karate-do Tradicional.

Ele lembra que na época que morou em Porto Alegre não tinha a capacidade que tem agora de organizar o karate e trabalhar institucionalmente:

“Gostaria, na verdade de pedir desculpas, com relação àquela época, pois eu podia ser um pouco mais maduro para dar mais um pouco para este grande Rio Grande do Sul. E podia deixar com o sensei Alfredo uma organização. Agora tem condições de criar tudo isto, como estão criando no mundo. Mas, só lamento esta pequena coisa, podia ter dado mais carinho, mais dedicação para eles. Não que eu tenha abandonado, eu tinha outra missão, tinha que cuidar o mundo. Tanto que agora se analisar eu só estou pelo mundo” (WATANABE, 2014).

Comentando sobre o seu curso em Porto Alegre, após trinta anos, ele explica que conseguiu transmitir ensinamentos que ele considera fundamentais e no como atleta como quando vivia na cidade e sim como um dos ícones do Karate-do Tradicional do mundo.

Hoje Watanabe sensei reside na cidade de Setiba, no Espírito Santo, segundo ele, um local que tem as coisas que ele gosta como o mar e a natureza, nesta cidade fica sua base e de ali viaja para o mundo a ministrar cursos e colaborando com o desenvolvimento do karate-do do mundo.

### 3.4 SENSEIS/TREINADORES

O Japão vem de uma história onde as tradições militares eram enaltecidas pelas artes marciais praticadas que conectavam o praticante atual com a sua história de lutas, um exemplo disso era o Kendo. Cabe ao Sensei Funakoshi adaptar o karate-do para a sociedade japonesa que era muito conhecida pelo seu militarismo e rigidez.

Nessa adaptação muitas características positivas vieram a ser implementadas, como a disciplina, o respeito aos maiores, o senso de justiça, o negativo também veio junto, características como rigidez, excesso de autoridade sobre os praticantes, tudo isso acompanhou a personagem do Sensei até os dias de hoje.

Segundo Bull (2011) etimologicamente Sensei significa “alguém que veio antes”. Sensei não deve ser traduzido nem como professor nem como mestre em um dojo (academia).

No sentido cultural japonês ele é aquela pessoa que lidera o dojo, e que começou a estudar antes e portanto, é digno de todo respeito. O mais provável é que ele seja mais notável por suas características comuns que por qualquer outra coisa. Quando não esta dando aulas, ele se confunde com a multidão.

Como muitas das instituições com raízes no Japão tradicional, não existe um equivalente preciso no Ocidente. Por não termos ninguém que seja exatamente como um sensei, acabamos por dar definições que são inadequadas ou totalmente erradas.

O Sensei não é um treinador, não é uma figura paternal, nem um sacerdote, ele não possui uma resposta simples e eficiente para resolver todas as dúvidas e problemas de seus alunos. Muitas pessoas se aproximam do Karate-do por causa da frágil autoestima, fazem isso pela necessidade de poder ou pela compulsão de adotar uma arte ou uma filosofia oriental por acharem que isso falta em suas próprias culturas. Em algumas ocasiões, a necessidade dessas pessoas, real ou imaginária, é encontrar alguém que tenha todas as respostas – um pai.

O Sensei nem sempre sabe de tudo; nem sempre é paciente e também nem sempre é tecnicamente infalível. O Sensei é mais um produto das circunstâncias especiais da cultura e da civilização japonesa pré-moderna. E estas, entre outras forças, criaram o Sensei.

O papel do Sensei se desenvolveu em grande parte pela interação direta com seus alunos. Suas aulas não eram sob nenhum aspecto de instrução em massa e isso era feito sem o uso de material escrito. Ele compartilhava seus conhecimentos por meio de *isshin-denshin*, uma transmissão direta e altamente individualizada. *Isshin-denshin* é a transmissão direta de habilidades ou conhecimentos de uma pessoa para outra. É importante se compreender que o compartilhamento direto de habilidades e informações também foi considerado um modo

superior de aprendizado em todas as artes tradicionais do Japão, especialmente porque uma grande parte em si vive na personalidade do Sensei.

O confucionismo, depois de introduzido no Japão durante o século IV, misturou-se facilmente com o gosto dos japoneses por venerar a idade e respeitar a ordem social. Isso era demonstrado nos relacionamentos familiares entre pais e filhos, vassalos e lordes, professores e alunos. A posição social era dada tanto pela idade e antiguidade quanto por habilidades e proezas. Não é uma coincidência que a tradução literal de Sensei é “a geração precedente”.

Os primeiros Sensei tiveram o direito a essa posição por causa das habilidades técnicas e práticas que possuíam. Os primeiros estudiosos da área há muito tempo acreditam que essas instruções de combate em seu princípio tinham estrutura informal, isso deve ter acontecido pelo século IX. A metodologia de transmissão funcionava da seguinte forma, um homem sobrevivia a um combate, lembrava como tinha lutado e depois praticava e mostrava para outros. No entanto existem informações escritas que documentam os eventos da história, indicando que o método utilizado neste período pode ter sido mais formal e estruturado do que acreditamos.

No século XIV a primeira escola específica de combate foi criada, desta forma pode-se notar o desenvolvimento do papel do Sensei de maneira concreta. Esta introdução é citada como o princípio do que foi considerado uma delegação de autoridade das artes de lutas no Japão para pessoas que não se enquadravam na imagem do guerreiro. O argumento era que os melhores ou os mais bem sucedidos guerreiros estavam ensinando diretamente métodos de ensino baseados em suas vitórias em campos de batalha, ou seja estava certo que o aprendizado era imediato e baseado na realidade e que estava aprendendo com o melhor, porque o segundo melhor estaria aleijado ou morto.

Entre os professores ocidentais mais antigos, muitos não permitem que seus alunos os chamem de Sensei. Eles podem permitir isso quando a aula está ocorrendo no dojo, mas pedem que em qualquer outra situação os alunos o chamem pelo nome. Essa é uma atitude séria e recomendável. Esses professores reagem não apenas ao uso indevido da palavra, mas ao significado que ela carrega. Para muitas pessoas no ocidente, sensei é um título praticamente idêntico ao de mestre. Sensei é um título que carrega no ocidente todo um tipo de bagagem, o que não acontece no Japão.

Desta forma fica claro como é forte a associação entre a percepção que o praticante tem quanto à necessidade de relacionamento e as ações do Sensei, mais especificamente, as diferentes formas de suporte que o Sensei dá nas suas aulas. Sabe-se que a relação entre o Sensei e seu aluno é fortemente baseada em confiança, submissão e princípios bastante

rígidos. Aparentemente esta forte ligação entre o Sensei e seu aluno tem centralizado toda a percepção de atendimento das necessidades do aluno. Isto pode estar indicando a existência de um desequilíbrio no atendimento das necessidades básicas do aluno. Estudos realizados em outros contextos e esportes indicam que de maneira geral há um equilíbrio entre as correlações entre os tipos de suporte e os tipos de percepção (BARBOSA, 2010; STANDAGE; DUDA; NTOUMANIS, 2003).

#### 4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As informações obtidas através das entrevistas foram analisadas e distribuídas em duas categorias, a saber: A introdução dos elementos integrantes da cultura japonesa presentes na doutrina do Karate-do na prática cotidiana dos dojo; A relação dos elementos da cultura japonesa com a cultura sul rio grandense através da perspectiva dos Sensei. As categorias são oriundas das questões norteadoras do estudo e por isso foram utilizadas como categorias para auxiliar a responder a questão central desta pesquisa. A apresentação do conteúdo das entrevistas e a discussão do mesmo com a literatura será realizada a seguir e nessa ordem para melhor localizar e diferenciar os temas abordados de acordo com o sistema de categorização.

Cabe também acrescentar informações biográficas sobre os participantes do estudo que são professores (Sensei) de Karate-do, são eles:

- Yasutaka Tanaka: foi um dos pioneiros no ensino do Karate-do no Brasil, vindo do Japão, conseguiu formar diversos campeões nas décadas de 1970, 1980, 1990 e atualmente, foi o técnico de Luiz Tasuke Watanabe, quando este conquistou o campeonato mundial de 1972. Até hoje permanece como uma das referências mundiais do estilo Shotokan.
- Luiz Tasuke Watanabe: vindo do Japão e naturalizado brasileiro, até os dias de hoje é reconhecido por haver conquistado o campeonato mundial de 1972. Além disso, Watanabe foi o introdutor do estilo Shotokan no Estado do Rio Grande do Sul e atualmente é um dos principais nomes da International Traditional Karate Federation.
- Luiz Biazus: brasileiro, foi um dos primeiros alunos de Watanabe no Rio Grande do Sul e após a partida dele, ficou responsável por suas turmas. Biazus é também o professor responsável pela disciplina de Karate-do no curso de Educação Física, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Carlos Mazzitelli: um dos primeiros praticantes do Estado do Rio Grande do Sul, foi campeão por equipes na década de 1970 junto com Luiz Biazus, sendo esse o primeiro campeonato conquistado pelo Karate-do do Rio Grande do Sul. Atualmente é professor em um renomado clube porto alegreense, possuindo um dos maiores contingentes de alunos na capital.

- Fernando Malheiros Filho: praticante e professor de Karate-do, foi um dos principais atletas do Rio Grande do Sul na década de 1980, sendo também um dos fundadores da Federação Gaúcha de Karate (FGK). Atualmente está vinculado à Federação Sul Rio Grandense de Karate-do Tradicional entidade da qual faz parte da comissão técnica.

#### 4.1 INTRODUÇÃO DOS ELEMENTOS INTEGRANTES DA CULTURA JAPONESA PRESENTES NA DOCTRINA DO KARATE-DO NA PRÁTICA COTIDIANA DOS DOJO

Através do processo de análise de conteúdo, dentro desta categoria alguns pontos se destacaram nas falas dos entrevistados, foi optado por trabalharmos de forma individual os pontos de destaque da categoria e ao final relacioná-los. Os pontos destacados foram:

- Aspectos relacionados ao seu início na prática do Karate-do;
- A participação em competições;
- Os elementos da cultura japonesa que foram vivenciados no Karate-do e a forma como eles se relacionam nos dojo.

Inicialmente serão resgatados trechos das falas dos entrevistados acerca dos aspectos relacionados ao início de sua prática. Foi possível perceber a maioria dos entrevistados não iniciou a prática do Karate-do por razões relacionadas à cultura japonesa ou aos preceitos e doutrinas presentes nessa arte marcial, mas sim por questões muito mais singelas como “querer ser forte”, para aprender a se defender, por ordem dos familiares ou pelo fascínio gerado ao ver um movimento de Karate-do. Sendo assim, seguem os trechos mencionados acima.

Yasutaka Tanaka:

“Aí entrei, treinei e só. Pensando só... não pensava, é naturalidade, então aí fiquei lá.”

“Todo mundo, todo mundo quer ser forte.”

“Apenas foi isso, criança. Cabeça de criança mesmo, não tem jeito. Porque naquela época...recém havia acabado a guerra, mas ainda tínhamos um pouco daquela lembrança da guerra. Então, precisava alguma coisa para fazer. [...] me defender de alguma coisa.”

Luiz Tasuke Watanabe:

“[...]Minha história desde pequeno, meu pai e meu irmão eram praticantes de artes marcial, nós viemos na migração de 1955 e fomos designados para a fronteira do Brasil com Paraguai. Naquela época nós fomos criados no meio de índios, não havia civilização como conhecemos hoje. Bom, a minha família vem desde a década época dos samurai, é uma família que vem do Sul do Japão. [...] E nós, quando chegamos ao Brasil, não éramos escravos, tínhamos um compromisso que envolvia trabalhar por troca de uma passagem, ou seja, você tem que cumprir, ficar quatro anos [...] Ao cumprir quatro anos recebíamos uma carta de alforria, que significava liberdade e compramos uma área pequena e começamos a sobreviver em uma cidade pequena. [...] Depois desse período, começou minha vida no exército, eu gostava do uniforme, servi na cavalaria [...] Nesse período, na década de 1960, eu conheci um amigo do meu irmão era [...] mestre Tanaka, eu acho que tinha 12 anos ou 13 ainda. E como meu irmão era (praticante), na verdade no fundo eu não gostava de karatê porque desde pequeno sou irmão caçula que sempre apanhava, e meu irmão praticante fazia aquele movimento, batia, e como caçula era meio mimado de uma forma, mas vivia na década de violência, violência era normal nessa época. E comecei a conhecer professor Tanaka [...] E aí foi convidado isso, depois que servi no exército, São Paulo, Rio aí começou karatê na década de 60-63-62-61, comecei no exército, [...] Então desde que sai do quartel voltou (era fácil) cheguei

lá, continuei com eles, com meu irmão e praticando né? [...] Bom, eu não tinha intenção de praticar, ou seja, por que eu gosto, era o destino, meu irmão que mandava, e eu seguia, [...] não tinha sonho, ou seja, vivia como todo mundo né? Meu irmão obrigava estudar, mandou fazer vestibular e tudo, por mim que fui criado no meio de, apesar de que sabia ler e escrever, para mim era um choque ir na faculdade. Eu não tinha esse dom. Aí meu irmão me designou fazer esporte para ser meu futuro.”

Luis Biazus:

“[...] em um encontro casual na Borges de Medeiros, ele estava descendo a Borges onde era o antigo Cinema Vitória, defronte ao antigo Cinema Vitória na calçada, aí me apresentou “ó, estou trazendo esse japonês aqui de São Paulo para dar aula de Karatê. [...] Aí ele disse “ó, vamos iniciar na segunda-feira”. E eu perguntei “que horas?” “ah, seis horas da tarde”. Então isso foi numa sexta-feira e na segunda-feira à tarde eu estava lá, comecei... me apresentando, no antigo Tóquio Esporte Clube.”

“[...] o interesse não saberia dar uma razão ou uma justificativa do por que da continuação. A gente pode dizer uma soma de fatores, inclusive que na minha infância como na infância de todos daquela época não era uma infância como hoje que é estática na frente de um computador, de uma televisão, de um tablet. Nós vivíamos praticando esporte mesmo não sabendo o que era o esporte né? Era correr, saltar, pular, enfim. E dentro deste contexto o início da prática do... ou no karatê, digamos assim, fechou com a minha talvez personalidade, isto não teria como dar uma explicação ou um posicionamento. Não é um só fator interveniente.”

Carlos Mazzitelli:

“Ocorreu com um convite de um professor que ministrava judô, professor Obata, que quando trouxe um professor do Rio de Janeiro, professor (Muniasi) Shimada, para que continuasse... começasse com o karatê. E eu aceitei e desde então comecei a fazer atividade do karatê com ele.”

Fernando Malheiros Filho:

“Bem, começa no ano de 73. Sob o ponto de vista cultural a cultura japonesa virtualmente não existia na cidade de Porto Alegre, mas já tínhamos alguns professores de karatê aqui. E eu na época tinha entre 13-14 anos e descobri que um amigo meu começava a praticar, fiquei muito interessado pela beleza estética dos movimentos que ele desenvolvia. Perguntei a ele como faria para fazer a prática e enfim, ele me indicou o local que era uma sala na Avenida (Renan) Soares a frente do hospital de pronto-socorro, o prédio existe ainda lá, na verdade uma academia de judô, mas que tinha horários de karatê. O professor na época era o professor Carlos Mazzitelli faixa roxa naquela ocasião. Estava em vias de se transferir pra Pelotas, ao que eu fiquei sabendo na mesma época, eu era menino, o professor Watanabe teria determinado que ele fosse ministrar aulas em Pelotas, tinha aberto uma academia lá em Pelotas. Então eu fiquei muito pouco tempo com aulas com o professor Carlos Mazzitelli e logo depois assumiu a posição do professor Carlos Mazzitelli o professor Nestor Riambau na época faixa verde. Nós tivemos uma época que mesmo com baixa graduação se... já se transformava em professor, uma prática que depois foi abandonada. E essa foi a minha inserção. Um ano depois eu me transferi pra academia do professor Watanabe, isso

no ano de 74 pra 75, e com ele eu fiquei até o ano de 81 quando o professor Watanabe saiu de Porto Alegre.”

“Na verdade é um fenômeno que até hoje eu não consigo explicar. Eu fiquei, diríamos assim, enfeitiçado pelo movimento que o meu amigo que tava recém começando a aprender, era principiante, faixa branca, desenvolveu. Então eu diria que o meu primeiro contato e meu primeiro interesse pela arte foi estética. [...] Foi uma... foi uma aproximação estática, aquilo me chamou muita atenção, não foi nenhuma demonstração de aplicação de técnica, foi uma relação estética né, eu vi ele realizando alguns dos movimentos, que eu não recordo bem, porque imagino que devemos ser feitos muito grosseiramente do, mas me encantaram aqueles movimentos e eu tive uma... diria acho que uma iluminação ou um insight estético e foi isso que me levou a praticar. E o resto veio depois né? Então não foi uma relação com arte de luta, não foi necessidade de defesa pessoal, tão pouco foi uma questão de fazer exercício, fazer bem pra saúde alguma coisa assim. Foi simplesmente uma atração estética pelo movimento né. Claro que depois o resto vem junto, mas o primeiro contato foi o contato visual, foi uma imagem que eu vi de um movimento que me encantou, me enfeitiçou e eu fui lá praticar e eu tô lá... eu tô desde lá até aqui, vamos aí 73 pra 2017 é bom fazer a conta né? Estamos falando em 45 anos. Muito tempo.”

Pode-se perceber através das falas diferentes nuances, que possivelmente estão muito relacionadas às histórias de vida dos entrevistados. Na fala de Yasutaka Tanaka, que é japonês, podemos perceber como o momento social vivido no Japão na época na qual ele começou a praticar Karate-do foi fundamental para sua escolha. Em sua fala, quando cita o período pós-guerra e a necessidade de se defender de algum perigo que poderia acontecer. Tanaka traz também a ideia de querer ser forte e que também não refletia muito sobre outras questões além da prática do Karate-do, isso nos remete a um pensamento sobre o Karate-do extremamente ligado com a defesa pessoal, a sobrevivência e não tanto algo relacionado com

os ideais de disciplina e doutrina de vida. Em consonância com a fala de Tanaka, Inoue (2011) e Barreira e Massimi (2003) afirmam que o ápice a ser atingido com o treinamento do Karate-do é formar um *karateka*, que além de um lutador, tenha tido seu caráter aperfeiçoado pela prática, tornando-se um cidadão consciente de seu papel na sociedade.

Já na fala de Watanabe, percebe-se que seu início no Karate-do está mais relacionado com sua família, uma vez que seu irmão e seu pai já eram praticantes, ele quando mais velho, começa a prática e assim acaba decidindo pelo Karate-do como um caminho para sua vida, para seu futuro. No trecho destacado há uma passagem na qual ele menciona que não sabia se gostava, pois não tinha intenção de praticar, ele apenas obedecia as ordens de seu irmão. No trecho destacado da entrevista de Biazus, descobrimos que seu início se deu ao acaso, devido a um convite realizado em um encontro ocasional na rua. Entretanto, quando o entrevistado fala sobre seu interesse em permanecer na prática ele menciona que foi pelo fato de a modalidade ter se assemelhado à sua personalidade. Nesse ponto é interessante observar como, apesar de não haver inicialmente uma motivação especial para iniciar a prática do Karate-do, a modalidade se assemelhou e se constituiu como parte de sua personalidade.

Carlos Mazzitelli possui um início que possui congruências com o recém citado sobre as falas de Biazus, assim como o entrevistado anterior, Mazzitelli foi convidado por outro professor e assim iniciou sua prática no Karate-do. Fernando Malheiros, diferentemente dos demais iniciou a prática por haver se fascinado com os movimentos que foram a ele apresentados por um amigo, a partir dessa representação ele decide praticar a modalidade. O entrevistado menciona que naquele momento surgiu uma relação com a arte de luta, não necessariamente uma relação com a defesa pessoal, o principal objetivo do Karate-do, e que essa relação veio posteriormente, com os anos de prática.

O segundo tópico que obteve destaque nas entrevistas está relacionado a participação em competições, na sequência apresentamos trechos destacados acerca do tópico em questão.

Yasutaka Tanaka:

“Eu não sei se importante, não, não. Não penso, se tem competição e a pessoa falar, “vai”, a gente vai. [...] Bom, eu não

pensava muito [...] esse pensamento de importância não, mas se a pessoa gosta, vai, se a pessoa não gosta, deve ser contra. Na minha época, não era contra ou a favor não, era quando a pessoa manda ir, tem que ir.”

Luiz Tasuke Watanabe:

“Meio difícil falar qual competição na minha vida. Acho que como professor aqui no Rio Grande do Sul levei uma equipe gaúcha, todo mundo era faixa vermelha, laranja.”

[...] surgiu e participamos nosso primeiro campeonato, acho que terceiro campeonato brasileiro no geral. O primeiro foi em 1969 né, participei no Rio de Janeiro, [...] e eu tirei terceiro lugar no individual, disputei com meus alunos né? [...] Agora, o título mais importante que conquistou né? Esse título em 1974 foi conquistado o campeonato brasileiro, esse acho que foi o maior título, com os meus alunos, [...] ganhamos de todos, [...] a final foi com Bahia [...] O título de campeão mundial foi em 1972, mas esse [...] eu acho que o mais importante foi o com o meu aluno, que eu criei desde faixa branca, desde criança, aqui no Rio Grande do Sul né, e acho que por isso que tem mais valor. Agora, o título mundial e suas consequências, na verdade estou sofrendo até agora por causa do título mundial, foi muita cobrança. [...] nosso esporte amador não envolve nem um pouco dinheiro, o público, vê o nome, acha que somos ricos, mas eu não tinha nem carro, e era proibido de andar ônibus, não tinha dinheiro, não tem... né? Bom, aí de vez em quando um amigo emprestava um carro, pegava né? [...] Depois teve oportunidade, claro, época karatê começou crescer muito no Brasil e teve oportunidade de comprar carro né?”

“Bom, minha vida começou mudar depois que eu conquistei esse campeonato brasileiro com meu aluno, com própria [...] eu planto uma

planta e essa planta vingou, nasceu uma fruta e consegue sobreviver, deu aquele sonho né? Campeão mundial chama eu cumpri com as pessoas que investiram, tanto meu irmão, tanto Sensei Tanaka que é como irmão, como família, eu cumpri com ele, que é meu professor, dei a maior alegria para ele.”

Luiz Biazus:

“A importância pela competição em si não. Foi importante no sentido de não se fazer uma diferenciação do karatê [...] a competição fazia parte do karatê, mas não uma importância principal né? Não era o objetivo, mas estava imbuído dentro daquele contexto, então treinávamos para uma competição com certeza né? Treinávamos muito, mas não era imbuído no sentido porque naquele tempo era essencialmente amador, não existia recompensas financeiras como hoje em dia existe através dos patrocínios. Então muitas vezes nós pagávamos do próprio bolso as passagens ou era o ‘patrocínio’.”

Carlos Mazzitelli:

“Foi. Me deram mais segurança, mais personalidade [...]

que me faltava um pouco de autoconfiança. É. E me ajudou muito na minha vida como instrutor, como profissional, tudo isso aí.”

“Ah, pra mim foi assim, um... primeiro um orgulho assim. De eu me sentir assim, seguro, valorizado, entende? Tanto como pelos colegas e também pelos instrutores. Essa foi a minha grande alegria de conseguir. [...] foi assim, uma coisa muito valor... de muito valor pra mim.”

Fernando Malheiros Filho:

“Ah foi muito importante! Primeiro que na época eu não tinha uma distinção muito clara a respeito da separação da prática como uma forma educacional e da competição. Eu entendia na época que a competição era o objetivo final do treinamento. Não havia pra nós naquela ocasião uma distinção muito clara até porque nós não tínhamos uma interação muito forte com valores filosóficos como cultura oriental. Não era do modelo da época, não era a forma como se ensinava, nós temos sempre situar os seres humanos na época em que viveram. Em qualquer circunstância histórica. Eu só fui entender né, que as competições eram apenas uma parte da prática anos depois. Agora, as competições tiveram um valor muito grande pra mim no sentido de impor... estabelecer a superação de limites. Na verdade pra mim elas tinham um peso adicional por uma série de razões psiquiátricas, eu tenho uma dificuldade de sono né, e qualquer tipo de ansiedade faz com que eu não durma bem ou com que eu não durma a noite inteira. Hoje já mais administrado com medicamentos, enfim. Na época as competições geravam naturalmente uma ansiedade, - atleta jovem -, e essa ansiedade me levava a não dormir. Significava que eu tinha que lutar com insônia não é? Então o grau de superação pra mim era maior do que pra um outro competidor. Então isso pra mim realmente foi um aspecto que me marcou muito, em todas as competições que eu tive que enfrentar dessa maneira. Foi um ato de grande superação. E superação a gente sabe, é um mecanismo muito poderoso pra enfrentar as dificuldades da vida. E a vida é isso não é? Uma soma de superação e dificuldades.”

“Pois é, sabe que encontrar uma significação exata é algo complexo. É claro que a medalha, ela tem um valor simbólico, especialmente pra um jovem não é? Jovem que precisa de afirmação, jovem que duvida da sua própria capacidade, a medalha acaba significando de alguma

maneira um atestado de que ele pode, de que ele tem condições de superar adversidades, ainda mais uma adversidade dessa natureza, enfrentando um lutador também preparado, enfim. Então naquela época elas realmente tiveram muita importância. Eu recorro de usá-las com muito orgulho depois de... depois de tê-las ganho em uma ou outra competição. Mas posso te afirmar que hoje elas pra mim perderam a importância, eu sequer lembro onde elas estão, em que pés eu tenha todas elas guardadas em algum lugar. Então eu me desapeguei um pouco desse símbolo, mas eu me lembro perfeitamente que foram muito importantes para um jovem, adolescente, depois adulto jovem, vinte e poucos anos, até perto dos 30 anos quando eu parei de competir. [...] eu acho que até sobre o ponto de vista da visão budista na qual se lastreia todas as artes marciais, em especial o karatê-do, essa noção de desapego é muito importante não é? Então se nós não nos desprendemos da medalha nós não conseguimos envelhecer? E o envelhecimento é um processo natural em qualquer ser humano e a grandeza dele, na minha concepção, está na capacidade que ele tem de reconhecer tá? Nós somos bons no que fazemos dentro dos limites da idade que temos não é? Jamais eu vou ser o mesmo que recebeu aquela medalha. Não há mais a menor condição.”

Nesse tópico é possível perceber os entrevistados posicionam-se em dois grupos, os que consideraram importante a participação em competições o aqueles que o fato de competir ou não foi indiferente em suas trajetórias. Yasutaka Tanaka e Luiz Biazus consideraram que a participação em competições não foi um componente de suma importância em suas vidas, para ambos as competições eram parte integrante do treinamento de Karate-do, eles mencionam que se eram solicitada a participação por parte do Sensei, eles se preparavam e iam, mas não que a competição possuísse uma razão e finalidade em si mesma. Fernando Malheiros Filho também menciona a competição como parte integrante do treinamento do Karate-do, porém para este, assim como para os demais participantes, as competições foram muito importantes em sua trajetória.

As razões pelas quais os demais entrevistados apontam que as competições foram importantes para seu desenvolvimento, tanto dentro como fora do Karate-do são diversas. Watanabe classifica a participação em competições em dois momentos, o individual, no qual ele atuava como atleta e o de técnico, no qual obteve resultados significativos com seus alunos. Ele menciona que apesar de a conquista do campeonato mundial de 1972 ter significado uma grande mudança em sua vida, a qual os reflexos são sentidos até hoje, sua maior felicidade foi ver que seus alunos saíram campeões, em especial um, que iniciou a prática do Karate-do com aquele ainda criança. Outra passagem que merece destaque em sua fala é a relação com o título “honrar” seu professor e as pessoas que investiram seu tempo nele, através disso pode-se perceber que o entrevistado não encara a medalha como algo só seu, mas sim algo conquistado por ele com a ajuda de diferentes que pessoas que assim tornaram possível esse “sonho”.

Para Carlos Mazzitelli as competições foram essenciais para sua vida, através de suas falas, percebe-se que as conquistas competitivas foram um meio de auto afirmação, que teve resultados muito positivos em sua vida, não apenas como praticante e atleta, mas também como profissional de Karate-do. Fernando Malheiros Filho vai ao encontro da fala de Mazzitelli, quando menciona que as competições foram essenciais para sua vida, por outros motivos diferentes dos do entrevistado anterior. Contudo, ele menciona que elas foram uma via para superar seus limites, pois por sofrer de ansiedade, não conseguia dormir nas noites que antecediam as competições e com isso competia em débito, o que tornava suas ações muito mais custosas. Malheiros Filho traz ainda a relação da importância da medalha e seu significado com o passar dos anos. Ele menciona que com seu amadurecimento, as medalhas deixaram de servir como um meio de afirmação pessoal, segundo o entrevistado, ele acredita que esse processo de desapego pelo qual passou é muito importante e está relacionado com elementos da cultura japonesa, como o zen budismo, que possui vínculos com a prática da arte marcial. Essa fala de Malheiros Filho coincide com o que outros Sensei relataram em um estudo realizado por Lage e Gonçalves Júnior (2007) no qual os Sensei entrevistados citam que o Karate-do está intrinsecamente relacionado com as suas existências, sendo entendida muito além de uma prática esportiva e passando a configurar um caminho de educação.

O tópico que finaliza esta categoria trata dos elementos da cultura japonesa que foram vivenciados no Karate-do e a forma como eles se relacionam nos dojo, assim como os demais, foi feita uma relação dos trechos de destaque dos entrevistados sobre esse assunto.

Yasutaka Tanaka:

“Essa é muito difícil. Eu nunca pensava nisso, cultura japonesa. Eu acho que família. É. Família é que dá base. Agora, quando chega a idade...não sei, nunca pensei nisso. Cultura, cultura, para mim é família mesmo. Naquela época, tinha essa...família tinha obrigação de levar os filhos ao caminho certo.”

“Eu não sei se transferi ou não cultura japonesa para meus alunos. Eu nunca pensava isso, porque cada um tem uma arte. A cultura japonesa não sei, nunca pensei assim. Para nós, essas coisas são... tipo assim, natural. Está no sangue mesmo, não tem jeito.”

“[...] por exemplo, como é que o homem tem que viver? Vocês...todo mundo sabe, não pode roubar. Essas coisas todo mundo sabe que, às vezes rouba, mas às vezes não é tão errado.”

Luiz Tasuke Watanabe:

“ [...] acho que seria o exemplo, todo professor... eu não vi, pode ver que todos os professores que são japoneses, são respeitados. [...] Se você der uma planta, ele agradece, ele cuida disso. Essa é característica japonesa. [...] você tem compromisso de cuidar.”

“[...] eu sinto orgulho de ter sangue japonês, porque a raça japonesa, tanto no Brasil e no mundo, o japonês vem para construir, não vem para aproveitar. [...] Esse tanto na arte do Karate-do, por isso que eu tenho paciência e planto, e ainda com a minha idade atual já tive muitos obstáculos, mas tenho que me sacrificar viajando, vendo aquela planta que de qual jeito que está crescendo. Dando água. Água o quê que é? Uma palestra, olhando um professor bom ou não, estudando, o quê que dá para ser feito. [...] Mas naquela época que eu iniciei eu não tinha essa intenção [...] agora tantos professores sofrem

para honrar seu compromisso, esse sofrer não é algo ruim, significa que querem o melhor para o Karate-do [...]"

"Cultura japonesa, isso. Por isso que japonês é respeitado? Porque ele tem atenção com as pequenas coisas dele, e continua tomando cuidado e auxiliando os outros. [...] Por isso que eu luto, luto para ser seguidor dessa coisa boa para honrar esse mestre que me deu um caminho."

Luiz Biazus:

"Bom, aspectos da cultura japonesa foi a vivência que nós tivemos contato né, que foi proporcionada pelo karatê antes dos modismos que chegaram posteriormente."

"Aspecto cultural no caso a vivência do esporte, a procura por conhecimento através de contatos que hoje em dia que são bem mais facilitados e na época não existia não é, essa... a internet não existia, então eram filmes de divulgação do consulado japonês, nós conseguíamos contato com os japoneses que vinham do Japão, mas aí específicos da área que éramos a referência, então de outros estilos, quando eles vinham, treinavam inclusive conosco algum tempo até conseguirem implementar um local de trabalho. Inclusive gente do taekwondo quando vinha era referência não é?"

"Não era uma questão de orientação, acho que o Watanabe não tinha pelo menos 25 anos na época, era muito próximo da nossa faixa etária. Então era mais uma convivência do que orientação né, a gente não pode dizer assim que ele disse "não, vai lá", não, era algo que para ele era natural e a nós também, inclusive a forma de tratamento era muito questionada pelos outros japoneses mais antigos, a forma como nós nos dirigíamos a ele. Mas era principalmente por isso, ele estava deslocado, saindo do meio e chegando aqui, a faixa etária, ele

25-24 anos, chegando aqui e nós na turma... na faixa dos 20 anos, então era muito próximo essa relação.”

“Bom, como é que eu vou pensar aí, o quê que seria aspecto... o quê que seria o meu aluno? Meu aluno teria uma característica diferenciada, não pode ser considerado o aluno ligado a um Dojo, a uma academia. É um aluno universitário então ele já tem uma outra perspectiva, ele não vê o karatê como um fim. Então quanto a esse aspecto é muito... até pode causar muito choque para ele a forma do karatê em relação a outras disciplinas, que muitas vezes trabalha em outras disciplinas aspectos maior lúdicos do que propriamente do esporte. Então não chega haver... são poucos os alunos que continuaram trabalhar no karatê ou já, quando vindo aqui, já tinha um trabalho dentro da disciplina, da modalidade do karatê. Então o aluno, em geral, esse é muito pouco afetado.”

“Então são alunos que por uma ou outra necessidade fazem a matrícula. Ou depende também do departamento. Se o departamento entende que não é necessário ou dentro da grade curricular não deva ser oferecida, ela não é oferecida, como este semestre, ele não foi oferecido. Então claro que dentro daquele contexto da atividade, da prática, mesmo que a gente não queira ou não tenha por objetivo passar isto, a gente passa, mesmo não sendo objetivo primeiro [...]”

Carlos Mazzitelli:

“Sim, transferi também. E mais assim, a disciplina. Isso. Até acredito que mais.”

“E também assim, a... para que meus alunos tenham também a mesma coisa que eu tive, a autoconfiança entende? Como é que eu vou explicar assim, para... segurança pra eles entendeu?”

Fernando Malheiros Filho:

“Bem, a cultura japonesa vai passar a ter uma importância muito grande pra mim mais recentemente. É uma coisa interessante, na época que eu comecei a praticar, como o próprio professor Watanabe não tinha uma relação muito intensa com cultura japonesa, até porque ele teve a sua infância no Brasil mesmo. Eu só fui entender que era importante me dedicar a entender o quê que aconteceu nesse fenômeno que acabou gerando as artes marciais, particular o karatê-do nos últimos 25 anos mais ou menos. A partir desse momento então eu começo a estudar intensivamente a cultura oriental, não somente a japonesa, em particular a japonesa, mas também a história do Japão, a história do karatê, a história das religiões japonesas, a influência do zen-budismo nas artes marciais, enfim, o fenômeno histórico que gerou dentro da história do Japão num determinado momento com o final das guerras samuraicas o surgimento das escolas de artes marciais, e aí eu começo a entender o fenômeno dentro do qual eu estava inserido. E na minha leitura, eu não sei exatamente se eu estou certo, é neste momento que eu reconheço a minha própria identidade, uma identidade que estava absolutamente perdida quando eu... professor foi embora e eu tive que começar a procurar os cacos né, de um vaso que eu prendia ser. Ali eu começo a entender a minha inserção, ali eu começo a entender a origem de tudo, ali eu começo a ver como aspectos da minha personalidade se afinavam com a cultura japonesa, como era importante desenvolver uma prática de uma arte marcial visceralmente japonesa como é o karatê-do, como era importante pra isso entender as raízes desse fenômeno, entender historicamente, entender filosoficamente. Aí a partir desse momento realmente eu me dediquei intensamente a leituras, eu sou obrigado a reconhecer que hoje não são tão frequentes, até porque foi uma bagagem muito grande, eu tenho outros interesses culturais que eu vou perseguindo, mas que tiveram uma importância capital na formação definitiva da minha identidade.”

“Ah eu transfiro aspectos da cultura japonesa para os meus alunos diariamente. Em termos de valores, de formação de caráter, nós temos a... nós recitamos o mantra do Dojo Kun todo final de treinamento. Creio que ali existe uma síntese do pensamento do (doutor Funakoshi) eu acho que aqueles valores são universais e são valores civilizatórios, a gente vê que não se tratava de um homem embrutecido pelo campo de batalha, mas verdadeiramente de um intelectual, alguém que entendia as circunstâncias políticas e as circunstâncias sociais, geopolíticas no momento em que ele vivia e conseguiu captar valores que são facilmente transferidos pra um ocidental. Além disso, eu tenho a impressão que a história japonesa é uma história muito rica. No sentido de nos dar exemplo, nos dar condições, criar metáforas, de como as coisas pode acontecer a partir de uma cultura nitidamente autóctone, uma das poucas culturas autóctones do mundo. De uma... de um povo que ficou isolado numa ilha por quase dois mil anos. Claro, havia contatos, os chineses chegaram lá, depois os portugueses, os espanhóis, os holandeses, os ingleses, mas um povo que manteve nessa condição autóctone a sua identidade radical a ponto de até hoje serem como eram em vários aspectos, apesar de toda intersecção com a cultura ocidental e americana depois da segunda guerra até hoje preservarem muito desses aspectos passados quase dois milênios. Então eu acho que a cultura japonesa, ela é o começo de tudo. Que nos faz chegar até aqui.”

Na breve biografia dos entrevistados apresentada no início dessa sessão, temos conhecimento de que Yasutaka Tanaka e Luiz Tasuke Watanabe são japoneses, fato este que explica em parte muitos de seus posicionamentos quando perguntados sobre questões relacionadas à cultura japonesa. Para eles, em especial para Tanaka, pode-se perceber que os aspectos da cultura japonesa que nós ocidentais tratamos com muito apreço e respeito são coisas naturais, e estão relacionadas à família e a educação provida por ela, ou seja são valores passados através de gerações, tão intrínsecos em suas condutas que chegam a ser corriqueiros para os japoneses. Ele menciona que não sabe se transferiu algum aspecto da

cultura japonesa para seus alunos, pois não via as coisas dessa forma, entretanto ensinou a como ter atitudes corretas, ser uma “boa pessoa”, a distinguir o certo do errado e atuar da melhor forma.

Funakoshi parafraseado por Teramoto (2005) menciona que a prática do Karate-do muito mais tem a ver com dominar o ego do que com a eficácia da arte marcial e que o valor da arte depende de quem a aplica e do propósito do mesmo, se for por um bom propósito a arte terá grande valor, senão não. Antes de apresentar alguns dos princípios do Karate-do é de extrema valia mencionar que o aprendizado dos mesmos não se dá de maneira imposta e que não é necessário saber “de cor” cada princípio. O processo de transmissão se dá de forma implícita durante a prática e a convivência com o *Sensei* (professor de Karate) e a incorporação dos princípios ocorre a partir das experiências vividas pelos *karatekas* durante sua formação. A seguir são citados e conceituados alguns dos princípios que mais caracterizam o conteúdo formativo da prática do Karate-do (FUNAKOSHI; NAKASONE, 2005).

1. Não se esqueça de que o Karate-do começa e termina com *Rei*. O *Rei* pode ser definido como “respeito”, contudo, significa muito mais que isso. O *Rei* compreende tanto uma atitude de respeito pelos outros quanto um sentimento de autoestima, quando aqueles que respeitam a si mesmos transferem esse sentimento de estima é que realmente se apresenta o respeito pelos demais;
2. O Karate-do permanece do lado da justiça. Justiça é fazer o que é certo e fazer o que é certo requer força e capacidade de verdade. Os praticantes de Karate-do devem permanecer do lado da justiça em todas as ocasiões e apenas em situações em que não haja outra escolha devem expressar sua força através do uso das mãos e dos pés como armas;
3. O Karate-do vai além do *dojo*. O objetivo de sua prática é aprimorar e desenvolver tanto a mente como o corpo, o cultivo da atitude mental e espiritual iniciada durante a prática no *dojo* não deve cessar após o momento no qual o deixamos, ao contrário disso deve continuar ao longo da vida diária;
4. Aplique o sentido do Karate-do a todas as coisas, é isso o que ele tem de belo. Tanto na prática como nas eventuais oportunidades na vida real, um golpe ou um chute, dado ou recebido, podem significar vida ou morte, esse é o conceito essencial do Karate-do.

Devido a isso, se todos os aspectos da vida forem encarados com tanta seriedade, não haverá desafio ou dificuldade que não possam ser superados;

Watanabe, por sua vez, por ter sido criado desde a infância no Brasil, consegue identificar e separar bem o que é relacionado a cultura japonesa e possivelmente isso justifica seus posicionamentos. Sua fala traz muito da relação do exemplo que o professor passa para seus alunos e também do compromisso com o processo de formação. Ele remete esses fatores à cultura e à educação japonesa, que preza muito os processos na realização das atividades, desde as mais singelas até as mais importantes. Fica implícito nos trechos destacados de sua fala que ele acredita que sua maior contribuição em relação aos aspectos da cultura japonesa ensinados e vivenciados nos dojo diz respeito ao compromisso que se tem com o ensino, com o processo de ensino e o fato de honrar seu professor.

O contato de Luiz Biazus com a cultura japonesa e seus aspectos intrínsecos ao Karate-do se deram através da convivência com seu Sensei, que era Watanabe, no entanto ele diz que não foi através de orientações, pois seu professor era muito jovem na época e também tinha praticamente a mesma idade que sua turma. Já quando ele aborda como esses aspectos são transmitidos para seus alunos, há uma questão muito particular relacionada ao seu espaço de ensino, que é a universidade. Em seu caso os alunos não iniciam a prática do Karate-do por interesse próprio, mas sim como créditos que devem cumprir para poder concluir a graduação. Com isso, ele menciona que se torna muito difícil transmitir os aspectos da cultura japonesa, porém na parte prática ainda há a possibilidade de passar algo, pois está muito intrínseco a sua forma de ensinar.

A disciplina e a autoconfiança são os pontos chave que Carlos Mazzitelli acredita passar para seus alunos, ele menciona que essas foram as maiores contribuições do Karate-do trouxe para sua vida e que por isso considera muito importante transmiti-las para seus alunos. As falas de Fernando Malheiros Filho vão ao encontro do relatado por Biazus, uma vez que tinham o mesmo Sensei, ambos dizem que no início de sua prática seu Sensei não tinha uma relação explícita com a cultura japonesa e que isso foi ficando mais claro com o passar do tempo para ele. A partir de seus estudos, ele encontrou na cultura japonesa elementos essenciais para a construção de sua personalidade, ou seja um processo que foi iniciado de forma não intencional e não muito contundente através de seu Sensei, terminou por despertar um interesse substancial que possuiu suma importância em sua vida. Por sua vez, quando fala

da transmissão de valores da cultura japonesa para seus alunos, ele menciona que faz isso a todo momento, e ressalta a execução do *dojo kun* (lema do Karate-do) que é o caminho do qual ele se utiliza para isso. Através do *dojo kun*, segundo Malheiros Filho, aprende-se valores universais e civilizatórios, essenciais para a sociedade. Sanvicens *apud* Casamort Ayas (1999)<sup>23</sup>, ao encontro do mencionado por Malheiros Filho nos traz que em a educação tem como principal finalidade a formação integral da personalidade e as demais finalidades, tanto implícitas como explícitas, devem estar subordinadas a mesma. Em consequência disso um esporte somente será educativo quando as situações em que acontece permitirem o desenvolvimento das habilidades motrizes e psicomotrizes em relação aos aspectos afetivos, cognitivos e sociais da personalidade do praticante (LE BOULCH *apud* SEIRUL. LO VARGAS, 1999)<sup>24</sup>.

#### 4.2 A RELAÇÃO DOS ELEMENTOS DA CULTURA JAPONESA COM A CULTURA SUL RIO GRANDENSE ATRAVÉS DA PERSPECTIVA DOS SENSEI

A segunda, e última, categoria de análise deste estudo trata das relações do encontro entre duas diferentes culturas, a japonesa e a sul rio grandense no âmbito do ensino do Karate-do. Nessa perspectiva, dois tópicos tiveram maior destaque na fala dos Sensei entrevistados:

- Os desafios enfrentados no ensino do Karate;
- O desenvolvimento do Karate-do no Estado;

Sendo assim, iniciaremos apresentando os trechos relacionados aos desafios encontrados no trabalho com o Karate-do aqui no Estado.

Yasutaka Tanaka:

“Maior dificuldade, eu acho que não tem. Não tinha, porque faz karatê assim [...] porque aquela época, só eu que sabia também. Então, mas isso é...eu acho que é natural para mim isso. Se trabalhar, tem que trabalhar.”

<sup>23</sup> SANVICENS (1984) *apud* CASAMORT AYAS, 1999, p. 51.

<sup>24</sup> LE BOULCH (1991) *apud* SEIRUL. LO VARGAS, 1999, p. 62.

“Eu tinha que deixar meu nome aqui no Brasil através do karatê. Então, o que o karatê pedir eu tenho que fazer, quando há necessidade, eu tenho que fazer pelo karatê. [...] É minha obrigação. É levar bastante gente para o karatê, minha obrigação é isso. Tenho que me responsabilizar. Karatê não usa o caminho errado.”

Luiz Tasuke Watanabe:

“Bom, a forma de educação da minha família nunca visou dinheiro. Tanto isso que acho que [...]que essa palavra é meio agressiva, mas acho que é por isso que sou um pouco pobre, eu posso falar, assim como muitos outros professores, o professor Tanaka, me ensinou a chutar, socar, mas nunca me ensinou como ganhar dinheiro. Tanto isso que agora eu viajo para ministrar cursos no exterior. Não é questão de se rebaixar por migalhas, talvez eu nunca fique rico, mas essa honra, de honrar a arte, eu mantenho. É uma coisa limpa, que eu não troco por dinheiro. Isso que eu mantenho. Agora, de vez em quando eu fecho o olho, fico vendo meu trabalho, quem sou eu, o que se pode até agora no mundo, acho que sou o único professor no mundo que tem cinco títulos máximos de karatê. Agora estou seguindo, estou espalhando tanto no Brasil e no mundo [...] Isso que eu tento transmitir para todo professor, esse não é religioso [...] Eu acho que conquistei um pequeno respeito com toda as minhas atitudes para o Brasil e no mundo esse professor porque eu luto para... eu respeito para ser respeitado, mas mesmo assim ser humano erra, se comete muito erro sim.”

“Bom, minha formação... como meu padrinho general Andrade (Neves), Sintra, Brigadeiro né? Eu já envolvi futebol também toda aquela época, Grêmio Futebol Clube, tanto internacional, [...] era um dos meus patrocinadores. Então na formação do meu grupo de Karate-do, esse grupo deu muito apoio. Aqui tinha muita divulgação, tanto na televisão dava muito apoio [...] Então tive uma boa receptividade, muito apoio desde pessoas que eram esportistas até

jornalistas deram muito apoio. [...] eu tinha muito professor de faculdade que era meu aluno [...] Então na minha formação ele me ajudavam, me corrigiam, e me mostravam a cultura rio-grandense. Tanto isso que sou cidadão porto-alegrense na Câmara [...] fui homenageado como cidadão porto-alegrense. Sou gaúcho e tenho até esse título.”

Luiz Biazus:

“Se a gente pode chamar de percurso desportivo seria basicamente a falta de apoio que nós não tínhamos em termos de auxílios para participação de campeonatos, algo como assim, participação no campeonato brasileiro envolvia uma viagem de deslocamento de ônibus de 24 a 27 horas até o Rio de Janeiro disputar ali o campeonato e voltar também 24 horas, 27 horas de ônibus, às vezes com alguma lesão ((risos)) não é muito... não é muito, como se diz assim, hoje em dia seria muito aceito não é? Então, dentro desse conceito a gente fazia porque era algo que seria esperado inclusive daquele grupo já que nós éramos os percussores e a nós era, entre aspas, “cobrado” um posicionamento “não tem mais ninguém vocês vão”, representávamos o estado, representávamos o karatê né? Fora daquele eixo principal que era a época Bahia, (Caribe) e Rio Tanaka.”

“O principal no caso da receptividade seria isso, o desconhecimento do que era o karatê dentro do nosso meio. Isso é o principal. E o outro seria adequar o contexto teórico com aquela prática que se fazia no início. Digamos, a fundamentação que eu fui o primeiro, digamos, era o único ligada à área de educação física. Então, esse contexto que posteriormente como tu sabe, que foi mais trabalhado, mas a época eram somente indivíduos que muitas vezes nem faixa preta eram, mas que ministravam aulas como faixa preta. Então, como se diz, era um contexto diferente.”

Carlos Mazzitelli:

“As dificuldades é que como eu disse agora, como eu era sozinho e nós não tínhamos uma federação mais concreta, alguém responsável mais firme, então o desafio foi assim, eu tentar continuar até eu conhecer o professor Alfredo que montou a federação gaúcha, a federação de karatê tradicional e daí me convidou pra trabalhar junto. E eu aceitei porque para mim era uma segurança, mais firme né, e daí foi ali que eu comecei a crescer mais. Entende? Com ele me ajudando.”

Fernando Malheiros Filho:

“Bom, foram muitos né? O primeiro deles foi de identidade, o mais grave deles foi de identidade tá? Isso porque eu não tive professor a partir de uma idade que eu achava que eu ainda precisava. O professor Watanabe saiu daqui no ano de 81, o que significa que eu tinha 22 anos né? Muito jovem para ter uma carreira solo, mas enfim, eu tive que enfrentar essa dificuldade. Isso deve ter de alguma maneira travado o meu desenvolvimento né? Mas ao mesmo tempo acho que o esforço empreendido pra criar uma identidade própria, porque havia uma necessidade de migrar na condição de receptor pra doador, de aluno pra professor, eu precisava fazer essa migração rápida porque eu queria manter vivo a arte marcial dentro de mim e para os outros né? E eu acabei transformando essa dificuldade em uma vantagem né? E hoje, passado todos esses anos eu reconheço que em algum sentido foi vantajoso no sentido de eu conseguir construir uma identidade na qual hoje eu me insiro né? Pro bem e pro mal.”

“É. Foi um desafio importante, foi um desafio difícil né? Primeiro porque eu tive que desenvolver toda a minha formação e identidade sozinho né, juntando pequenos pedaços de um grande quebra-cabeça que é a arte marcial, mas não somente arte marcial, mas arte marcial integrado comigo e com os valores que eu sustento, que

eu defendo. Em segundo lugar foi encontrar uma posição, porque eu não tinha condições por razões profissionais, eu sou advogado de profissão, não tinha condições de me dedicar como professor de karatê, então eu tinha que encontrar o meu espaço né? Que não me exigisse a ponto de eu ter uma incompatibilidade com a minha profissão, mas que também eu pudesse permanecer na condição de professor. Então isso fez com que eu desenvolvesse alguns métodos próprios de desenvolvimento da arte. Primeiro deles eu me referi que foi juntar bibliografia e desenvolver estudos a respeito da história do Japão, da filosofia, do pensamento religioso oriental. O outro deles foi um processo muito importante que hoje eu já estou abandonando, mas muito importante que durou aproximadamente 35 anos de introspecção. Esse processo de introspecção me levou a pelo menos quatro treinamentos semanais de uma hora, uma hora e meia, sozinho, durante 35 anos. E eu carrego dessa experiência uma bagagem muito importante. Eu não estou dizendo que isso seja uma solução para outros professores, às vezes é uma particularidade da minha vida, da minha forma de ver e das minhas necessidades tá? Não acho que seja um caminho a ser trilhado, mas na minha perspectiva isso teve uma grande relevância. Eu acabei fazendo descobertas que eu creio né, se eu não tivesse me dedicado tantos anos a essa introspecção que na verdade era um processo quase que meditativo, me trancar numa sala sozinho na minha casa pra treinar e pra manter viva, acesa a chama, a centelha da arte que realmente me modificou muito e que criou perspectivas, visões, leituras, interpretações que eu carrego comigo até hoje. Hoje como eu tenho, já consegui montar o meu Dojo, então eu tenho contato com os alunos quase que diariamente, então esse processo de introspecção eu já não realizo com a mesma frequência né? Mas a bagagem e a criação e a semente e os frutos que eles deram estão muito bem introjetado em mim.”

Ao tratar dos desafios encontrados para iniciar o ensino do Karate-do, Yasutaka Tanaka, nos conta que não teve maiores dificuldades, que ele pensava que aquilo deveria ser feito, então seria feito, diz que esse seu modo de pensar também está muito relacionado com a sua personalidade. Ele menciona também que tinha a tarefa de deixar seu nome gravado no País através do Karate-do, que era essa a obrigação que seus superiores no Japão o incumbiram e que essa seria sua responsabilidade. Já Luiz Tasuke Watanabe conduz sua fala por um caminho diferente, ele traz a questão da remuneração financeira e ao longo de sua fala podemos notar que, apesar de que isso tenha sido uma dificuldade para ele, não afetou seu compromisso com o ensino do Karate-do. Nos trechos destacados em sequência, fala da boa receptividade que suas aulas tiveram na cidade de Porto Alegre. Em parte seus maiores apoiadores eram indivíduos ligados ao governo militar, destaque esse que foi conquistado através do título de campeão mundial e que, como é possível perceber, foi muito positivo para sua carreira como professor.

Luiz Biazus fala das dificuldades não só enquanto professor, mas também enquanto atleta. Em sua trajetória esportiva sua maior dificuldade foi a falta de apoio para participar de competições e quando abordada a questão do ensino do Karate-do, ele nos traz que o desconhecimento da prática por parte da sociedade era a maior dificuldade. Ele menciona que uma de suas maiores dificuldades foi a questão da fundamentação teórica acerca do Karate-do, pois por ele ser um acadêmico da área da Educação Física, buscou adequar um conteúdo teórico que tornasse de mais fácil compreensão do que seria a modalidade e assim conseguir explicar e transmitir melhor os conhecimentos da área.

Mazzitelli aborda a questão do Karate-do funcionando como federação esportiva e a importância dessas federações para o desenvolvimento dos professores, que muitas vezes necessitam uma entidade que regule e que organize os caminhos a serem tomados naquela modalidade. Malheiros Filho por sua vez diz que foi um desafio muito grande, pois como era muito jovem quando seu professor deixou Porto Alegre, ele passou por um longo período de construção de sua identidade como karateka e como professor. O outro desafio que o entrevistado menciona é a questão de encontrar sua posição, pois por possuir outra atividade profissional não conseguia dedicar-se inteiramente ao ensino do karate-do. Para conseguir superar isso, ele desenvolveu seus próprios métodos de estudo da modalidade, tornando sua prática mais introspectiva e criando uma bagagem única que considera muito importante para si.

A prática do Karate-do é vista em muitos contextos como algo negativo, pois utiliza-se de agressividade para realização de seu treinamento (AIRES, 2015), entretanto, nenhuma das falas dos entrevistados aponta essa causa como uma possível dificuldade para a inserção se seu trabalho. Um dos fatores que pode ser a causa disso é, como mencionado anteriormente, a diferença de momento social pelo qual o país passava na época referenciada pelos entrevistados. Partindo desse ponto de vista, Nunes e Franzoi (2010), nos auxiliam a compreender melhor o possível por quê do sucesso que a prática do Karate-do vivenciou. Os autores trazem o fato de que as situações de luta vivenciadas no treinamento devem servir como experiências para lidar com as situações igualmente perturbadoras pelas quais os praticantes passarão em suas vidas fora do Karate-do.

Outro tópico que teve destaque na fala dos entrevistados foi como se deu o desenvolvimento do ensino do Karate-do em suas cidades de atuação e os professores que formaram durante esse processo. Abaixo seguem as falas dos entrevistados sobre o assunto.

Yasutaka Tanaka:

“Teve algumas épocas, que o maior atrativo era um ensinamento mais violento, era o que o pessoal queria. Hoje em dia já é diferente. Se você mostra muita violência, a pessoa não aguenta. Você sabe. A luta deve ser assim mesmo. Quando era época de guerra, dá mais rigor. Agora, época de paz já é mais filosofia do que luta. Então, mas com o tempo, muda. Com o tempo, se puder continuar mesmo, eles vão entender. Meus alunos têm 30, 40 anos juntos. Então, eles entendem o que tem que ser. Então, eu acho que precisa tempo mesmo. Não adianta falar com a rapaziada [...]”

Luiz Tasuke Watanabe:

“Olha, acho que eu tive uma oportunidade melhor, porque pessoal do Sul tem mais disciplina [...] Por mais que brinca, tinha aquele respeito [...] quando cheguei, minha primeira academia foi na

frente da Escola de Medicina na Osvaldo Aranha, na verdade 70-80% estudantes de medicina, era aquele pessoal do interior. Então foi mais fácil, todo mundo tinha disciplina. [...] na minha área não sou formado em uma faculdade, em um curso superior, mas dentro da minha área acho que eu conquistei curso superior, porque eu consigo explicar e mostrar como atleta, como professor, como técnico, como árbitro, dimensão de cada coisa eu posso explicar. E tanto que por isso que eu acho que ainda estou sobrevivendo com essa idade, não tão bonito, capengando, mas estou viajando o Brasil e o mundo.”

“Meus antigos alunos também sofreram no início, não era questão de ignorância, eu entendia e dava aula, não explicava muito, eu dava duro como eu aprendi [...] Aqui no Brasil tinha mais que 20 professores fenômenos. Aqui em Porto Alegre tinha muito professor que de outras origens, nós trabalhávamos junto. Não tinha nenhuma vaidade, não, nos uniámos, e tentávamos manter aquela beleza da arte, tentávamos conduzir, conversávamos e estudávamos para levar por um rumo certo.”

“[...] uma das pessoas que está seguindo, mantém aquele rigor, é o professor Luiz Biazus. Tem professor Carlos Mazzitelli, têm vários, tem professor Nestor. Essa segunda, terceira geração, [...] cada um segue uma forma.”

“Ah, sim, professor Malheiros é um dos que têm nome. Advogado, ele virou um professor também, um dom que simpatiza essa arte, simpatizou a arte japonesa. E acho que ele me considera um segundo pai para ele naquela época. [...] aqui no Rio Grande do Sul já trabalhei de muitas formas, e tem muito aluno que chega a ser incalculável [...]”

Luiz Biazus:

“(Voltando), repeteco. ((riso)) Então, só tive atuação em Porto Alegre e período... curto período em Pelotas. Esse curto período de

Pelotas foi um trabalho realizado junto a um Dojo de Judô, por convite pessoal pelo proprietário ao Watanabe e ele, na impossibilidade de atender, me indicou para atuar junto a esse Dojo. E no caso coincidiu com o meu período aqui de formação na ESEF. E após um tempo, digamos, era muito difícil porque envolvia o deslocamento duas vezes por semana e ao mesmo tempo ainda cursando a Educação Física né. Terminava as atividades acadêmicas em torno de meio-dia, 12:20, a uma hora pegava um ônibus, me deslocava, chegava em Pelotas às cinco da tarde, ministrava aula até às nove da noite, retornava chegando aqui a uma hora pra no outro dia estar aqui às sete e meia.”

“Então, como se diz, não aguentei muito. ((risos)) Depois quem continuou foi o Flaubert lá em Pelotas. E eu aqui sempre continuei no apoio ao Watanabe já que era o aluno mais antigo, mais graduado, fui o primeiro aluno do Watanabe. Então eu era o segundo em comando, em todas as ausências e viagens do Watanabe eu que assumia as diversas atividades dele aqui.”

“[...] O karatê era uma novidade, totalmente desconhecido. Talvez pelo fato e principalmente da localização quando ainda no Dojo Sensei Obata que era defronte as faculdades, então a maioria dos alunos eram estudantes com, logicamente, participação de profissionais liberais. E havia uma boa aceitação assim como uma grande rotatividade, que nós fazíamos ou éramos, digamos assim, imbuídos do papel de divulgadores do karatê, então participações em programas de auditório de televisão de sábado à tarde isso era feito. Então, ninguém conhecia o karatê e o karatê começou a ser divulgado para a população em geral. E no caso cada participação dentro daquele contexto né, as participações em divulgação em programas de auditório, coincidindo também no início com o campeonato mundial, então todo mundo ficou sabendo que existia o karatê, inclusive com as polêmicas de um procurador do Rio de Janeiro querer expulsar o Watanabe por não ser brasileiro, por estar ilegal. Tudo faz parte desse contexto, inclusive o folclórico né?”

“Na realidade eu não formei nenhum professor. A formação dos professores, se assim a gente pode dizer professores foi pelo Watanabe, mas inclusive o Watanabe atribuiu ou, digamos assim, concedeu a faixa preta a poucos alunos. No caso que eu me recorde, a memória não me falhe, um, dois... três, quatro... cinco ou seis alunos somente.”

“Tudo da memória, mas seria eu, o Gilberto Alves, João Luiz de Oliveira Gomes, o Flávio de Oliveira, o Odoni, que eu não me recordo o sobrenome, parece que é Odoni Silva. O Valter Tadeu Moura... eu creio que seriam esses, caso não me falhe a memória.”

Carlos Mazzitelli:

“Pelotas, Rio Grande. Dei aula em Camaquã também. E nesses lugares todos que dei aula fui muito bem recebido por todos eles ali e reconhecido também por eles. Até homenagem eu recebi de Pelotas pela prefeitura pelo ensinamento que eu dei lá junto com o professor Watanabe”

“Aceitaram. Aceitaram porque viram que houve um aumento maior da parte do karatê não só como esporte, mas também como a filosofia do karatê e ensinamento técnico do karatê.”

“Não, eu tive alunos meus que chegaram na preta entendeu? [...] como instrutor ainda não.”

“[...] tiveram alunos meus que também começaram... continuaram, mas depois de se formar... em uma faixa mais graduada, mas depois continuaram com o professor Watanabe que eram os dois irmãos [...] Rodrigo Falseta e o Gustavo Falseta também. Esses dois. E teve outros também que daí eu não sei se continuaram, começaram a

dar aula ou alguma outra coisa, mas eram alunos meus que foram antigos. [...] Ah, também. O professor Fernando Malheiros também começou comigo, foi até uma certa faixa mais graduada no caso não lembro se era verde ou roxa na época, e depois como eu comecei dar aula fora do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre, ele daí começou a treinar com o professor Watanabe.”

Fernando Malheiros Filho:

“[...] Eu fui eventualmente chamado pra ministrar cursos em algumas cidades da grande Porto alegre como Novo Hamburgo, São Leopoldo, me lembro de uma vez em Santa Cruz do Sul. Fundamentalmente nos últimos anos em Caxias do Sul onde também eu desenvolvo algum trabalho lá com o professor Alexandre. E eu sempre tive muita receptividade. Agora a verdade é a seguinte, eu acho que a gente envelhece e aprende a ensinar né, não basta conhecer ou dispor do conhecimento, nós temos que aprender a transferi-lo né? Isso faz parte do processo de envelhecimento, faz parte do processo de formação cultural, e eu tenho tido realmente muita receptividade e eu tenho descoberto, diríamos, potências ainda desconhecidas pra mim pelo menos com relação à prática do karatê-do no sentido educacional, na sua força transformadora de um ser humano, no sentido de estimular aspectos de seres humanos que estão menosprezados por si mesmos né? E que a partir do momento que começam a praticar e começam a rever os seus valores, rever a relação com o entorno passam a ter uma outra disposição, uma outra forma de enfrentar a vida, uma outra determinação né, dentro desse exercício que é muito típico da arte marcial que mexe igualmente e ao mesmo tempo com a mente e com o corpo.

“Bem, eu tive a sorte ou a aventura de ter alunos que têm uma boa formação intelectual e educacional. Salvo raríssimas exceções

todos eles receberam muito bem, compreendem muito bem e, mais do que isso né, isso é uma coisa que a gente percebe através dos anos, pela minha modalidade de dar aula que é uma coisa muito particular, eu não sou um professor profissional, não vivo disso enfim, então eu acabo tendo alguns poucos alunos que me acompanham, mas é gente que tá comigo há 30 anos. Então quando alguém... 30-25-15 anos. Quando alguém elege um professor por um largo... por um prazo de tempo tão longo é porque realmente o vínculo é muito intenso né? Então eu acho que isso pra mim além de ser um orgulho, é uma confirmação da tese né, de que a forma de ensinar dessa maneira é realmente a que melhor frutifica. Até porque nós não estamos lidando com praticantes que vão ali daqui a um ano, dois, ganhar uma competição, nós estamos lidando com a formação de um ser humano né? Na juventude, na idade madura, mas também na velhice.”

“Bom, eu não tenho uma prática de formação de muitos professores. Por quê? Justamente por isso que eu acabei de explicar, não fui um professor profissional, não tinha um Dojo aberto né, então eu tive alguns alunos que acabaram durante algum tempo uns... alguns até hoje se transformando em professores de karatê. Tive também diríamos assim, uma influência paralela na formação de outros né? Inclusive em outros estilos, numa época em que eu praticava junto... estava inserido dentro de uma agremiação, de uma federação que unificava todos os estilos. Então eu posso me lembrar de pelo menos uns sete, oito professores que tenham passado pelas minhas mãos ou tenham feito toda a sua formação comigo ou tenham feito parte da sua formação comigo, alguns se transformaram em competidores, todos eles tenho excelente relacionamento até hoje com eles, o que muito me orgulha, e para mim é talvez a grande razão de viver. Porque eu acho que isso é um traço evolutivo que tá por trás da arte de ensinar.”

“[...] o professor Alexandre hoje lá em Caxias do Sul fui eu que formei. Ele começou a praticar com outro professor, mas a formação dele foi toda comigo. Há dois professores em Caxias do Sul até hoje de outro estilo que eu tive uma importância relativamente

marcante na vida deles lá, o professor Anselmo e a professora Sheila foram campeões de outras agremiações durante muitas vezes, tem experiência internacional. E alguns professores mais antigos que passaram pelas minhas mãos. [...] tem um professor que eu não sei se até hoje ele ministra aula, professor Rodrigo Falseta, que durante muito tempo praticou comigo também. Teve um professor que hoje até onde eu sei não está mais ministrando aulas, professor Luiz que foi professor lá do Lindoia, mas também foi meu aluno. E têm alguns professores que tiveram, eu tive alguma influência lá em Bagé tinha o professor Franklin que também praticou muito comigo durante muito tempo. Enfim, é um número grande de pessoas, afinal de contas são 45 anos, não consigo recordar de todos.”

Yasutaka Tanaka, diferentemente dos demais entrevistados, não atuou diretamente no Rio Grande do Sul, no entanto, seu aluno Luiz Tasuke Watanabe foi o introdutor do estilo Shotokan no Estado. Devido a isso, suas contribuições são muito importantes para o melhor compreender como se deu a formação de Watanabe e com isso também compreender a forma como este desenvolveu suas atividades no Estado. Sendo assim, quando Tanaka fala sobre o desenvolvimento do ensino do Karate-do ele nos traz dois momentos distintos, o primeiro, que diz respeito ao início da sua atividade como professor. Sobre esse período ele menciona que o principal atrativo era um ensinamento mais violento, mais rigoroso. O entrevistado relaciona essa “opção” de ensino com o cenário social da época (utilizando o termo “época de guerra”), que era o da ditadura militar, um período de muita opressão em insegurança na sociedade civil. Em contrapartida, ao falar sobre a forma de ensino atualmente, ele diz que é mais relacionado a filosofia do que com a luta em si, por estarmos em uma época de paz.

Watanabe quando fala sobre o desenvolvimento de suas aulas na capital gaúcha, nos diz que apesar de não ter curso superior e muita didática, seus alunos, por mais que tenham sofrido um pouco, conseguiram aprender. Ele menciona que, em seu ponto de vista, as diferentes etnias que formam o Estado do Rio Grande do Sul, tais como alemães, italianos, portugueses e os demais contribuíram para ser uma população mais disciplinada e que com isso ele não teve muitas dificuldades no ensino da modalidade. Outro ponto que ele destaca é que, desde sua época, haviam diversos professores de diferentes estilos de Karate-do e que

todos conviviam e trabalhavam em conjunto, buscando desenvolver o Karate-do no Estado. Watanabe, por ter tido um grande público nos locais nos quais dava aula formou diversos praticantes de Karate-do ao longo da década que viveu em Porto Alegre. Os alunos que se tornaram professores de Karate-do e dos quais ele mais se recorda são os professores Luiz Biazus, Carlos Mazzitelli e Fernando Malheiros, que também são participantes deste estudo dada sua relevância para o Karate-do do Rio Grande do Sul. Os três professores por ele citados atuam nos dias de hoje, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Clube Grêmio Náutico União e em seu próprio dojo, respectivamente.

Luiz Biazus nos conta que desenvolveu o Karate-do por um curto período de tempo fora da cidade de Porto Alegre, mas que devido às inúmeras viagens de seu professor, Watanabe, assumia muitas de suas atividades na ausência deste. Ele menciona também que devido à localização do dojo onde eram ministradas as aulas o desenvolvimento se deu de forma quase que natural, pois muitas pessoas visualizavam a atividade e com isso se inscreviam e participavam. Sobre os professores que formou, Biazus nos conta que não formou nenhum professor, fato esse que provavelmente se deve ao seu local de atuação e as condições nas quais ocorrem suas aulas, como já foi referenciado anteriormente. Por ser uma disciplina do curso de graduação em Educação Física, o objetivo passa a ser formar um professor de Educação Física com noções de diferentes modalidades esportivas e não um professor de Karate-do.

Mazzitelli atuou em outras três cidades além de Porto Alegre, sendo elas Pelotas, Rio Grande e Camaquã. Sobre o desenvolvimento da modalidade nessas cidades, ele nos conta que não teve muitos problemas, sendo inclusive homenageado em algumas delas não somente pela contribuição esportiva da modalidade, mas principalmente pela filosofia que a mesma contém. O entrevistado nos conta que teve alunos que chegaram na faixa preta, mas que nenhum deles se tornou instrutor ainda, ele nos conta também que Fernando Malheiros Filho iniciou a prática com ele, mas depois seguiu o professor Watanabe.

Através da fala de Fernando Malheiros Filho pode-se perceber que devido sua ocupação principal não ser a de professor de Karate-do, ele não conseguiu formar muitos instrutores, contudo ele cita um instrutor que atualmente ministra aulas na cidade de Caxias do Sul. Além destes ele cita outros quatro praticantes que foram fortemente influenciados por ele na prática do Karate-do. No que diz respeito ao seu desenvolvimento com a modalidade em outras cidades, ele se deu na forma de cursos ministrados no interior em diferentes

idades, tais como Novo Hamburgo, São Leopoldo, Santa Cruz do Sul, Caxias do Sul e Bagé. Em sua fala merece destaque o trecho no qual ele ressalta que acredita que com a idade seus métodos de ensinar Karate-do se aprimoraram, fazendo com que seus alunos tenham maior retenção.

Lopes e Tavares (2014) em seu estudo buscaram observar a prática pedagógica dos mestres de Karate-do, como um dos resultados de seus estudos eles concluíram que a prática pedagógica desses mestres constitui-se a partir da experiência. Através das experiências, segundo os autores, os mestres modificavam suas posturas pedagógicas, assumindo características mais reflexivas e relacionadas com os problemas sociais que os circundam. Podemos perceber que os achados de Lopes e Tavares (2014) condizem com algumas falas dos entrevistados, em especial com as de Tanaka e Watanabe.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As falas dos entrevistados foram distribuídas em duas categorias, 1) A introdução dos elementos integrantes da cultura Japonesa presentes na doutrina do Karate-do na prática cotidiana dos dojo e 2) A relação dos elementos da cultura Japonesa com a cultura Sul Rio Grandense através da perspectiva dos Sensei.

Para melhor entender a primeira categoria através do processo de análise de conteúdo foram destacados três pontos: o primeiro foi sobre os aspectos que o levaram a praticar o Karate-do, o segundo foi sobre a participação deles nas competições e o terceiro foi sobre os elementos da cultura japonesa que foram vivenciados no karate-do e como foram vivenciados no dojo.

A partir das repostas nas suas falas que são as mais variadas porque dois de nossos entrevistados são japoneses e três deles brasileiros, podemos considerar por causa disso que por exemplo o entrevistado japonês Tanaka sensei explica os três tópicos utilizados aqui de uma forma natural e aqui fica claro um dos elementos da cultura japonesa que é a do *senpai - kohai*<sup>25</sup>, ele explica que no caso da competição, ele não pensava, o Sempai mandava e ele obedecia, isso é típico da cultura japonesa, ele obedecia porque sabia que isso iria fazer bem a ele, por isso o resultado não importava. Para Watanabe sensei que foi criado no Brasil, esses aspectos estão bem definidos e sabe diferenciar os tópicos que estão relacionados com a cultura japonesa. Luiz Biazus tem resposta muito similar a Tanaka Sensei, no segundo tópico o que da entender que ha uma assimilação da cultura japonesa porém que ela se deu pela convivência com o seu sensei. Para Malheiros e Mazzitelli concordam no segundo tópico e para o primeiro a percepção dos elementos da cultura japonesa estão presentes hoje no seu dia dia a dia no seu dojo.

Na segunda categoria onde tratamos da relação dos elementos da cultura Japonesa com a Sul Rio-Grandense dois tópicos tiveram maior destaque, o primeiro, os desafios enfrentados no ensino do karate-do e o segundo, o desenvolvimento do karate-do no estado.

---

<sup>25</sup> O conceito que envolve a relação entre “Senpai” e “Kohai”, Senpai é o termo usado para tratar colegas mais velhos e experientes. Já Kohai, seria o antônimo, se referindo aos mais jovens dentro de um grupo, seja dentro das escolas ou instituições. Por serem mais experientes, os Senpai são tratados de forma respeitosa pelos Kohai. Essa característica que os japoneses aprendem desde cedo, é notada também em diversas situações cotidianas, não se prendendo apenas ao que acontece dentro das escolas ou ambiente de trabalho.

Fonte: <http://www.japaoemfoco.com/aprendendo-japones-titulos-e-honorificos/>

Tratando dos desafios enfrentados no ensino, o Tanaka sensei explica que ele tinha colocado como meta de vida ensinar o karate-do no Brasil, porque essa era a tarefa que os seus superiores tinham incumbido a ele ao sair do Japão. Para Watanabe já foi diferente, no início suas aulas tiveram uma receptividade muito boa, mais depois do título mundial as coisas ficaram mais fáceis e muitas portas se abriram. No caso do Biazus como professor de Educação Física, a maior dificuldade foi criar um conteúdo teórico que fosse aceito no meio teórico da faculdade dele, que por ser uma prática nova no Brasil, carecia de trabalhos científicos que sustentassem o valor dela no meio da Educação Física. Para Mazzitelli a preocupação dele estava centrada numa Federação de Karate que desse suporte aos professores da área. Malheiros fala que para ele o desafio foi muito grande por causa da construção da sua identidade como professor de karate-do, já que ele era muito novo quando o Watanabe sensei deixa Porto Alegre.

O segundo tópico tratado está relacionado ao desenvolvimento do karate-do no estado neste caso é importante citar a pessoa do Tanaka sensei que apesar de não ter trabalhado no Estado como os outros porque é residente no estado do Rio de Janeiro, ele formou o Watanabe sensei que foi a pessoa que introduziu o Karate-do no Estado do Rio Grande do Sul e a partir de ali podemos ter uma ideia de desenvolvimento do karate-do aqui no estado.

Para Tanaka Sensei existiram dois momentos neste desenvolvimento, o primeiro está relacionado a formação dele como professor de karate aqui no Brasil, que foi um momento marcado pela ditadura militar, foram momentos de um karate forte e de certa forma orientado para um cenário de guerra e o segundo momento é o que acontece após este momento citado anteriormente, que é um momento de paz, o momento atual, onde o mais importante é a educação e a construção de um cidadão de bem.

Watanabe sensei explica que ele foi beneficiado pelo Estado e suas diferentes etnias o que fazem do povo gaúcho um povo mais disciplinado que em outras partes do Brasil, outro ponto que ele chama a atenção é que tinha na época outros professores de outros estilos de karate que conviviam e trabalhavam para desenvolver o karate em conjunto. Os professores que ele formou e estão ainda na ativa são Luiz Biazus, professor na Esefid - Ufrgs, Carlos Mazzitelli, professor no Clube União e Fernando Malheiros Filho, professor no seu dojo próprio.

Os três professores citados pelo Watanabe sensei contam que não tiveram problema quanto ao desenvolvimento do karate-do nos seus respectivos lugares de ensino onde

trabalham e onde já trabalharam, um deles citou que tem alunos faixas pretas mais que não são professores e outro citou que tem um aluno faixa preta que é professor e outros que são faixas pretas também.

Desta forma na primeira categoria podemos considerar que houve introdução dos elementos da cultura japonesa principalmente em aqueles que foram educados no Brasil, porém ela aconteceu pela convivência gerada pela prática do karate-do com o Sensei que no caso foi o Watanabe sensei.

Ao finalizar podemos afirmar que cada professor teve uma experiência única no que diz respeito aos desafios enfrentados no ensino do karate-do, porém vale salientar neste momento ao analisar as falas deles, que nenhum deles pensou em desistir da tarefa que em alguns casos virou vocação ao longo da vida de cada um.

No segundo tópico relacionado ao desenvolvimento do karate-do no Estado, podemos afirmar que não houve problemas quanto ao desenvolvimento, cada professor em suas respectivas áreas de atuação, Dojo, Clube, Instituições e Universidades, trabalharam e observaram que a medida que o tempo de prática e ensino aumenta, a possibilidade de ter uma metodologia que gere uma maior retenção nos seus alunos existe.

Através das falas pode-se concluir que houve a introdução dos elementos da cultura Japonesa presentes no karate-do e ela acontece no momento da prática dos seus participantes e pela própria convivência que a prática propicia com o seu Sensei, neste caso, Watanabe.

Quanto a relação dos elementos da cultura Japonesa com a Sul Rio-Grandense, ela acontece sim e um dos fatores apontados na pesquisa é o fato que o Estado do Rio Grande do Sul ter uma colonização de base europeia o que de certa forma facilita a relação de elementos culturais, como já citados na pesquisa, elementos como: organização, religiosidade, respeito e disciplina.

## REFERÊNCIAS

- AIRES, Alfredo; AIRES, Hannah; BARBOSA, Marcos Levi Lopes. Suporte e percepção do atendimento das necessidades psicológicas básicas em praticantes de karate-do: um estudo correlacional. *Leituras, Educacion Fisica y Deportes, Buenos Aires*, v. 17, n. 175, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd175/necessidades-psicologicas-em-karate-do.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2015.
- ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: PINSKI, C. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 23-80.
- BACELLAR, C. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKI, C. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2 ed., 2010, p. 23-80.
- BARBOSA, M. L. L. Relatório parcial de pesquisa: Autodeterminação do esporte escolar. Núcleo de Pesquisa em Psicologia e Pedagogia do Esporte. UFRGS. 2010.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 6. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BAUER, Martin. *Análise de conteúdo clássica: uma revisão*. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2013. p.189-217.
- BOUDON, R. *Dicionário de Sociologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.
- BÜLL, Wagner J. *Aikido o Caminho da Sabedoria / Dobun História e Cultura*
- BURKE, P. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Bauru: Educs, 2004.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.
- DANIELS, K.; THORNTON, E. Length of training, hostility and the martial arts: a comparison with other sporting groups. *Brit. J. Sport Med.* [S.I.], v. 25, n. 3, p. 118-120, 1992.
- DRAEGGER, D., "The Martial Arts and Ways of Japan: Classical Budo." John Weatherhill, Inc. Tokyo 1973.

- ELIAS, Norbert. Sobre o tempo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1984.
- FERNANDEZ,S, Felix. Didactica y técnica de karate. Bilbao: Fher, 1992.
- FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009a.
- FLICK, Uwe. Qualidade na pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009b.
- FROSI, Tiago Oviedo. Uma História do Karate-Do no Rio Grande do Sul: de Arte Marcial á Prática Esportiva. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- FUNAKOSHI, G. (1997). Karate-Do Kyôhan: The master text (T. Oshima, Trad.). Tokyo, New York, London : Kodansha International. (Original publicado em 1973)
- FUNAKOSHI, Gichin. Karatê- do O meu modo de vida. São Paulo: Cultrix, 1975.
- GOBIERNO DE OKINAWA. La cultura de Okinawa. Naha, Okinawa, Japón, 1992.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP & A, 1997.
- HARADA, Mitsuzuke. Entrevista realizada por Jonathan de Claire, 2017. Disponível em: <http://www.karatedoshotokai.com/viewArticle.php?article=10>. Acesso em 1 de setembro de 2017.
- HERRIGEL, E. (1995). A arte cavalheiresca do arqueiro Zen (J. C. Ismael, Trad.). São Paulo: Pensamento. (Original publicado em 1975)
- INOUE, Mitsuo. Con el Karate, busca equilibrio em uma ciudad que vive tensa. Clarín, Buenos Aires, p.1, 21 de jul. 2011.
- KOSSOY, B. Fotografia e história. São Paulo: Cortez, 2004.
- LEDUR, J. A. *Karatê no Rio Grande do Sul: as contribuições de Akira Tanaguchi* Monografia (Graduação em Educação Física). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKI, C. (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2010, p. 23-80.
- MACHIDA, Yoshizo. Entrevista realizada por Francisco Noriyuki Sato, 2014. Disponível em: <http://www.culturajaponesa.com.br/index.php/a-incrivel-vida-de-yoshizo-pai-do-lyoto-machida-da-ufc/> . Acesso em 1 de agosto de 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. Metodologia da investigação científica aplicada para as ciências sociais aplicadas. São Paulo: Atlas, 2009.

MELO, V. A.; FORTES, R. História do Esporte: panorama e perspectivas. Fronteiras, Dourados, v. 12, n. 22, p. 11-35, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

NAKASONE, Genwa. Prefácio. *In*: FUNAKOSHI, Gichin; NAKASONE, Genwa. Os vinte princípios fundamentais do karatê: o legado espiritual do mestre. São Paulo: Cultrix, 2005. p. 15-19.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. *In*: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto (Org.). A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 63-99.

NICOL C. W. "Zen en movimiento". Ed Diana 1978.

NISHIYAMA. H. "Karate. The art of empty hand". Tuttle, Japan, 1975.

NÓVOA, Antonio. Para um estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. Teoria & Educação, n.4, 1991.

NUNES, R. ; FRANZOI, E. Inportância do karate-do nas aulas de educação física para o desenvolvimento de alunos das séries iniciais do ensino fundamental. *Ágora: R. Divulg. Cient.*, ISSN2237-9010, mAFRA, V17, N. 1, 2010.

OLIVEIRA NETO, W. O tiro e as sociedades de atiradores em São Bento do Sul, Santa Catarina: aspectos históricos de um patrimônio cultural. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinvile, Joinvile, 2010.

OLIVEIRA, Gabriel Bezerra de; FROSI, Tiago Oviedo. Karate no Rio Grande do Sul. *In*: MAZO, Janice; REPPOLD FILHO, Alberto. **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CREF2RS, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy, História & História Cultural. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RAGLIN, J. S. Exercise and mental health: beneficial and detrimental effects. *Sports Med.* [S.I.], v. 9, n. 6, p. 323-329, 1990.

RANDALL G. Hassell. *Conversations With the Master: Masatoshi Nakayama*, Damashi Publications. 1983.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa Documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 1-15, jul. 2009.

SAKURAI, Célia. *Os Japoneses*. São Paulo: Contexto, 2014.

SASAKI, Y. (1995). *Karate-Dô*. São Paulo: CEPEUSP.

SELLS, John. *Unante. The secrets of karate*. W.M. Hawley Library - California, U.S.A. 2000.

SILVA, C. F.; PEREIRA, E. L.; MAZO, J.Z. Clubes sociais: práticas esportivas e identidades culturais. *Licere*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, jun. 2012.

STANDAGE, M.; DUDA, J. L.; NTOUMANIS, N. A model of contextual motivation in physical education: Using constructs from self-determination and achievement goal theories to predict physical activity intentions. *Journal of Educational Psychology*, v.95, p.97-110, 2003.

TANAKA, Yasutaka; ARRIGONI NETO, Ugo; SEPULVEDA, Aldir. *Considerações sobre Karate-do*. 1 ed. Rio de Janeiro: Publit. 2013.

TERAMOTO, John. Introdução. *In: FUNAKOSHI, Gichin; NAKASONE, Genwa. Os vinte princípios fundamentais do karatê: o legado espiritual do mestre*. São Paulo: Cultrix, 2005. p. 7-15.

VAMPLEW, W. História do Esporte no cenário internacional: visão geral. *Revista Tempo*, vol. 19, n. 34, dossiê “Uma história do esporte para um país esportivo”, nov. 2012.

\_\_\_\_\_. Foucault e educação: Outros estudos foucaultianos. *In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Sujeito da educação. Estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994.

. São Paulo: Editora Pensamento, 2011.

WATANABE, Luiz Tasuke. Entrevista concedida em 2014. Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

WEBER, R. A construção da “origem”: os “alemães” e a classificação trinária. *In: Reckziegel, Ana Luiza Setti & Félix, Loiva Otero. RS: 200 anos definindo espaços na história*

nacional. Passo Fundo/ RS: UPF, 2002, pp. 207-15.

## GLOSSÁRIO

Chuan Fa - Forma de luta precursora ao Karate desenvolvida na China e levada para Okinawa através de intercâmbios comerciais (AIRES, 2007).

Dan – Denominação utilizada para designar as graduações a partir da faixa preta (MORI, 2010).

Do – Literalmente Do significa caminho ou percurso. Contudo, para as artes marciais o Do é uma disciplina, um caminho de vida em busca do auto-aperfeiçoamento. É o fundamento por trás do estudo e treinamento das artes marciais (MORI, 2010).

Dojo – Local para prática ou treino (NUNES, 2013). De acordo com Mori (2010) o Dojo de Karate-do deve ser considerada como uma área santificada, pois é o local onde estudamos o Karate-do. No Dojo as boas maneiras são valorizadas e respeitadas por todos.

Dojo Kun – São os preceitos para os estudantes de Karate-do, representam as vontades e os objetivos a ser alcançados através da prática (MORI, 2010).

Ikken Hissatsu - Derrotar o oponente com apenas um golpe (SASAKI, 1991).

Ippon – Ponto completo que define o combate e determina a vitória para o lutador que conseguir essa pontuação (NUNES, 2013).

Ippon Kumite – É uma forma de Kumite com a técnica e a distância pré-estabelecidas, desenvolvida com apenas um passo e um golpe seguido de defesa e contra-ataque. Busca atingir o defensor de forma contundente com apenas um golpe e esse por sua vez deve defender-se e contra-atacar o mais rápido possível. Por ser uma forma de luta combinada os riscos são reduzidos, porém ainda exige muita atenção dos participantes (TANAKA; ARRIGONI NETO; SEPULVEDA, 2013).

Japan Karate Association – Instituição criada em 1949 para disseminação do Karate-do Shotokan tendo Gichin Funakoshi como instrutor chefe (MORI, 2010).

Jyu Ippon Kumite – Através do Jyu Ippon Kumite o praticante começa a desenvolver a percepção da distância em uma situação dinâmica dada pela movimentação dos participantes. É uma forma de luta na qual os golpes são previamente estabelecidos pelos participantes (TANAKA; ARRIGONI NETO; SEPULVEDA, 2013).

Jyu Kumite – É uma forma de combate livre, na qual os golpes não são previamente estabelecidos e qualquer participante pode atacar a qualquer momento. Não existe um conjunto de regras estabelecidos, porém há um acordo de que os participantes devem terminar

seus golpes a uma curta distância dos pontos vitais do oponente (FUNAKOSHI, 2014).

Kara – Significa vazio, de acordo com o pensamento japonês o vazio indica o não egoísmo, a retidão, obediência e gentileza (FUNAKOSHI, 2014).

**APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

**Dados de Identificação do Entrevistado**

Nome completo:

Apelido:

Data de nascimento:

Naturalidade:

Escolaridade:

Tempo de atuação na profissão:

Atividade profissional atual:

Endereço para contato:

Telefone:

E-mail:

Clube ou entidade que atualmente representa:

Clube ou entidade que já representou:

Outra atividade laboral (qual?):

## ROTEIRO DE ENTREVISTA

### Questões:

- a) Como ocorreu a sua inserção no Karate-do?
- b) Como surgiu o interesse por este esporte em específico?
- c) Como foi envolvimento da sua família no percurso esportivo?
- d) Quais competições mais importantes em sua carreira esportiva?
- e) A participação em competições foi importante para você?
- f) O que significou a conquista de medalhas para você?
- g) Quais foram os desafios enfrentados ao longo do seu percurso esportivo?
- h) Que aspectos da cultura japonesa colaboraram com a sua formação como *sensei*?
- i) Que aspectos da cultura japonesa você conseguiu transferir para seus alunos?
- j) Como foi o seu desenvolvimento no Karate nas cidades que você atuou?
- k) Comente sobre as aulas que você ministrava?
- l) Como foi a receptividade dos alunos com esta modalidade?
- m) Comente sobre alguns professores que formou aqui no estado?
- n) Quais foram os desafios enfrentados como professor/*sensei*?
- o) Você gostaria de falar algo que não foi perguntado na entrevista?

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA, E DANÇA

Prezado Senhor:

Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar do projeto de pesquisa “A difusão da cultura japonesa no Rio Grande do Sul: a atuação dos *senseis* de karate-do Shotokan”, por você apresentar possibilidades de contribuir para o mesmo a partir de seus conhecimentos e de suas experiências. O objetivo da pesquisa é: “como a cultura japonesa foi difundida pelos *senseis* nas academias de prática de karate-do no Rio Grande do Sul nas décadas de 1970 e 1980”.

Se você concordar em participar deste estudo, responderá a uma entrevista elaborada pelo pesquisador, com o tempo máximo de duração previsto de uma hora. Seu relato é muito importante para que possamos coletar informações necessárias para nosso estudo, a partir da visão de quem vivenciou o karate-do shotokan nas décadas de 1970 e 1980. Para tanto, requeremos seu assentimento para a realização da entrevista, pois esta poderá ser gravada em áudio e/ou vídeo através de aparelhos digitais, tais como câmera filmadora e gravador de voz.

Informamos que sua entrevista será transcrita integralmente. Finalizada a transcrição retornaremos o documento para revisão e seu consentimento de publicação dos resultados. Solicitamos autorização para utilizarmos suas imagens, captadas durante a filmagem da entrevista, além de eventuais fotografias, para a produção de projetos audiovisuais (vídeo clips, documentários, etc.) e/ou projetos culturais (exposições, oficinas, etc.). Caso seja do seu interesse, enviaremos posteriormente uma cópia da entrevista em áudio e/ou vídeo para uso pessoal.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo o senhor: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos que suas informações serão utilizadas sem fins comerciais. E, que o senhor não terá custos financeiros e nem será remunerado por sua participação.

Ressaltamos que adotaremos os cuidados necessários para evitar qualquer tipo de constrangimento relativo à pesquisa, embora sempre exista a possibilidade de riscos. Esperamos por meio de esta pesquisa preservar a memória esportiva do Rio Grande do Sul e produzir novos conhecimentos, divulgando os resultados no meio acadêmico e esportivo.

Caso o senhor tenha dúvidas ou necessite de outros esclarecimentos, poderá contatar a qualquer momento a pesquisadora responsável pelo projeto, professora Janice Zarpellon Mazo, no endereço profissional à Rua Felizardo, nº 750, Bairro Jardim Botânico, Porto Alegre

– RS, CEP 90690-200, ou pelo telefone (51) 9957-9428, ou no endereço eletrônico [janice.mazo@ufrgs.br](mailto:janice.mazo@ufrgs.br), ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo telefone 3308-3629 ou por e-mail: [etica@propesq.ufrgs.br](mailto:etica@propesq.ufrgs.br).

O presente termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao (à) senhor (a).

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 201 \_\_\_\_

### APÊNDICE C – DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE

**Entrevistador**

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Eu, \_\_\_\_\_, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos, concordo em conceder a entrevista e participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Eu, \_\_\_\_\_, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima. Assim, permito a identificação de meu nome, o uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista para os fins descritos no presente termo. Declaro que recebi cópia deste documento.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Em caso de algum tipo de restrição com relação ao uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista, favor utilizar o campo abaixo para esclarecimentos.

---

---

---

---